

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
Programa de Pós-Graduação em História

Discursos de Benito Mussolini: Permanências e Mudanças (1919-1922)

MESTRADO EM HISTÓRIA

Giuseppe Rafael Caron

**SÃO PAULO**

**2015**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
Programa de Pós-Graduação em História

Discursos de Benito Mussolini: Permanências e Mudanças (1919-1922)  
MESTRADO EM HISTÓRIA

Tese apresentada ao  
departamento de Pós-Graduação  
em História da Pontifícia  
Universidade Católica de São  
Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Pedro Tota  
Orientando: Giuseppe Rafael Caron.

**SÃO PAULO**

**2015**

**Banca Examinadora**

---

---

---

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente aos meus pais, pelo carinho, amor e o apoio que me deram durante toda a minha vida. A minha namorada pela paciência, o cuidado e o companheirismo ao longo desses anos. Ao meu orientador Antonio Pedro Tota, pelas orientações em momentos difíceis e pela ajuda no desenvolvimento de minha tese; agradeço também ao professor Antonio Rago Filho que, desde a graduação, me apoiou nos estudos sobre o fascismo italiano. Aos meus amigos, por me distraírem quando era necessário. Preciso agradecer também a meu amigo e professor de italiano Isegnante Maber, pois, sem sua ajuda nas traduções, esse trabalho nunca teria saído do papel. Aos revisionistas Ligia Abrantes e Ernani Terra, por darem vida e sentido a esse trabalho. E por fim às bolsas CAPES e CNPq por me custearem e por permitirem que este trabalho fosse finalizado.

## RESUMO

Esta pesquisa, sob orientação do Prof. Dr. Antonio Pedro Tota, tem por tema as modificações ideológicas do fascismo italiano entre os anos de 1919 a 1922. Seu objetivo é observar, por meio dos discursos de Benito Mussolini, as transformações que o fascismo estava sofrendo antes da tomada do poder através da *Marcha sobre Roma*. Este trabalho pretende responder às seguintes perguntas: “O que levou o fascismo italiano a se modificar nesse curto espaço de tempo?” e “O que foi esse *fascismo movimento*?”. Como metodologia foram analisados os discursos pronunciados pelo *Duce* nos anos que antecedem o governo fascista. O trabalho de dois dos principais historiadores do fascismo, Renzo de Felice e Emilio Gentile, associado às técnicas da Escola Francesa de Análise do Discurso, serviram de fundamentação teórica a esta pesquisa. Como resultado, apontamos a necessidade do fascismo em negociar com o seu público, adaptando-se assim a suas realidades. Além disso, iremos observar a identificação cada vez maior do fascismo com a cultura italiana.

**Palavras-chave:** Fascismo; Benito Mussolini; discurso.

## ABSTRACT

This research, under the guidance of Prof. Dr. Antonio Pedro Tota, has as theme the ideology modification of Italian fascism from 1919 to 1922. The objective is to observe through Benito Mussolini's speeches the transformation of fascism before the seizure of power through of March on Rome. This work respond the following questions: “Which led the Italian fascism to change in that short period of time?” and “What was fascism movement?” As methodology was analyzed the speeches given by Duce in the years before the fascist government. The two of the leading historians of fascism, Renzo de Felice and Emilio Gentile together with Frances Speech analysis provided the theoretical basis for this research. As a result, we point out the need of fascism in negotiating with your audience, adapting to their realities, in addition, we can observe the increasing approximation of fascism with Italian culture.

**Keywords:** Fascism, Benito Mussolini, Speech.

## Sumário:

<b>Introdução</b> .....	1
<b>Capítulo I: Il Primi Postulati Fascisti</b> .....	12
1. O primeiro discurso de Benito Mussolini e a Itália pós-guerra.....	12
2. Versalhes e a aventura militar de D'Annunzio.....	26
3. O Proletariado Italiano de 1919.....	36
<b>Capítulo II: Os anos da transformação: 1920-1921</b> .....	50
1. Crítica sobre o Socialismo.....	51
2. Violência.....	62
3. O Mito fascista: A busca de Mussolini a uma consciência coletiva italiana.....	69
3.1. O Passado: A Roma Antiga, Catolicismo, A Itália Medieval e do <i>Risorgimento</i> .....	70
3.2. Presente e Futuro: A juventude fascista.....	78
4. O Camponês.....	80
5. O fim do <i>Fasci di Combattimento</i> e o início do Partido Nacional Fascista.....	89
<b>Capítulo III: “Roma ou a Morte”: os quatro últimos discursos que antecederam a Marcha sobre Roma</b> .....	96
1. O Programa Fascista de 1922.....	96
2. Viva a Casa de Savoia e Viva o Rei!!!!.....	103
3. A Revolução Fascista e a conquista do Sul.....	108
<b>Conclusão</b> .....	114
<b>Referências Bibliográfias</b> .....	117

## 1. Introdução

Este trabalho tem por tema o movimento fascista de 1919 (ano em que surge em Milão, recebendo o nome de *fasci di combattimento*) a 1922, quando este tomou o poder através da *Marcha sobre Roma*. O estudo desse período permite-nos observar o fascismo nos primeiros anos de vida, ainda em busca do poder. Acompanharemos a construção do movimento e de sua ideologia, que sofreu modificações consideráveis em apenas três anos de existência. Para estudar essas ideias, pretendo utilizar os discursos políticos pronunciados pelo líder do movimento, Benito Mussolini, que foi, durante muito tempo, uma das poucas formas de propaganda que os fascistas tinham para expressá-las. Mussolini ficaria marcado por seus discursos, que realmente tiveram uma força muito grande na vida do fascismo: “O ‘discurso de Mussolini’ era o momento culminante, o momento de entusiasmo, o momento da identificação das massas com o chefe, pelo menos assim ele teria querido que fosse; e o foi, sem dúvida, em algumas circunstâncias.” (DE FELICE, 1988, p.58)

Trabalho sobre esse tema desde minha graduação; contudo, na época em que fiz o meu TCC, só tinha em mãos os últimos discursos de Benito Mussolini. Já no mestrado, trago quase todos os discursos entre 1919 a 1922. Os discursos de 1919 a 1921 se encontram em italiano; sua tradução foi feita por mim e pelo professor Insegnante Maber.

Como surgiu o fascismo? Para responder a essa pergunta devo retomar a história italiana, principalmente a história da Itália como Nação. Diferentemente dos outros países da Europa, com exceção da Alemanha, a Itália teve sua unificação realizada tardiamente, somente em 1870. Antes desse acontecimento, existiam pequenos reinos, principados e repúblicas. Além de governos diferentes, a cultura e a língua não eram idênticas. A primeira tentativa de criar um governo único veio a partir da invasão de Napoleão, quando ele unificou os principais Estados do norte e criou um governo único comandado por pessoas de sua confiança. Entretanto, a unificação durou pouco tempo, acabando junto com o governo de Napoleão na França. Com a assinatura dos tratados no Congresso de Viena, alguns territórios que pertenciam à Península Itálica foram cedidos ao Império Austro-Húngaro, por sua participação na derrota de Napoleão.



Esta curta experiência, no entanto, permitiu o surgimento de intelectuais que defenderiam a unificação da península como um modo de competir, tanto política quanto economicamente, com os outros países europeus. Eles seriam os primeiros nacionalistas italianos.

Porém, o projeto de unificação só ganharia força alguns anos depois, na metade do século XIX, com o apoio do rei Vittorio Emanuele II da casa de Savoia, dos intelectuais Camillo Benso, mais conhecido como Conde de Cavour e Giuseppe Mezzini e, por fim, do general Giuseppe Garibaldi. Enquanto Emanuele e Garibaldi davam o apoio militar à causa, Cavour e Mazzini criavam o que eles pretendiam ser a nova cultura italiana. Chamaram o projeto de *Risorgimento*. Como o próprio nome diz, o projeto pretendia trazer de volta a época de ouro da Itália, em que ela mais se destacava perante os outros países europeus. Simultaneamente, essa época deveria remeter à mesma lembrança a quase todas as regiões da Itália. Por isso, o período escolhido foi o do Renascimento italiano. No entanto, o projeto não deu muito de certo, principalmente pelo fato de as escolhas culturais privilegiarem mais a região Norte do país, excluindo o Sul, causando assim uma divisão entre Norte e Sul, que até hoje não foi completamente resolvida.

A Primeira Guerra Mundial teve uma grande importância para o surgimento do fascismo e para a história da Itália. Muitos italianos enxergam a Primeira Guerra Mundial como o complemento de sua unificação, não somente pela retomada da região do Veneto, mas também por levar milhões de jovens de diversas regiões italianas para o *front*, obrigando-os a superar suas diferenças regionais para poderem sobreviver.

A guerra também provocou uma radicalização na política italiana, causando danos colaterais aos Liberais. Nas palavras do próprio Benito Mussolini: “A coragem está em proclamar que a revolução puramente política, que agita os cérebros das massas, não irá resolver o problema social que a guerra precipitou e impôs a solução.” (MUSSOLINI, 1921, p.72)<sup>1</sup>. A guerra realmente modificou o espaço social europeu, quebrando o poder que o Partido Liberal tinha. A crise criada pela guerra permitiu que novas ideologias aparecessem e que outras chegassem ao poder (como o bolchevismo, na Rússia).

---

<sup>1</sup> Il coraggio sta nel proclamare che la rivoluzione puramente politica che scalda il cervello delle masse, non saprebbe risolvere il problema sociale di cui la guerra ha precipitata ed imposta la soluzione.

Essa breve e rápida passagem sobre a história da unificação italiana ajuda-nos a compreender porque Mussolini e o fascismo puderam surgir e como ele se apoiará nesse período da história nacional para promover o movimento. Mussolini acreditava que o fascismo tinha como tarefa terminar o que os pais do *Risorgimento* haviam começado, chegando ao ponto de chamar o fascismo de um *Novo Risorgimento*.

Encontrei nas obras de *Renzo de Felice* (1929-1996) – um dos mais importantes biógrafos de Benito Mussolini e estudioso do fenômeno - a razão de ser de minha pesquisa, inclusive o que eu precisava pesquisar para compreender o fascismo. Todavia, Renzo de Felice estava convencido de que havia chegado o momento de tentar um discurso mais propriamente histórico, menos político, que certamente não se podia pedir a quem tivesse vivido o fascismo, combatendo-o, como antifascistas, ou apenas como seu espectador. (DE FELICE, 1988, p.11)

*De Felice* aponta em sua obra que os estudos posteriores à guerra estavam polarizados entre posições contra e a favor do fascismo. A sua preocupação era com os discursos políticos que procuravam caracterizar o fascismo como um “erro”, ou ignoravam outras análises históricas que buscavam entender o que foi o fascismo. *De Felice* aponta em suas obras as principais historiografias sobre o fascismo, destacando as historiografias comunista e a liberal<sup>2</sup>. Ambas têm o seu valor, mas devem ser observadas com cuidado, pois muitas “fórmulas prontas” sobre o fascismo podem conter equívocos.

Para demonstrar que as áreas de estudo sobre fascismo não se esgotaram, *De Felice* abre um novo leque, dividindo-o em dois novos campos de estudos: o fascismo movimento e o fascismo no poder:

O discurso é fundamental, por que o fascismo movimento é uma constante da história do fascismo; uma constante que aos poucos perde importância, hegemonia, que se torna sempre secundária, mas que está sempre presente. O fascismo movimento é o ‘fio vermelho’ que liga março de 1919 a abril de 1945; o fascismo regime, o fascismo partido, por outro lado é outra coisa. (DE FELICE, 1988. Pg. 29)

---

<sup>2</sup> Existem muitas outras; para compreensão melhor indico o livro do próprio Renzo De Felice, *Interpretações sobre o fascismo*.

O “fascismo no poder”, como o próprio nome já diz, foca seus estudos na época em que o movimento governou a Itália entre 1922 a 1945<sup>3</sup>; já o “fascismo movimento” é todo o contexto que teve durante sua vida. Em outras palavras, trata-se do fascismo ideológico, o qual será abordado a partir desta pesquisa. Para mostrar melhor o que é fascismo movimento utilizo a abordagem do professor Robert Paxton:

Já foi dito que um partido político é como um ônibus: as pessoas estão sempre saindo e entrando e saindo. À medida que fomos prosseguindo, veremos como a clientela fascista se alterou ao longo do tempo, dos radicais da fase inicial para os carreiristas das épocas posteriores. Aqui, também não podemos perceber o fenômeno em sua totalidade examinando apenas seu começo. (PAXTON, 2007, p. 97)

O fascismo foi um movimento que não nasceu pronto. Isso se deve ao fato de que Benito Mussolini nunca criou um plano ou uma diretriz para o seu movimento e futuro partido: “não precisamos de programas para essa reivindicação” (MUSSOLINI, 1921, P.62)<sup>4</sup>. As primeiras diretrizes fascistas ganharam forma escrita somente em 1932 na obra *Doutrina do Fascismo*. Essa falta de direção teórica do movimento permitiu que várias pessoas se juntassem a ele, trazendo consigo novas ideias, as quais iam se atrelando a outras que iam deixando de existir. É o que pretendo demonstrar nesse trabalho: o movimento que o fascismo e suas ideologias tiveram no decorrer de sua existência, se elas se modificaram ou se permaneceram, e o porquê dessas mudanças.

Mesmo sendo raros, existem estudos sobre o “fascismo movimento”. Muitos deles elaborados pelo professor Emilio Gentile, aluno de Renzo de Felice. Em uma de suas obras, Gentile apresenta um debate sobre dois projetos que o fascismo desenvolvia para quando tomasse o poder: um deles seria tornar o fascismo um movimento autoritário, isto é, o fascismo iria ser um instrumento purificador dos organismos públicos contaminados pelas ideologias liberais. Neste caso, o fascismo não governaria para sempre e, após cumprir sua missão, deveria se retirar do poder. Esse projeto era defendido pelas alas menos “revolucionárias”, formadas principalmente pelos membros que haviam aderido ao movimento nos anos próximos à *Marcha Sobre Roma*. Porém, existiam aqueles mais radicais que defendiam que o fascismo tinha que se

---

<sup>3</sup> Muitos especialistas consideram o governo fascista a partir de 1927, quando realmente temos o início da ditadura de Mussolini; porém não devemos esquecer que foi em 1922 que Mussolini chega ao cargo de primeiro ministro da Itália.

<sup>4</sup>Non possiamo precisare il programma di questo rivendicazioni.

tornar totalitário. Esses eram os membros mais antigos do fascismo italiano. Acreditavam que o fascismo deveria construir uma nova cultura para a Itália através de suas ideologias.

Não quero entrar no debate se o fascismo era ou não totalitário, até porque já temos obras muito boas que discutem isso. Dentre elas se destaca a de Hannah Arendt, *As Origens do Totalitarismo*. O que me interessa é que, tanto um governo totalitário quanto um autoritário, deve ser construído através de uma ideologia, e aqui minha pesquisa se concentra.

Como conseguir observar a ideologia por trás de um movimento político? Existem várias maneiras e publicações que podem ser utilizados para se estudar e identificar as ideologias, de panfletos a jornais do partido. Para esse trabalho, escolhi os discursos de Benito Mussolini.

Com essa escolha, acabei esbarrando em outro problema: como trabalhar discursos políticos como fonte? De início, não encontrei historiadores que trabalhassem prioritariamente com discursos, por esse motivo fui buscar ajuda em outras áreas de conhecimento.

Inicialmente, busquei auxílio em *Foucault*, em seu livro *Ordem do Discurso*, que aborda a questão de como os discursos surgem e evoluem. Essa evolução pode se dar tanto ao nível de mudanças simples como alterações mais complexas, quando se absorvem em outros discursos para assim tornarem-se hegemônicos dentro da sociedade. Isso acabou me chamando a atenção porque, dentro da temporalidade em que trabalho o fascismo, vemos que essa abordagem se encaixa perfeitamente, já que estamos falando de um movimento político débil do ponto de vista teórico, e que ainda não sabia exatamente o que queria.

Logo, não é difícil encontrar nos primeiros discursos de Benito Mussolini referências ideológicas de seu antigo partido político, o PSI (Partido Socialista Italiano). *Foucault* trabalha o discurso de forma genérica sem especificá-lo, o que limitava a utilidade de sua abordagem para o meu trabalho, principalmente porque estou trabalhando com discursos políticos. É visivelmente claro que eles têm especificidades próprias, tais como seduzir um público alvo mais rapidamente, ser muitas vezes ditos por uma só pessoa e não um por grupo. Então, fui abrigado a buscar outras fontes teóricas para ajudar a compreender os discursos em sua especificidade. Foi quando me deparei com a obra *Patrick Charaudeau e Teun A. van Dijk*

Ambos foram muito importantes para fornecer o instrumental teórico necessário para analisar os discursos de Mussolini, mas o mais importante é que, através deles, tive acesso à Escola de Análise de Discurso Francesa, iniciada por *Michel Pêcheux* por volta da metade do século XX. Ela trabalhava com a ideia de estudar a linguagem (oral e escrita), mas fugia do campo empírico e ia para o campo da teoria. Para Pêcheux, não interessava estudar somente a forma através da qual se construía um discurso ou o uso das palavras, mas também compreender as ideologias que estavam por trás do discurso, de onde elas vinham (se eram inovadoras ou repetiam discursos anteriores) e como afetavam seus ouvintes. Para conseguir observar isso, Pêcheux sai em busca de “ferramentas” nas outras áreas de conhecimento, valendo-se para tanto da Psicologia e da História:

Linguística, para se constituir, exclui o sujeito e a situação (o que chamamos exterioridade), e as Ciências Sociais não tratam da linguagem em sua ordem própria, de autonomia, como sistema significante, mas a atravessam em busca de sentidos de que ela seria mera portadora, seja enquanto instrumento de comunicação ou de informação. (ORLANDI, 1994, p. 53)

O discurso e a ideologia estão vinculados ao momento histórico em que se manifestam, como Orlandi demonstra em seu texto *Discurso, Imaginário Social e Conhecimento*. Logo, podemos compreender o porquê da utilização de ideias e temas quando analisamos o discurso. A troca de conhecimento entre as disciplinas permitiu discutir a linguagem dentro do campo cultural. Desta forma, devemos compreender que os discursos são produzidos para um determinado povo, num período histórico específico.

Os discursos de Mussolini encaixam-se perfeitamente nessa diretriz. Se por exemplo, pegarmos os discursos sobre como Roma foi grandiosa ou sobre Garibaldi, podemos concluir que eles são destinados unicamente para italianos. Quando Mussolini discursa sobre a guerra e suas consequências, acaba dando temporalidade a esses discursos, já que utilizá-los em um tempo muito posterior não causaria o mesmo impacto. Quero trazer agora esse conhecimento de volta para o campo da História e para isso foram de grande ajuda os escritos da professora Orlandi, a qual me abriu as portas para esses intelectuais.

Destaco também os estudos do professor *Teun A. van Dijk*, que busca demonstrar a relação entre discurso e poder. *Dijk* aponta que todo discurso tem a pretensão de se tornar

hegemônico em uma sociedade. Destaca também como, às vezes, os discursos preconceituosos e de ataques sobre a minoria ganham força no meio político e midiático pela facilidade de conseguir apoio. Esses discursos, que tinham como objetivo denegrir alguém ou algo para se promover, com frequência são vistos dentro fascismo italiano. Na seção *Crítica sobre o Socialismo*, trabalho com os discursos direcionados aos socialistas e como Mussolini direcionava seus ataques não somente para denegrir o movimento, mas também para estigmatizar os socialistas como os “inimigos” da nação; sendo assim, os fascistas tinham todo o direito de atacar fisicamente qualquer membro do movimento. Mussolini chamava as ondas de violência fascistas de “Cruzada Punitiva”.

Pelo fato de *Teun A. van Dijk* tratar de um discurso muito específico, sua ajuda foi mais pontual do que a dos outros:

Enquanto o poder foi definido, tradicionalmente, em termos de classe e o controle sobre os meios materiais da produção, hoje tal poder tem sido em grande parte substituído pelo controle das mentes das massas, e esse controle requer o controle sobre o discurso público em todas as suas dimensões semióticas (DIJK, 2008, p.24)

Por último, o professor *Patrick Charaudeau* foi quem muito me ajudou, pois suas obras são focadas nos discursos políticos, e isso se encaixava naquilo que eu pretendia trabalhar. Em sua obra *Discurso Político*, *Charaudeau* trata de demonstrar como se devem analisar os discursos e os cuidados que se precisa ter com esse tipo de fonte, já que “em outros termos, no que é dito, há sempre o que não o é; o não-dito, entretanto, também diz.” (CHARANDEAU, 2008, p.8) Por isso, devemos entender por que o orador escolheu essa ou aquela palavra, por que um assunto foi abordado em determinado discurso? Esse cuidado remete ao que *Pêcheux* discutia quando iniciou a Análise de Discurso.

Devemos nos preocupar também em descobrir por que determinado discurso foi feito. Um dos assuntos que me chamou a atenção na obra de *Charaudeau* foi o tema sobre *Os lugares de fabricação do discurso político*, em que são apontados os principais passos utilizados para a criação de um discurso. O discurso inicia-se, como se pode imaginar, no *sistema de pensamento*, em que o grupo ou a pessoa cria o discurso e as ideias que vão compô-lo, as opiniões que irão tratar, debate os problemas e possíveis soluções para eles, levando também o público alvo a debater e tentando imaginar as reações que poderia provocar.

O segundo passo é o chamado *ato de comunicação*, em que o discurso é submetido aos primeiros testes. Esse ato remete mais àquele que o pronuncia, que deve ter o controle da fala e do que irá dizer. Além disso, ele também é o “responsável” pela adesão ou rejeição do público sobre as ideias, podendo utilizar-se de várias técnicas (*slogan*, imaginário, entre outras).

Não são apenas falantes ativos na maior parte das situações, mas tomam a iniciativa em encontros verbais ou no discurso público, determinam o ‘tom’ ou o estilo da escrita ou da fala, determinam seus assuntos e decidem quem será participante e quem será receptor de seus discursos. (DIJK, 2010, p.44)

Mussolini era um mestre na arte de discursar e de usar o imaginário italiano para conseguir seguidores. A própria palavra *fasci* surgiu depois da época do Império. Era um instrumento romano usado pelos pretores e senadores para exigir ordem e demonstrar a soberania do “Estado” romano.

O último passo para a construção do discurso *Charaudeau* chamou de “comentário”: “Ele pode ser revelador da opinião do sujeito, mas sem que saiba necessariamente qual é o seu grau de engajamento em relação àquela” (CHARAUDEAU, 2008, p.41). Nessa dimensão, seria avaliado o retorno da validade do discurso, isto é, como e em que medida ele foi absorvido pelo público. É nesse espaço da construção que o discurso político pode ou não se modificar, dependendo de sua maior ou menor aceitação pelo público a que se destina.

*Charaudeau* aponta também o discurso da mídia e, nesse caso, se os “especialistas” em política apoiaram ou criticaram o discurso. Este termômetro dará o veredito sobre o discurso. Como já demonstrei, os discursos de Mussolini se modificam, porém não tenho as fontes necessárias para comprovar o porquê dessa transformação; posso afirmar somente que boa parte dessa modificação está relacionada às pessoas que foram se filiando ao partido e a quem Mussolini se dirigia.

Como podemos ver, uma novidade trazida pela Escola Francesa de Análise de Discurso é não tratar o ouvinte como uma massa inerte que só absorve sem criticar aquilo que está ouvindo. Todo ser humano é consciente e traz consigo uma carga de ideologia que ajuda a moldar seu caráter político. Logo, todo discurso deve ter o cuidado de se encaixar na realidade do seu ouvinte, caso contrário, não será absorvido por ninguém.

Novamente no caso do fascismo vemos essa preocupação. Benito Mussolini sempre tenta adequar seu discurso ao público que o ouve, utilizando palavras e referências para determinado público. No subcapítulo chamado “*O proletário*”, temos um exemplo em que Mussolini usa termos como “luta de classe e operário” para transformar seu discurso em algo mais atraente para aqueles que o ouvem. Como estamos discutindo nesse momento o ouvinte, temos em mente esse público não homogêneo e por isso aponto a seguir os principais ouvintes de Mussolini.

Uma classe social que viu com bons olhos o surgimento do fascismo foi a classe média, que enxergava nele sua chance de reivindicar conquistar seus direitos como classe, atacando os socialistas e a burguesia:

O seu anticapitalismo é reacionário, pois, invés de querer levar a evolução às últimas consequências - a socialização dos meios de produção - só pedem que a história dê ‘marcha ré’ ‘O que desejam é uma economia pouco dinâmica, pouco progressiva, rotina.... Querem que o Estado regule a liberdade e a atividade econômica, para diminuir a capacidade de seus adversários. (GUERIN, 1973, p.71)

A classe média tinha medo das revoluções sociais, pois via nelas a possibilidade de perder o pouco que tinha conquistado. Simultaneamente, enxergava a burguesia e seus partidos como inimigos, pois, nas crises econômicas, a classe média era a que mais sofria. Por fim, eram inimigos de classe também da grande burguesia, os senhores que fechavam suas lojas e roubavam suas terras.

A falta de interesse por parte do socialismo em trazer a classe média para seu lado ocorre pelo fato de que muitos teóricos da esquerda viam que ela tendia a desaparecer no decorrer dos anos, rebaixando-se ao nível da classe operária por causa da pressão que as classes dominantes exerciam sobre ela. Para os marxistas, nos anos de crise, a burguesia não pensaria duas vezes em sacrificar a classe média para manter seus lucros, igualando-a, política e economicamente, ao campesinato e ao operariado. O resultado disso foi possibilitar que a grande burguesia usasse a classe média contra os socialistas, sem que seu *status* social fosse alterado.

A burguesia também fará parte do público alvo do fascismo. No entanto, boa parte temia o movimento ou não via nada de bom que poderia vir dele (exemplo são aqueles que já tinham identificação partidária com os liberais ou com o partido conservador). Era simpática ao fascismo a fração da burguesia que havia acumulado lucros vultuosos durante a primeira guerra



mundial, como a indústria pesada produtora de meios de transporte e de armas. Como o fascismo defendia a posição de que a guerra imperial era o único jeito de tirar a Itália da crise, a indústria bélica investiu uma boa quantia de dinheiro no movimento.

Houve também o investimento por parte da burguesia rural nos camisas negras fascistas, pois o governo liberal italiano se mostrava pouco favorável a eles em seus conflitos com os socialistas do campo. Então, muitos deram dinheiro e contrataram um fascista para subjugar os camponeses socialistas. Tinham a crença de que poderiam “domar” os fascistas quando estes chegassem ao poder.

Por último temos a presença do catolicismo e da monarquia italiana. Mussolini tinha uma relação conturbada com a Igreja Católica. O ex-socialista não gostava dela, declarando-se ateu. No início, o fascismo atacava a Igreja e seus partidos, como por exemplo, o Partido Popular de Don Luigi Sturzo. Esse é o caso de maior modificação do discurso que o fascismo demonstrará. A partir dos anos de 1921 e 1922 o fascismo passa a defender o catolicismo como a religião oficial dos italianos e do próprio fascismo, passando a utilizar, em alguns discursos, frases da religião católica.

A monarquia foi outra instituição italiana com a qual o fascismo mudou seu discurso. O rei Victorio Emanuele II era realmente popular na Itália, sendo conhecido desde a Sicília até os Alpes italianos. Era, talvez, uma das poucas unanimidades entre os italianos. Porém, para o fascismo, o rei errava, e muito, ao permitir que os liberais destruíssem a Itália. No entanto, já em 1922, Mussolini tecia elogios ao rei e aos monarquistas, os quais faziam parte das fileiras fascistas. Em retribuição, o rei Victorio Emanuele II, após a Marcha sobre Roma, nomeou Mussolini para o cargo de Primeiro Ministro.

Finalizo a introdução com um alerta: É muito comum atualmente relacionar a palavra fascismo a “ditaduras da direita” e “violência exacerbada”. É impossível negar que o fascismo seja um movimento político que leva à ditadura, usando até a violência para atingir seu objetivo. Até fiz um subcapítulo para debater como Mussolini trata a violência em seus discursos. Entretanto, julgo que fascismo não é só isso; acabamos banalizando esse termo. Não creio que o fascismo retorne, compartilho da mesma posição de *De Felice*, de que o fascismo é local (Europa Ocidental) e temporal (entre guerras). Contudo, *Daniel Guerin*, assinala que o fascismo, ao

“morrer”, deixou heranças que fazem parte do ideário de outros movimentos políticos, até mesmo democráticos. Devemos então relançar nossos olhares para esse movimento e debatê-lo, para, assim, compreendermos o seu real alcance.

## Capítulo I

### Il Primi Postulati Fascisti

#### 1.O primeiro discurso de Benito Mussolini e a Itália pós-guerra.

O que fez com que esses homens que haviam combatido no *front* da Primeira Guerra Mundial participassem de um movimento de cunho político? Primeiramente, é preciso enfatizar que, quando o conflito se iniciou, ao contrário do que se pode imaginar, ele não foi recebido com pesar e preocupação, pelo contrário. Muitas pessoas, dentre as quais alguns grandes intelectuais europeus como Marinetti e Gabriele D'Annunzio, se alistavam nos exércitos de seus receptivos países para combater porque, como o professor *Sevcenko* aponta em seu livro *Orfeu estático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*, a população europeia via esse conflito como o próximo passo da evolução social que ocorria na Europa, acreditando que estavam participando da “guerra” que acabaria com todas as outras:

A Grande Guerra, portanto, ao contrário do que se poderia pensar, foi em grande parte ansiada e bem-vinda, o que ajuda a esclarecer o grande número de intelectuais e artistas, sem falar das milhares e milhares de pessoas anônimas que, apesar de sua intransigente índole humanitária, se alistaram voluntariamente para participar dela. Desejada e apresentada pela propaganda como a “última das guerras”, como a solução radical para os conflitos, os desequilíbrios e o mal-estar prevalecentes, como o momento redentor final de sacrifício para a construção de um novo mundo (SEVCENKO, 1992, p.164)

Por essa razão, nos países derrotados, o sentimento de revolta e vingança surgiu com bastante força no âmbito social, pois o sacrifício imposto nas trincheiras parecia que de nada havia servido; os homens que haviam ido para lá com um sonho, voltavam para suas casas e encontravam o pesadelo da nova realidade.

O que ocorreu na Itália foi um pouco diferente da Alemanha, mas fez surgir o mesmo espírito de revanche. A Itália havia sido vitoriosa, junto à França, Inglaterra e Estados Unidos<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Contudo, a Itália deveria ter entrado na Primeira Guerra Mundial ao lado de Alemanha e Império Austro-húngaro, pois ela havia firmado um acordo de aliança militar com esses países em troca de territórios italianos que estavam

Entretanto, diferentemente deles, a Itália não conseguiu com que o acordo feito em 1915 com os franceses e ingleses fosse cumprido, isto é, algumas regiões que estavam sob domínio do império austro-húngaro não foram devolvidas para a Itália. Isso fez com que os soldados sentissem que seu sacrifício não tinha dado frutos; começaram a chamar o resultado da guerra de “Vitória Mutilada”. Para eles, os responsáveis eram os seus governantes, que eram fracos em não se posicionarem frente às potências europeias. Para reverter esse quadro, acreditavam que deveriam criar movimentos para forçar mudanças políticas; assim, nasceram as associações de ex-combatentes.

No dia 23 de março de 1919, surge em Milão o *fasci di combattimento*. Ressalte-se que sua origem não foi especialmente grandiosa: “Naquela manhã, pouco mais de cem pessoas, entre elas veteranos de guerra, sindicalistas que haviam apoiado a guerra e intelectuais futuristas, além de alguns repórteres e um certo número de alguns curiosos” (PAXTON, 2007, P.16)

Na fundação do movimento já podemos ver alguns dos principais públicos alvo do fascismo: jovens, ex-combatentes e sindicalistas; porém, no decorrer dos anos, viriam mais seguidores de outras categorias que se filiariam ao movimento. No mesmo dia, após fundar o *fasci di combattimento*, Benito Mussolini - que também era um ex-combatente que serviu no batalhão dos Bersagliere<sup>6</sup> até 1917, quando foi ferido e enviado de volta à vida civil, passando a trabalhar em um jornal que havia criado, chamado de *Popolo d'Italia*, em que defendia o intervencionismo italiano e os combatentes no *front* - fez seu primeiro discurso como líder do movimento, dedicando-o para aqueles que voltaram do *front*:

Na congregação de 23 março dirige sua primeira saudação, sua memória e reverente pensamento aos filhos da Itália que caíram pela grandeza da Pátria e pela liberdade do Mundo, aos mutilados e aos inválidos, a todos os combatentes, aos ex-prisioneiros que cumpriram o seu dever e se declara pronto a sustentar energicamente as reivindicações

---

sob o poder dos austríacos. Quando a Primeira Guerra se iniciou e os alemães convocaram os italianos a cumprirem o acordo, o governo italiano se negou a cumprir sua parte, argumentando que só seriam obrigados a cumprir o acordo caso um dos aliados fosse atacado. Para a Itália, foram os Austríacos que iniciaram o conflito invadindo a Sérvia. Porém, em 1915, sofrendo com a pressão popular e midiática, o governo italiano entra em acordo com os franceses e ingleses, o que levaria a Itália para o conflito em troca de alguns territórios pertencentes ao Império Austro-húngaro.

<sup>6</sup> Atiradores e artilheiros, esse regimento tem sua origem em data anterior à guerra de unificação. Foi criado pelo General Alessandro La Marmora, e tinha como objetivo proteger o reino da Sardenha Após a unificação, se tornou o exército da realeza italiana. No campo de batalha é fácil de identificar essas tropas pela sua veste. Além do uniforme verde oliva, em vez de capacete utilizavam um chapéu de abas largas e com uma pena.

de ordem material e moral que são defendidas pelas associações dos combatentes. (MUSSOLINI, 1921, p. 61)<sup>7</sup>

Os ex-combatentes eram o corpo e a alma do fascismo. Foram os primeiros a se filiarem ao movimento e tornaram-se um exército particular durante o regime de Benito Mussolini. Sua função dentro do partido era defender as sedes fascistas, recrutar novos membros e atacar jornais, cooperativas e membros do movimento socialista. Vestiam camisas negras, as quais deram origem a um de seus epítetos, e andavam armados. As milícias pessoais de Mussolini, além de serem chamados de *Camisas Negras*, também recebiam o nome de *Squadris* e legiões.

Mussolini continua seu discurso comentando que não está fundando uma associação de ex-combatentes, pois o mesmo já ocorria em outras cidades italianas. Realmente, no ano de 1919, surgiu um grande número de associações dos ex-combatentes em quase todas as cidades italianas. Muitas dessas associações foram formadas pelos *arditi*, que eram as tropas de elite do exército italiano durante a Primeira Guerra Mundial. Neles, o espírito nacionalista tinha ganhado mais força. Foram também esses homens que, ao retornarem às suas casas, sentiram-se deslocados com a realidade que viviam. Relembavam nostalgicamente do companheirismo que havia na guerra e dos amigos que se tornaram irmãos, já que a guerra de trincheira levava o homem ao extremo e sua experiência de vida também. A proximidade com seus companheiros fazia com que aquela pequena relação se transformasse em algo especial, que não era possível compartilhar com a sociedade civil, já que essa não compreendia o que fizeram ou o porquê o fizeram. Além disso, diferentemente dos outros combatentes, alguns anos após o fim da guerra, os *arditi* foram desmobilizados pelo exército italiano, causando assim revolta em seus membros; porém isso não levaria ao fim da organização e nem da paixão de seus membros por parte de disciplina e ordem:

Os *arditi* são simples formações e pressupõem sim um exército pouco eficiente, mas não completamente inerte: Se a disciplina e o espírito militar se relaxam a ponto de tornar-se aconselhável uma nova disposição tática, eles ainda existem em certa medida

---

<sup>7</sup> L'adunata del 23 marzo rivolge il suo primo saluto e il suo memore e reverente pensiero ai figli d'Italia che sono caduti per la grandezza della Patria e per la libertà del Mondo, ai mutilati e incatidi, a tutti i combattenti, agli ex-prigionieri che compiono il loro dolore e si dichiara pronta a sostenere energicamente le rivendicazioni d'ordine materiale e morale che soran propugate dalle associazioni dei combattenti.

que corresponde exatamente à nova formação tática, senão haveria desbaratamento e fuga imediatos; (SADER, 2005, p. 70)

A experiência de guerra foi algo compartilhado por todos os ex-combatentes, porém aquelas compartilhadas pelos *arditi* foram muito mais intensas do que as demais. Sua função era basicamente lançar-se nas trincheiras inimigas para tomá-las mais rapidamente; logo, a experiência de irmandade e dever com a pátria, além de uma vida mais agitada e curta, era muito maior que a dos outros. A questão era que nenhum *arditi* estava ligado ao exército, isto é, não pertencia à ordem e à carreira militar, não tinha um regimento próprio, vivendo assim entre os outros regimentos militares, embora compartilhando de uma disciplina ferrenha. Isso acabou se tornando a sua marca. Mesmo depois do fim da guerra e do retorno para casa, esses homens “audazes” não aceitavam que aquela experiência tinha chegado ao fim. Manteriam em suas casas, além de seus uniformes, as armas que haviam utilizado na guerra.

Quão genuínos eram esses sentimentos prova o fato de que muito poucos dessa geração perderam o seu entusiasmo pela guerra ao experimentarem pessoalmente os seus horrores. Os sobreviventes das trincheiras não se tornaram pacifistas. Conservaram carinhosamente aquela experiência que, segundo pensavam, podia separá-los definitivamente do odiado mundo da respeitabilidade. Apegaram-se às lembranças de quatro anos de vida nas trincheiras como se fosse um critério objetivo para a criação de uma nova elite. Nem cederam à tentação de idealizar esse passado; pelo contrário, os adoradores da guerra podiam gerar virtudes como o cavalheirismo, a coragem, a honra e a hombridade, mas apenas impunham ao homem a experiência da destruição pura e simples, juntamente com a humilhação de serem apenas peças da grande máquina da carnificina. (ARENDDT, 1989, p. 378)

Não só acreditavam que a vida das trincheiras era preferível, como também julgavam a vida civil como algo ruim e monótono, não sendo esse o tipo de vida útil para eles. Em uma fala, *Italo Balbo*, braço direito de Benito Mussolini, arquiteto da marcha sobre Roma e o segundo homem mais poderoso do Partido Fascista, demonstra sua repulsa à política:

“Quando voltei da guerra... como muitos outros, eu odiava a política e os políticos que, em minha opinião, haviam traído as esperanças dos soldados, submetido a Itália a uma paz vergonhosa e à humilhação sistemática dos italianos que mantinham o culto aos heróis. Lutar, batalhar para voltar à terra de Giolitti, que transformou em mercadoria

todos os ideais? Não. Melhor seria negar tudo, destruir tudo, para reconstruir tudo a partir das fundações” (PAXTON, 2007, p. 71)

O ódio pelo governo e o desencanto com a realidade faziam com que muitos desses soldados recém-saídos do *front* desejassem tomar o governo para si, para recriar uma sociedade em seus moldes. Não era uma tarefa fácil pois, mesmo existindo várias associações de ex-combatentes, elas raramente se comunicavam, isto é, não havia nenhuma interação, o que também não ocorria com a sociedade civil. Essa realidade se modificaria com o surgimento do *fasci di combattimento*.

Para compreender melhor a importância do *fasci di combattimento* para as associações de ex-combatentes, devemos observar uma questão levantada por Gramsci em *Notas sobre Maquiavel*. Em um dos capítulos, Gramsci debate a formação de um partido político (no caso deste trabalho será utilizado para o desenvolvimento de um movimento de cunho político) em que são necessários três elementos: o primeiro seria a massa que segue o partido; são as pessoas que votam, levantam as bandeiras e marcham por ele, vendo no partido as soluções para seus problemas imediatos. Não são eles a parte principal do partido político, porém não existe movimento ou partido sem eles. O primeiro elemento é frágil e, sem uma liderança ou ideal para seguir, pode ser facilmente desmantelada, podendo até filiar-se a outro partido político.

O segundo elemento “é dotado de força altamente coesiva, centralizadora, disciplinadora e talvez por isso mesmo ‘inventiva’.” (SABER, 2005, p.16). São aqueles que transmitem os ideais do partido político para o primeiro elemento e garantem sua coesão; porém, quando destruído, este elemento acabaria também com o partido político. Dentro do movimento fascista, o segundo elemento corresponde aos ex-combatentes, responsáveis por transmitirem suas experiências para a sociedade civil. No entanto, eles necessitavam de conhecimento ideológico para transmitir essa experiência, daí a necessidade do terceiro elemento.

O terceiro elemento para Gramsci tinha a função de unificar o primeiro com o segundo “que se coloque em contato não só o ‘físico’, mas o moral e intelectual.” (SADER, 2005, p.17); sendo assim, era necessário criar uma ideologia. Neste estudo, o terceiro elemento remete ao próprio fascismo italiano, tornando o movimento não apenas uma associação de ex-combatentes, mas um novo “modo de vida”, uma nova ideologia.

Não era apenas uma ideologia que existia dentro do movimento e sim várias; uma das que ganhou mais destaque foi a de *Trincherocracia*. Como o próprio nome diz, a *trincherocracia* baseia-se nas experiências que os ex-combatentes tiveram nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial. Defendia-se a ideia de que essas experiências deveriam ser transmitidas para a população civil, transformando-as na nova Itália que os fascistas haviam imaginado:

Há uma nova aristocracia em vista. Os míopes e os idiotas não a veem. Contudo, esta aristocracia já dá os primeiros passos. Já reivindica a sua parte no mundo. Delineia já com precisão suficiente as suas tentativas de “tomada de posse” da posição social. É um trabalho obscuro, intenso, de elaboração, que recorda aquele da burguesia francesa de antes de 89. (DE FELICE, 2001, p. 217)

Em um artigo de 1917, chamado de *Trincherocracia*, Mussolini descreve os ex-combatentes como a nova elite italiana. A questão de representá-los como uma aristocracia baseava-se em um ideal dos nacionalistas italianos do início do século XX. Giovanni Papini acreditava que as antigas aristocracias italianas estavam fadadas a perder seu poder no novo mundo que se consolidava à sua volta, e que a nova burguesia tomaria o poder cedo ou tarde. Porém, antes disso, a burguesia deveria assimilar com as antigas aristocracias sua cultura nacional, para assim mantê-la quando elas desaparecessem do cenário político.

Logo, para *Giovanni*, era a aristocracia que controlava a cultura nacional e que tinha o poder de modificá-la, mantê-la ou transmiti-la. Mussolini captava essa ideia, mas a modificava, excluindo o papel da burguesia liberal nesse processo. Aos seus olhos, ambas as classes eram decadentes e a velha aristocracia já não era capaz de resolver o problema que a guerra impôs. Na visão da maioria dos fascistas, somente aqueles que participaram da guerra podiam compreender e ajudar a construir o novo mundo que estava por vir. Essa opinião era compartilhada por outros intelectuais como *Viafredo Pareto e Gaetano Mosca*:

(Para)Viafredo Pareto e Gaetano Mosca e o desiludido emigrante alemão e socialista Roberto Michel, a Itália deveria providenciar a criação de uma nova e valorosa elite, capaz de governar o novo Estado e liderar a opinião italiana, usando ‘mitos’, se necessário. (PAXTON, 2007, p.72)

Antes de falar da construção desse mundo e de como cada classe social deveria se portar, o *fasci di combattimento* tinha que ser reconhecido pela sociedade italiana. Porém, até 1919, isso



ainda não ocorria. Além disso, não possuíam um plano central, já que Mussolini abominava essa prática. Portanto devemos caminhar devagar e compreender aos poucos o que era o Fascismo.

No decorrer do discurso inaugural do fascismo, podemos ver claramente uma justificativa para a entrada da Itália na guerra, baseando-se em uma possível invasão e domínio do Império austro-húngaro e seu aliado, a Alemanha, sobre os territórios italianos. Ao mesmo tempo, trazia-se de volta o medo que fez com que a Itália entrasse na guerra. Essa justificativa foi utilizada por Benito Mussolini em 1914, para forçar a entrada da Itália na guerra, quando ele passou a ser um intervencionista. Mas por que ele voltou a falar sobre isso em 1919?

Tanto as lembranças como os receios ainda estavam muito frescos na cabeça da população italiana, portanto, relembrar sempre esse passado seria uma arma publicitária dos fascistas. Como remete o trecho do discurso, a derrota italiana foi impedida graças ao sangue derramado, à bravura dos homens que haviam lutado nos Alpes para reverter a situação na guerra, e claro, aos mortos que não deveriam ser esquecidos. A utilização de mártires era algo que se tornaria comum nas propagandas fascistas, o que já se pode observar nesse discurso:

Permitam-me recordar com predileção, se não com privilégio, aos nossos mortos, eles que estavam conosco no glorioso mês de maio: os Vorridonos, os Reguzzones, os Vidalis, os Deffenus, os nossos Serranis, esta juventude maravilhosa que foi ao front e lá permaneceu. Certo, quando hoje se fala da grandeza da Pátria e da liberdade do mundo, se pode ver pessoas que portam um sorriso largo e irônico. Porque agora é moda fazer o processo da guerra: a guerra se aceita em bloco ou se rechaça em bloco. Se esse processo deve ser executado, seremos nós que o faremos e não os outros. (MUSSOLINI, 1921, p.62)<sup>8</sup>

Mussolini também utiliza essa passagem do discurso para atacar aqueles que eram contra a guerra, mas com a vitória militar italiana passaram a apoiá-la e defendê-la, principalmente os políticos que queriam obter votos fazendo-se de “apoiadores” da guerra. Como ele apontara, quem tinha o direito de falar sobre a guerra eram somente os que haviam lutado nela e a defendido quando ninguém o fez. O ponto que aqui nos interessa não é esse, mas sim o fato de

---

<sup>8</sup> Ma voi mi permetterete di ricordare con predilezione, se non con privilegio, i nostri morti, coloro che sono, stati con noi nel maggio glorioso: i Corridoni, i Reguzzoni, i Vidali, i Deffenu, il nostro Serrani, questa gioventù meravigliosa che è andata al fronte e che là è rimasta. Certo, quando oggi si parla di grandezza dela pátria e di libertà del mondo, ci può essere qualcuno che affacei il ghigno e il sorriso irônico, poichè ora è di moda fare il processo ala guerra: ebbene la guerra si accetta in bloco o si respinge in bloco. Se questo processo deve essere eseguito, saremo noi che lo faremo e non gli altri.

como os fascistas acreditavam que a guerra havia conseguido transformar a Itália em uma nação poderosa, lembrando que a culpa da “vitória mutilada” recaiu sobre os governantes, que para os fascistas não passavam de pessoas fracas que não souberam explorar devidamente a vitória sobre a Áustria.

O mito do Estado começava a ganhar forma nos primeiros anos do movimento. A própria história de uma vitória grandiosa da Itália na Primeira Guerra Mundial o fez crescer. Isso, no entanto, não passava de propaganda, pois, para os italianos, as batalhas foram mais duras e desgastantes. Uma mistura de mau preparo das tropas com uma baixa tecnologia bélica levou os italianos a várias derrotas consecutivas e, quando havia vitórias, o custo humano era tão alto que não compensava as conquistas. O comando do exército italiano também foi responsável pelo péssimo desempenho na guerra, pela falta de comunicação entre superiores e subordinados e pelo total desprezo do general Luigi Cardona por seus soldados, o que resultou em um número gigantesco de homens mortos ou feridos no *front* italiano.

Nesse momento, Benito Mussolini tenta recriar essa lembrança da guerra, porém focando no heroísmo e no sacrifício perante o bem da nação; além disso, Mussolini demonstra que a guerra foi o primeiro passo para destruir o sistema político vigente na época, a democracia liberal:

(A Guerra) trouxe as suas vantagens positivas e negativas: negativas quando impedimos que as casas dos Hohenzollern, dos Habsburgo e dos outros dominassem o mundo; este é um resultado que está na frente dos olhos de todos e bastou para justificar a guerra. Deu também os seus resultados positivos porque em nenhuma nação vitoriosa se viu o triunfo da reação. Em todas se marcha em direção à grande democracia política e econômica. (MUSSOLINI, 1921, p. 63)<sup>9</sup>

Aqui Mussolini joga com a ironia, chamando de causa negativa a vitória dos aliados contra os impérios centrais e de positiva a falta de mudança política e econômica que os países vitoriosos tiveram. Nesse ponto, para Benito, a Itália se diferenciava, pois o governo liberal era alvo de críticas de todos os lados. O governo de Vittorio Emanuele Orlandi sofria ataques

---

<sup>9</sup>Ha dato i suoi vantaggi negativi e positivi: negativi in quanto ha impedito alle case degli Hohenzollern, degli Absburgo e degli altri, di dominare il mondo, e questo è un risultato che sta davanti agli occhi di tutti e basta a giustificare la guerra. Ha dato anche i suoi risultati positivi poichè in nessuna nazione vitoriosa si vede il trionfo della reazione. In tutte si marcia verso la più grande democrazia politica ed economica.

constantes tanto dos socialistas quanto das associações de ex-combatentes, devido à falta de ação para resolver as crises que a Itália vivia. Dessa forma, o pós-guerra fez com que o governo italiano se endividasse com os outros países europeus e com aqueles fora da Europa, principalmente com os Estados Unidos.

As contas dos materiais, do dinheiro e da ajuda militar adquiridos pela Itália durante a guerra começavam a chegar e eram altíssimas. A produção industrial italiana não era suficiente para gerar receitas que pudessem arcar com a dívida externa do país. A lira, a moeda da Itália, estava muito desvalorizada, perdia seu valor constantemente e isso dificultava ainda mais que o governo italiano quitasse suas dívidas e pagasse bons salários aos trabalhadores. Além disso, com o fim da guerra, as indústrias que antes produziam materiais bélicos tiveram uma queda na produção, despedindo assim boa parte de seus operários. A crise começava atingir as classes mais baixas quando o preço do pão começou a subir. Da metade para o fim do ano de 1919, durante o governo de Francesco Saverio Nitti<sup>10</sup>, o preço do pão estava estagnado, custando uma lira o quilo, quando deveria custar 3 liras. Porém, o governo debitava essas duas liras dos cofres públicos, causando um aumento da crise econômica italiana.

Por que o governo não aumentava o preço do pão? Por que Francesco Saverio Nitti se submetia a isso? Existiam dois motivos: em primeiro lugar, os socialistas que faziam parte da Câmara impediam que os outros partidos aumentassem o preço do pão, defendendo formas alternativas para quitar o déficit do governo:

E os socialistas exigem que a Câmara mantenha esse voto, sustentando que, para saldar o déficit do pão, o governo deve recorrer ao aumento dos impostos que pesam sobre a classe mais rica. Para sancionar o projeto governamental, a maioria da Câmara tem, portanto, de vencer um intransigente obstrucionismo das esquerdas. (MARIATÈGUI, 2010, p. 109/110)

Essa questão do debate entre socialistas e liberais, exemplifica o que Mussolini quis dizer quando afirmou que a guerra havia acabado com os ideais democráticos liberais, pois, nesse momento, os liberais eram obrigados a negociar com partidos que antes não tinham dificuldade de controlar.

---

<sup>10</sup>Nitti não assumiu o governo a partir de voto direto. O rei da Itália, Victorio Emanuele III, chamou-o para criar uma nova forma de governo; no final do ano, deveria haver eleições para o cargo de deputados no parlamento italiano.

Nesse momento, não temos ainda uma crítica fervorosa ao sistema democrático; porém nos próximos meses, isso mudaria, pois tanto os fascistas quanto os socialistas começariam a aumentar as críticas ao governo democrático liberal.

Os socialistas seguiam agora os ideais que estavam se formando na Rússia, a chamada União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), onde a revolução do operariado deveria ser efetivada e, com isso, construir a ditadura do proletariado. O ideário leninista era adotado pelos partidos socialistas em todo o mundo, e, na Itália do pós-guerra, o Partido Socialista havia crescido muito, tornando-se o segundo maior do país, ganhando destaque e se transformando em um competidor forte para chegar ao poder.

Como segundo ponto, temos as eleições para as cadeiras parlamentares que estavam se aproximando. O Partido Liberal, ao qual Nitti pertencia, acreditava que um aumento no preço do pão certamente causaria uma perda de votos. Boa parte dos políticos liberais preferia segurar o preço do pão nesse momento e resolver o problema posteriormente, quando ganhassem a maioria das cadeiras do parlamento nas eleições, mesmo que à custa de um possível aumento do número de parlamentares socialistas, o que acirraría os debates sobre o que fazer com o aumento do pão.

A estagnação do preço do pão piorava a crise econômica por que a Itália passava. Nitti buscava formas alternativas para controlá-lo. Uma delas foi aumentar os índices de arrecadação que constavam em lei já existente, que obrigava todos os camponeses a entregarem grande parte de sua colheita para a produção de alimentos para as cidades. Os camponeses só não precisavam entregar o que seria de consumo para eles e sua família. Essa decisão faria com que a Itália não precisasse importar tanto trigo para a produção dos pães, diminuindo assim o endividamento do país. Como a lira estava depreciada, era muito mais econômico comprar o trigo internamente do que importar. A pressão do governo sobre a zona rural italiana teve um efeito indesejado, fazendo com que muitos camponeses, pequenos burgueses e até mesmo grandes fazendeiros começassem a duvidar de que o governo fosse capaz de superar a crise.

Em novembro, aconteceram as eleições para o parlamento italiano, com a participação do Partido Socialista Italiano<sup>11</sup>, Partido Liberal e de um novo partido que acabava de ser criado e já

---

<sup>11</sup> No mesmo ano, meses antes de ocorrerem as eleições na Itália, houve um racha dentro do partido socialista. Após a revolução russa e a Terceira Internacional, muitos socialistas aderiram à ideia de que a revolução deveria ser

tinha a força de um grande partido, o Partido Popular, criado por Don Luigi Sturzo, padre católico, filho de aristocratas, mas que tinha seu trabalho focado nas classes trabalhadoras. “Antes de se dirigir à burguesia católica, Don Sturzo se dirigiu ao povo. Passou longos anos organizando sindicatos e federações de trabalhadores católicos sobre a base de um programa socialista cristão.” (MARIÁTEGUI, 2010, p.74).

O Partido Popular aparecia como uma alternativa nas novas eleições, competindo diretamente com o eleitorado socialista. A ideia da construção do novo partido recebeu apoio de alguns componentes do alto clero, que enxergavam nessa iniciativa uma forma de tirar a força que o Partido Socialista tinha sobre o povo italiano. Além da criação do Partido Popular, Don Sturzo cria também um sindicato para os trabalhadores católicos, chamado de *Sindacato Branco*, em oposição ao *Sindacato Vermelho*, socialista.

Benito Mussolini comentou em seu discurso a visão que ele tinha das eleições:

Nós não apenas não participaremos desse terreno político, como tampouco não partilhamos do medo físico que é simplesmente grotesco. Cada vida vale outra vida, cada sangue vale outro sangue, cada barricada outra barricada. . . Chegará o momento em que empreenderemos também a luta eleitoral. Existem naturalistas entre os socialistas oficiais e entre os republicanos. E também assim chamados católicos do partido italiano que buscam se recolocar no caminho para fazer esquecer as suas obras monstruosas que vai do Convento de Udine ao grito nefasto saído do Vaticano. (MUSSOLINI, 1921, p. 66)<sup>12</sup>

As críticas ao socialismo e ao movimento republicano se mantinham as mesmas, já que não apoiaram a guerra e provavelmente não iriam discuti-la. A falta dessa discussão fazia piorar a crise italiana, que, na visão do *Duce*, poderia ser resolvida caso os territórios conquistados na guerra pela Itália fossem realmente cedidos a ela.

---

armada e imediata; de outro lado vinham os socialistas reformistas, que acreditavam que a revolução deveria ser gradual e, portanto, era importante participar das eleições.

<sup>12</sup>Noi, non solo non ci metteremo su quel terreno politico, ma non avremo nemmeno quella paura fisica che è semplicemente grottesca. Ogni vita vale un'altra vita, ogni sangue vale un altro sangue, ogni barricata un'altra barricata. Se ci sarà dalottare impegneremo anche la lotta delle elezioni. Ci sono stati neutralisti fra i socialisti ufficiali e fra i repubblicani. Anche i così detti cattolici del partito italiano cercano di rimettersi in careggiata per far dimenticare la loro opera mestruesa che va dal Convegno di Udine al grido nefado uscito dal Vaticano.

Porém, o governo italiano realmente tentava chegar a um acordo sobre esses territórios. Em certo momento, parecia que a França e a Inglaterra aceitariam ceder a cidade de Fiume para a Itália pelos seus esforços de guerra. No entanto, o presidente americano, Woodrow Wilson, foi contra dar os territórios para Itália e apoiou a formação da Iugoslávia. Nesse caso, o presidente americano ganhou apoio da França e da Inglaterra. Wilson fez outras propostas para o governo italiano, uma delas era uma guarda dividida, entre Itália e Estados Unidos, da cidade de Fiume; porém as propostas foram refutadas, tanto por Orlandi quanto por Nitti.

A ideia que Mussolini quer passar em seu discurso é que o governo temia combater as principais potências europeias, ou seja, era fraco por não defender o interesse do povo italiano. Os socialistas também não saberiam resolver esse problema; já que não participaram da guerra, não se interessavam pelos territórios.

Dentre as antigas críticas aparece uma nova, direcionada ao novo partido católico italiano. Podemos observar aqui que, no princípio do movimento fascista, existia também uma crítica ao catolicismo e que, nessa parte do discurso, Mussolini insinua que a criação do partido católico (Partido Popular) tinha como objetivo esconder as obras negativas que a Igreja havia produzido durante anos. A militância contra o catolicismo de Benito aparece aqui como sua lembrança da infância, com o pai ateu, e também suas experiências no partido socialista que ainda eram bem vivas nesse ano. Realmente seria muito difícil se livrar de toda a carga de experiência em um curto espaço de tempo.

Há outros pontos em que os ideais socialistas apareceram dentro do fascismo. O cuidado que temos é de não afirmar que os primeiros anos do fascismo eram uma cópia exata do socialismo, já que as razões para criticar a religião eram diferentes. Os socialistas enxergavam a religião como o “ópio do povo”, desviando-o dos verdadeiros problemas que os afligia; já o fascismo de Mussolini pretendia tornar-se hegemônico, substituindo a religião católica por uma nova religião onde o Estado e a Nação italiana fossem o centro do culto.

Além desse discurso, que fortalece a ideia do anticlericalismo de Benito Mussolini e de boa parte dos fascistas, surge, em julho de 1919, o programa do *fasci di combattimento*, elencando os principais pontos defendidos pelo movimento e as soluções para os problemas da Itália. O último ponto do programa recebe o nome de *Per il Problema Finanziario Noi Vogliamo*

(para o problema financeiro nós queremos), onde os fascistas indicam propostas para combater a crise, além de defender a tomada de posse das propriedades dos grandes capitalistas, chegando ao ponto de pedir também a tomada dos bens da Igreja Católica e o fim dos privilégios do alto clero. “A apreensão de todos os bens das congregações religiosas e a abolição dos refeitórios dos Bispos, que constituem uma enorme passividade para a Nação e é um privilégio de poucos.” (DE FELICE, 2004. p.18), demonstrando claramente sua intenção de enfraquecer a Igreja.

Os fascistas participaram das eleições de 1919, ignorando o componente antieleitoral de seu ideário. Mussolini diria em seu discurso de 9 de outubro de 1919 que: “Nós somos muito precisos em dizer imediatamente a eles (liberais) que nós devemos colocar um ‘ultimato’ ao governo dizendo que, se não abolirem a censura, nós, fascistas, não participaremos das eleições.” (MUSSOLINI, 1921, p.85)<sup>13</sup>. O governo era acusado de censurar os outros partidos na época da eleição. Porém, quando as eleições chegaram, Benito Mussolini e outros membros do movimento se candidataram para as cadeiras do parlamento, utilizando o próprio movimento como partido. O resultado da eleição não foi favorável para os fascistas; Benito Mussolini recebeu somente 4 mil votos por Milão. Por outro lado, foi um número até que razoável para um partido iniciante. Com derrota ou não, mesmo sendo um pequeno exemplo, já podemos perceber como Mussolini transformava seu movimento em algo bastante mutável.

O saldo das eleições para o parlamento demonstrou uma superioridade do Partido Socialista Italiano, que obteve o maior número de cadeiras, seguido de perto pelo Partido Liberal, que conseguiu um número razoável, mas muito abaixo do que tinham obtido nas eleições anteriores. Em terceiro lugar ficou o recém-criado Partido Popular, que ocupou cinquenta cadeiras no parlamento, um bom resultado já que, anteriormente à sua criação, os partidos de cunho católico tinham logrado obter apenas três cadeiras.

O resultado deixou bem claro o que já havia se delineado: o Liberalismo havia perdido sua hegemonia política e cambaleava em sua hegemonia cultural. As eleições demonstraram uma clara superioridade do socialismo, seguido de perto pelo Partido Popular que não tardaria a ultrapassá-lo. Com os rachas internos no socialismo, a sua Era de Ouro não duraria muito.

---

<sup>13</sup>MUSSOLINI, Benito. *Discursi Politici*. Milão: Exercido pelo tipógrafo do “Popolo d’Italia”, 1921. Pg 85

Com pouco apoio no parlamento, Francesco Saverio Nitti, via-se com mais dificuldade em governar a Itália. Os principais pontos que precisavam ser resolvidos, como a política para o preço do pão, eram diariamente barrados pelos socialistas que, agora em maioria no parlamento, tinham o poder de impedir que o preço aumentasse. Sem apoio do Partido Popular, que se dividia nessa questão, Nitti se vê barrado, com a impossibilidade de continuar no cargo. Em menos de um ano, Nitti pede demissão, deixando o rei Vittorio Emanuele II com dificuldades para substituí-lo. O rei decidiu por Giovanni Giolitti, que também era do partido liberal e tinha sido o primeiro Ministro da Itália por duas vezes, possuindo uma boa relação com o povo e com todos os partidos, especialmente o Partido Socialista. Ficaria em suas mãos resolver a crise italiana.

A escolha de Giolitti para substituir Nitti no cargo de primeiro Ministro, para Mussolini e seus seguidores, não significava grandes modificações, já que ambos pertenciam ao mesmo partido, e Giolitti era conhecido por ser negociador, uma característica que, para o fascismo, não era positiva. Porém o que mais chamava atenção de Benito Mussolini é a atitude do rei Vittorio Emanuele II em tê-lo nomeado; isso foi visto como um sinal de fraqueza, provocando críticas por parte de Benito:

Se agora dizemos que a monarquia é absolutamente inferior à sua tarefa, não o dizemos com base em tratados sacros. Nós justificamos os fatos e dizemos: Nestes meses de setembro e de outubro foi feita na Itália mais propaganda republicana que nos últimos cinquenta anos, porque quando a monarquia chama ao Quirinale<sup>14</sup> Giovanni Giolitti (grito ensurdecido de abaixo Giolitti!); quando a monarquia mantém no poder aqueles que decididamente passam carimbados com a marca da infâmia ocorrida em Fiume; quando ela dissolve a Câmara e tolera que Nitti pronuncie um discurso no qual se faz um claro apelo as forças bolchevique da Nação; quando tolera no poder um homem que não é Kerenski, mas Karoly; quando enfim ratifica a paz por decreto real, então eu vos digo claramente que o problema monárquico, que ontem não existia para nós de modo prejudicial, se põe hoje para todos os seus fins. A monarquia talvez tenha cumprido a sua função procurando, e em parte conseguindo, unificar a Itália. Agora deveria ser a tarefa da República de uni-la e descentralizá-la regional e socialmente, e garantir a grandeza que nós queremos para todo o povo italiano. (MUSSOLINI, 1921, p. 83)<sup>15</sup>

<sup>14</sup> Nome dado ao palácio do governo italiano.

<sup>15</sup> Se ora diciamo che la monarchia è assolutamente inferiore al suo compito, non lo diciamo certo in base ai sacri trattati. Noi giudichiamo dai fatti e diciamo: In questi mesi di settembre e di ottobre se è fatta in Italia più propaganda repubblicana che non si fosse fatta negli ultimi cinquant'anni, perchè quando la monarchia chiama al



Nesse discurso fica clara a insatisfação de Mussolini e dos ouvintes com o rei e Giolitti<sup>16</sup>. Mussolini ainda se arrisca a dizer que talvez a monarquia italiana houvesse cumprido a sua missão e estava na hora do fascismo concluí-la. Arrisco-me a dizer que, nesse ponto, Mussolini apontava o fascismo para uma posição antimonárquica, não em virtude de suas experiências socialistas, como no caso clerical, e sim por enxergar Victorio Emanuele II como um traidor e fraco, que ainda entregava o poder àqueles que, em sua visão, só faziam cada vez mais a Itália afundar em crises.

Para Mussolini restou a primeira experiência como chefe de um movimento. Ele pôde perceber que, ter somente os ex-combatentes do seu lado, não resultaria em tomar o poder, como foi demonstrado na visão gramsciana sobre como criar um partido. O que faltava a Mussolini ainda era o primeiro elemento, ou seja, a massa que o acompanharia. Essa debilidade tinha como consequência que seu movimento fosse ainda muito acanhado e acabasse atingindo pequenas parcelas da sociedade italiana.

## **2. Versalhes e a aventura militar de D'Annunzio.**

Para que a crise italiana fosse resolvida, Mussolini e os seus companheiros acreditavam que a única solução seria a Itália se transformar em um império colonial. Em 1919, no discurso de fundação do *fasci*, temos um exemplo claro a respeito disso. Mussolini, utilizando-se de dados de outros países europeus que possuíam colônias, afirma:

“Temos quarenta milhões de habitantes em uma superfície de 278 mil quilômetros quadrados, separados pelos Apeninos que reduzem ainda mais a nossa disponibilidade de território para trabalhar; daqui a dez a vinte anos seremos sessenta milhões e teremos

---

Quirinale Giovanni Giolitti (*grida assordanti di abbasso Giolitti!*); quando la monarchia mantiene al potere quello che ermai passa bollato col marchio d'infamia trovalo a Fiume; quando essa scioglie la Camera e tolera che Nitti pronunci un discorso in cui si fa un chiaro appell alle forze bolsciviche della Nazione; quando essa tolera al potere un uomo che non è Kerenski, ma Karoly; quando infine ratifica la pace per decreto reale, allora io vi dico chiaramente che il preblema monarchico che ieri non esisteva per noi in linea pregiudiziale; si pone oggi in tutti i suoi termini. La monarchia há forse compiuto la sua funzione ercando ed in parte riuscendo ad unificare l'Italia. Ora dovrebbe essere compito della republica di unirla e decentrarla regionalmente e socialmente, di garantir ela grandezza che noi vogliamo di tutto il popolo italiano.

<sup>16</sup>A utilização em alguns discursos da resposta do público é algo comum de se encontrar; isso dá a impressão de que havia uma interação entre o orador e os que ouviam. Porém, na dúvida sobre a veracidade dessa resposta ou a entonação e exaltação das pessoas, pegando esse trecho como exemplo, o redator do discurso cita que ouve gritos ensurdecedores no discurso de Benito Mussolini. Porém nessa época, Mussolini e os fascistas eram pouco conhecidos na Itália; sendo mentira ou verdade, a função disso era a propaganda, fazendo com que as pessoas que o lessem no jornal *Popolo d'Italia* criassem uma imagem positiva em suas cabeças, enxergando a boa relação que o Líder tinha com as pessoas.

apenas um milhão e meio de quilômetros quadrados de colônia, e grande parte arenoso, para os quais não poderemos nuca dirigir o excedente de nossa população. Mas se olharmos o entorno, veremos a Inglaterra com quarenta e sete milhões de habitantes, e um império colonial de 55 milhões de quilômetros quadrados e a França com uma população de trinta e oito milhões de habitantes e um império colonial de 15 milhões de quilômetros quadrados. E lá poderei demonstrar com a cifras nas mãos que toda nação do mundo, não excluindo Portugal, a Holanda ou a Bélgica, tem tanto quanto um império colonial o qual conquistaram e que não estão absolutamente dispostos a desistir dele, baseado em qualquer ideologia que possam advir do além-mar. Lloyd George<sup>17</sup> fala abertamente do Império Inglês. O Imperialismo é o fundamento da vida para todos os povos que tendem a se expandir economicamente e espiritualmente.” (MUSSOLINI, 1921, p.64)<sup>18</sup>

Esse discurso foi pronunciado meses antes do tratado de Versalhes, com uma explicação detalhada de Mussolini sobre as vantagens e os perigos para a Itália caso não conseguisse conquistar colônias. As vantagens dessa conquista representariam riquezas e prosperidade para os países conquistadores. Para explicar sua posição, Mussolini se utilizou de exemplos de países, tais como Inglaterra, França, Bélgica, Portugal e Holanda, que possuíam colônias e apresentavam, devido a estas, uma boa saúde econômica, assim como também se destacavam perante o resto do mundo. Isto fica evidente neste trecho: *o Imperialismo é o fundamento da vida para todos os povos que tendem a se expandir economicamente e espiritualmente*. Este é o único jeito da Itália vencer sua crise, que não era unicamente econômica, mas também social.

Outra questão apontada por Benito Mussolini, sobre a não conquista de colônias, é que, com o crescimento populacional, ocorreria a falta de território para a população e, principalmente, a terra para que essa pudesse trabalhar.

---

<sup>17</sup> Foi o ministro das finanças e primeiro ministro da Inglaterra nos tempos de guerra e pós-guerra.

<sup>18</sup> Abbiamo quarenta milioni di abitanti su una superficie di 287 mila chilometri, separati dagli Appennini che riducono ancora di piu la disponibilita del nostro territorio lavorativo: saremo fra dicci o venti anni sessanta milioni ed abbiamo appena un milione e mezzo di chilometri quadrati di colônia, in gran parte sabbiosi, verso i quali certamente non potremo mai dirigere il piu della mostra popolazione. Ma se ci guardiamo attorno vediamo l’Inghilterra che con quarantasette milioni di abitanti ha un impero coloniale di 55 milione di chilometri quadrati e la Francia che con una popolazione di trentotto milioni di abitanti ha un impero coloniale di 15 milioni di chilometri quadrati, E vi potrei dimostrare con le cifre ala mano che tute le nazioni del mondo, non esclusi il Portogallo, L’Olanda e il Belgio, hanno tutte quante un impero coloniale al quale tengono e che non sono affatto disposte a moldare in base a tutte le ideologie che possono venire da oltre oceano. Lloyd George parla apertamente di impero inglese. L’imperialismo è il fondamento della vita per ogni popolo che tende ad espandersi economicamente e espiritualmente.

Com o grande número de baixas ocorrido durante a guerra, o governo italiano lançou uma propaganda visando atingir os camponeses, chamada *terra ai contadini* (terra ao camponês), onde qualquer camponês que se alistasse no exército italiano teria em troca terras para trabalhar quando voltasse. Como muitos camponeses visavam adquirir um pedaço de terra, o número de alistamentos superou as expectativas do governo.

“Os primeiros de numerosos projetos que se fariam desenvolver do advento ao fim do regime fascista, enfrentam, em geral, os casos de formas nem sempre adequadas para complexidade da questão, como legitimar, com a perspectiva de uma difusão da ‘colonização interna’, uma guerra (1915-1918) que foi marcada somente por estímulos e por uma ‘terra para conquistar.’” (BARTOLO, 2009, p. 356/357)

O problema de espaço se apresentou quando a guerra acabou, pois os projetos de colonização italiana foram barrados e o governo não conseguiu cumprir o prometido em sua campanha de alistamento. Como Benito aponta em seu discurso, a falta de colônias impedia que a terra fosse dividida e assim os ex-combatentes camponeses não desfrutariam dela.

Esse fato ocasionou uma revolta ainda maior naqueles que se sacrificaram pelo governo italiano e agora não recebiam nada em troca. Quem seria o responsável? Claro que muitos atacavam o governo chamando-o de mentiroso, porém Mussolini aponta outro fato que, até aquele momento, não fora levado em conta: os culpados por isso eram também a Inglaterra e a França que impediram o domínio por parte da Itália dos territórios ocupados por eles durante a Primeira Grande Guerra<sup>19</sup>.

Reafirmo aqui nesta ordem do dia o postulado da Sociedade das Nações. É nosso no fim das contas, mas entendamos: se a Sociedade das Nações deve ser uma solene “fragata” da parte das nações ricas contra a nações proletárias, para fixar e eternizar aquelas que podem ser as condições atuais do equilíbrio mundial, nos olhemos bem nos olhos. Eu compreendo perfeitamente que as nações podem estabelecer estes prêmios, seguras de sua opulência e posições atuais de domínios. Mas isso não é idealismo; é conveniência e interesse. (MUSSOLINI, 1921, p. 65)<sup>20</sup>

<sup>19</sup>A insatisfação dos ex-combatentes e o problema da ocupação dos territórios pela Itália aumentam logo após que os territórios coloniais que a Alemanha tinha na África e na Ásia foram divididos entre Inglaterra, França, Japão e EUA, levantando a questão de porque só a Itália era excluída da partilha?

<sup>20</sup>Reaffermo qui questo ordine del giorno il postulato societário della Società delle Nazioni. E nostro in fin dei conti, ma intendiamoci: se la Società delle Nazioni deve essere una solene “fragata” dda parte delle nazioni ricche contro

Mussolini se utiliza da experiência que adquiriu no Partido Socialista e de suas leituras de Marx e reformula, em sua visão, o que seria a luta de classes, transportando-a para o campo das nações. Para Benito Mussolini, existiam dois tipos de Nações: a primeira era a Nação Rica, grandes impérios coloniais com possessões tanto na África quanto na Ásia, garantindo assim um grande acúmulo de riquezas. As do segundo tipo eram as nações proletárias, que, como na própria luta de classes, sofriam com a exploração das Nações Ricas, eram desprovidas de colônias e estavam sujeitas a constantes crises econômicas e sociais. Quando tentavam realizar o seu desejo expansionista, aqui representando as condições italianas, eram barrados em seu intento pelas grandes potências, representadas pela França e Inglaterra.

Como combater a opressão das nações ricas? Em primeiro lugar, substituindo o governo fraco por um forte, que soubesse impor-se como potência; posteriormente, o novo governo deveria desafiar as outras potências e conquistar territórios para colonizar. Esse foi o caso da tentativa da Itália na tomada da Etiópia, bastante noticiado pela imprensa, e que transformou-se no carro chefe da propaganda fascista nos anos 30.

Para que a nação pudesse crescer e se expandir, era necessário que a população se unisse, percebendo que a luta de classes, na verdade, dividia a nação, deixando-a, assim, mais fraca, ficando à mercê das nações ricas, como veremos mais adiante nesse trabalho. Na visão de Mussolini, somente um Estado forte, com a figura de um líder forte, eliminaria a luta de classes; um exemplo que ele utiliza para explicar esse fato é como o Kaiser, soberano da Alemanha, conseguiu unir a nação alemã e fazer com que eles trabalhassem juntos, não importando a classe a que pertencessem. “O Kaiser - de fato - na alocução pronunciada do balcão do castelo de Potsdam, anulava o partido e a classe em nome da saudação e da grandeza da pátria” (DE FELICE, 2001, p. 98)

O interesse italiano em manter os territórios ocupados depois da guerra era boicotado pelas grandes potências. No início de 1919, a França, a Inglaterra e os Estados Unidos conseguiram construir, a partir de antigos territórios do Império austro-húngaro, um novo país: a Iugoslávia. Após o fim da guerra, a Itália tinha interesse em duas cidades localizadas no território

---

le nazioni proletarie per fissare ed eternare quelle che possono essere le condizioni attuali dell'equilibrio mondiale, guardiamoci bene negli occhi. Io comprendo perfettamente che le nazione della loro opulenza e posizione attuale di domínio. Ma questo non è idealismo; è tornaconto e interesse.

unificado: Trieste, que já havia sido ocupada pelas tropas italianas durante a Primeira Guerra Mundial e a cidade de Fiume, uma cidade portuária que permitiria o incremento das exportações italianas, aumentando sua presença militar no mar Adriático simultaneamente.

As grandes potências decidiram, de início, manter a cidade de Fiume sob controle norte-americano. Foi mantida uma divisão do exército ianque para proteger e manter a ordem social. Foi um duro golpe para as pretensões italianas, já que Woodrow Wilson não era um dos maiores apoiadores da opção de entregar Fiume aos italianos. O balde de água fria veio com a assinatura do Tratado de Versalhes, que definiu que Fiume teria o *status* de uma cidade internacional, defendida pelo exército americano. Para diminuir as reclamações italianas, foi permitido também que o exército italiano a protegesse, fazendo assim uma “guarda compartilhada”.

No discurso *Per la concentrazione delle forze interventioniste di sinistra* (Pela concentração das forças intervencionistas da esquerda), pronunciado em 28 de julho 1919, Benito Mussolini expõe sua opinião, assim como a de seu movimento, sobre a assinatura do tratado de Versalhes, que consolidou a “Vitoria Mutilada”:

A paz combinada em Versalhes não é motivo suficiente para o desejado colaboracionismo. Em primeiro lugar, é necessário entender: os pussistas falam de ‘anular’ a paz de Versalhes. Nós queremos simplesmente “revisa-la”. Não condenamos em bloco uma paz que um alemão é punido., Eduardo Bernstein<sup>21</sup> chamou por nove décimos de justa. A revisão da paz não deve significar condenação à guerra. A União Republicana Fiorentina publicou um manifesto que delimita os protestos contra o tratado de Versalhes. “Não vamos dissimular- dizem os republicanos florentinos- que, também merecedor das radicais emendas, isso consagra em resumo a degeneração de quatro impérios autocráticos, a queda de numerosas dinastias, a criação de tantas outras repúblicas, a reconstituição da Polônia, a reconquista da Alsacia-Lorena pela França, de Trento e Triste pela Itália, Jerusalém pela Europa civilizada. E também bastaria, até que seja emendada, para certificar a suprema santidade da intervenção italiana na atroz guerra desencadeada pelos ferozes alemães dos Hohenzollern e dos Habsburgo. (MUSSOLINI, 1921, p. 77/78)<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> Eduardo Bernstein, era membro do Partido Social-Democrata Alemão, foi um crítico de Marx e do marxismo.

<sup>22</sup> La pace combinata a Versailles non è motivo sufficiente per il vagheggiato collaborazionismo. Anzitutto bisogna intendersi. I pussisti parlano di “annullare” la pace di Versailles; noi vogliamo semplicemente “rivederla”. Non condanniamo in bloco una pace che un tedesco e non degli ultimi venuti: Eduardo Bernstein, ha chiamato per nove decimi giusta. La revisione della pace non deve significare condanna della guerra. L’Unione repubblicana fiorentina

Mussolini discordava do movimento pussista (que tinha ideais ligados à esquerda, porém não era filiado ao Partido Socialista Italiano). Futuramente, durante o regime fascista, seria fundado o Partido Socialista Unitário (PSU) que seria perseguido e fechado. Ele acreditava que o tratado não era de todo mau, já que o acordo havia estabelecido punições para a Alemanha e para o Império austro-húngaro, que, a seu ver, eram os verdadeiros causadores da guerra. Além disso, o tratado garantia a formação de nações que estavam anteriormente submetidas aos impérios alemão, russo, austríaco e turco-otomano, por isso Mussolini usa a frase de Eduardo Bernstein que chamou o tratado de nove decimo de justa, isso é, o tratado de Versalhes foi bom, mas poderia ter sido melhor. . Logo, não havia necessidade, como os extremistas diziam, de anulá-lo, mas sim de revisá-lo, principalmente quanto à questão da região da Dalmácia e da cidade de Fiume.

Por que Mussolini defende aqui a criação de novos países, mas critica o fato de Fiume ficar sob controle dos iugoslavos? A diferença estava que, em Fiume, existia uma pequena população de italianos. A própria cidade não tinha interesse em se anexar nem à Iugoslávia, nem à Itália. Após a assinatura do tratado de Versalhes, Fiume tornou-se uma cidade internacional protegida pelo exército americano e italiano, porém não estava submetida a nenhuma dessas nações.

Outro ponto positivo, para Mussolini e também para a Itália, foi que o acordo de Versalhes garantiu-lhe o direito de manter duas cidades, Trento e Trieste, que antes pertenciam ao Império austro-húngaro, com localização na região de Veneto. Logo, se ocorresse a anulação do tratado, como o movimento pussista gostaria, corria-se o risco de perder as poucas conquistas obtidas. Portanto, seria mais interessante apenas uma reformulação do acordo, para assim manter os territórios que interessavam à Itália.

A questão de Fiume permanecia pendente e sem uma solução à vista. Surgiu assim uma oportunidade para Gabriele D'Annunzio, poeta italiano, jornalista, extremo nacionalista, que defendeu em 1914 a participação da Itália na guerra, quando se alistou e lutou ao lado dos *arditi*.

---

ha pubblicato un manifesto che precisa i limiti della protesta contro il trattato di Versaglia. “Non vogliamo dissimulare- discono i repubblicani florentini- che, pur meritevole di radicali emende, essa consacra insomma il disfacimento di quatro imperi autocratici, la caduta di numeroso dinastie, la crazione di altrallante repubbliche, la ricostituzione della Polonia, la reconquista dell’Alsazia- Lorena ala Francia, di Trento e Trieste all’Italia, di Gerusalemme all’Europa civile. E tanto basterebbe, finchè emendata sai, ad attestare la suprema santità dell’intervento italiano nell’atroce guerra scatenata dalle belve tedesche di Hohenzollern e di Absburgo.

D'Annunzio continuou a escrever poemas onde exaltava a grandeza da Pátria, a guerra e o sacrifício dos italianos. Para demonstrar sua bravura, Gabriele D'Annunzio, durante a primeira guerra, sobrevoou a cidade de Viena, capital do Império austro-Húngaro, jogando folhetos de propaganda para baixar o moral da população austríaca; esse episódio marcou seu nome como o grande herói italiano da Primeira Guerra.

No fim da guerra, participou, do movimento *Associazione Arditi*, reaparecendo na paisagem política com um batalhão de *arditi*. Marchou para Fiume, e, sem encontrar resistência por parte das tropas que ocupavam a cidade, D'Annunzio se auto intitulou chefe do governo da cidade e redigiu sua constituição. A invasão foi vista por Inglaterra e França como uma afronta, e o governo da Itália negou-se a prestar apoio.

O ato de Gabriele D'Annunzio foi visto pelos nacionalistas como uma demonstração de bravura e esperteza. Muitos demonstraram total apoio, entre eles Benito Mussolini, que aproveitou a invasão para se promover juntamente com D'Annunzio, em seu discurso *Il Fascismo e I diritti della Vittoria* (O Fascismo e os direitos da Vitória), pronunciado em 9 de outubro de 1919, durante o lançamento do movimento fascista em Florença. Mussolini inicia seu discurso comentando a situação de Fiume:

Eu também fiz uma pequena brincadeira a Sua Indecência Nitti (*gritos de: Abaixo Nitti! Abaixo Cagoia*”). Parti da Nova Liguria a bordo de um SVA<sup>23</sup> junto com um magnífico piloto. Atravessamos o Adriático e descemos em Fiume, D'Annunzio nos cumprimenta festivamente, porque tem necessidade dos aviadores e dos equipamentos. Ontem de manhã, no retorno, fomos atingidos por uma tempestade de “ventos boreais” que vieram dos planaltos istrianos. Tivemos portanto de desviar da rota e aterrissamos em Aiello. Em Fiume havia visto aquilo que D'Annunzio justamente chama *uma atmosfera do milagre e do prodígio*. Trago-vos, no entanto, a sua saudação. Ele espera escrever uma mensagem expressando pela nossa ajuda (*Aplausos e gritos de: Viva Fiume.*) (MUSSOLINI, 1921, p. 81)<sup>24</sup>

<sup>23</sup> Era um avião monomotor, foi utilizado pelo exército italiano durante a primeira guerra, e era o avião favorito de D'Annunzio.

<sup>24</sup> Anch'io ho fatto una piccola beffa a Sua Indecenza Nitti (*grida di: Abbasso Nitti! Abbasso Cagoia!*). Sono partito da Novi Ligure sopra uno SVA insieme ad un magnifico pilota. Abbiamo attraversato l'Adriatico e siamo discesi a Fiume. D'Annunzio ci ha accolti molto festosamente, perchè há bisogno di aviatori e di apparecchi. Ieri mattina al ritorno siamo stati colti da una bufera di “bora” sull'altipiano istriano. Abbiamo perciò dovuto deviare dalla rotta e siamo atterrati ad Aiello. A Fiume ho vissuto quello che d'Annunzio giustamente chiama *um'atmosfera di miracolo e*

Alguns meses após a tomada de Fiume, Benito Mussolini e alguns colegas do movimento fascista foram até a cidade para cumprimentar D'Annunzio por seus feitos e observar o novo governo. Além dessas questões, Mussolini esperava que, com a visita a Fiume, sua figura ganhasse mais prestígio, por ser visto ao lado de Gabriele D'Annunzio. É importante lembrar que, até esse momento, o movimento fascista não era muito conhecido e não tinha muitos seguidores, nem mesmo dentre os grupos de ex-combatentes. Por outro lado, D'Annunzio tinha ambos ao seu lado. Portanto, Mussolini via na figura de D'Annunzio alguém para se aprender. Seria a partir daquela visita ao líder dos *arditi* que Benito Mussolini mudaria seu modo de agir e até mesmo de discursar. Os discursos de balcões e as vestimentas militares, que eram marcas registradas da propaganda fascista, iniciaram-se com D'Annunzio. Essas modificações ajudaram o movimento a encontrar uma identidade que, até o momento, não existia.

Até esse momento, é possível observar que o fascismo, em seu princípio, se assemelhava ao socialismo, apesar das divergências e conflitos que os opunham. A falta de identidade própria fez com que o fascismo não atingisse o público que queria e nem se tornasse forte; por isso, modificar-se era necessário para a sobrevivência do movimento.

Mussolini propôs para Gabriele D'Annunzio que entrasse para o seu movimento, unindo forças para militar na política italiana, mas D'Annunzio recusou, pois, para ele, a negociação política não interessava, mas sim a ação direta e imediata.

“D'Annunzio não é Fascista. Mas o fascismo é d'annunziano. O fascismo usa consuetudinariamente uma retórica, uma técnica e uma postura d'annunzianas. O grito fascista de ‘Eia, eia, alalá’ é um grito da epopeia de D'Annunzio. As origens espirituais do fascismo estão na literatura e na vida de D'Annunzio. Ele pode, portanto, renegar o fascismo; mas o fascismo não pode renegá-lo. D'Annunzio é um dos criadores, um dos artífices do estado de ânimo no qual se incubou e se plasmou o fascismo” (MARIÁTEGUI, 2010, p. 285)

No decorrer do discurso, Benito Mussolini aproveita para atacar o governo e os socialistas. O primeiro por ser ineficiente diante dos problemas que D'Annunzio resolveu, o segundo por levantar calúnias e notícias falsas sobre a invasão de Fiume.

---

*di prodígio. Vi porto intanto il suo saluto. Egli si riprometteva di scrivere un messaggio aposta per la mostra adunata. (Applusi e grida di: Viva Fiume).*



Os iugoslavos não têm nenhuma intenção de mover-se. Não só, mas os croatas abastecem em parte Fiume, o que demonstra como são indecentes e incestuosas as manobras nitinianas, tentando instigar a população, fazendo crer que é iminente uma guerra entre nós e os iugoslavos. Nada disso existe! D'Annunzio não tem feito disparos até agora e nenhum tiro de fuzil contra eles disparou do outro lado da linha de armistício; nesse momento, os croatas emitiram um magnífico documento, tanto do ponto de vista político, como do ponto de vista humano, que conclui com a fala: *Viva a fraternidade ítalo-croata! Viva a fraternidade além mar!* (MUSSOLINI, 1921, p. 82)<sup>25</sup>

A invasão de Fiume assustou muito o governo italiano, que via nisso um ato de afronta não somente ao governo da Iugoslávia, mas também ao da Inglaterra e da França. Logo, o governo de Nitti, e posteriormente de Giolitti, levantaram a questão de que aquela invasão levaria a um conflito entre a Itália e a Iugoslávia. Porém, não houve uma reação negativa por parte do governo Iugoslavo, fazendo assim com que Mussolini atacasse novamente o governo chamando-o de mentiroso. Momentos antes da reação do governo diante da situação, Benito Mussolini escreve no *Popolo d'Italia* mais um texto de apoio a D'Annunzio: “Não sabemos qual será o pensamento do governo do senhor Nitti: o que podemos afirmar é que D'Annunzio tem à vontade, se for necessário, dezenas de milhares de voluntários, de toda da melhor juventude italiana” (DE FELICE, 2001, p.84).

Finalizando a crítica ao governo, Mussolini afirma que a Itália tem tudo para assumir o poder em Fiume, já que nenhuma potência se atreveria a atacar a D'Annunzio, nem os iugoslavos. A guerra havia terminado e não havia mais um clima de hostilidade, como no início do conflito. Portanto, só bastava Nitti esticar a mão para que Fiume se tornasse italiana; porém, ele não tomaria essa iniciativa:

Agora, em relações internacionais, a situação de Fiume é claríssima. D'Annunzio não se moverá, porque todos os eventos são favoráveis a ele. Que coisa podem fazer as potências plutocratas do capitalismo ocidental contra ele? Nada! Absolutamente nada, porque o remover de um fato já realizado seria desencadear um problema maior e isto ninguém pensava, nem a França, nem a Inglaterra. Na França, podemos dizer

---

<sup>25</sup>I Jugoslavi non hanno nessuna intenzione di muoversi. Non solo, ma i croati riforniscono in parte Fiume, ciò che dimostra come sai sconcia ed insidiosa la manovra nittiana, tendente a sommuovere il popolino, facendo credere che si fosse alla vigilia di una guerra tra noi ed i jugoslavi. Niente di tutto questo esiste! D'Annunzio non ha fatto sparare fucile contro coloro che stanno al di là della linea di armistizio: ha anzi emanato un proclama ai croati che è un magnifico documento, sai dal punto di vista politico, sai dal punto di vista umano. Esso conclude con le parole: *Viva la fratellanza ítalo-croata! Viva la fratellanza sul mare!*

tranquilamente, há um sacro horror por um novo derreamento de sangue. Quanto ao povo dos ‘*cinco pasti*’, estes fizeram a guerra muito bem e brilhantemente, mas agora toda a sua ordem de ideias é contrária a qualquer investida beligerante, qualquer que seja a aventura um pouco complicada. Amanhã o feito de Fiume será feito por todos, porque ninguém teria a força de modificar. Se o governo tivesse sido menos vil, a esta hora teria resolvido o problema de Fiume e os aliados o teriam aceitado, talvez com um protesto que teria servido de argumento a qualquer jornal humorístico (*aplausos*). (MUSSOLINI, 1921, p. 82/83)<sup>26</sup>

A invasão de Fiume durou até dezembro de 1920 quando, cercada por forças da própria Itália, ocorreu a retirada. Esse fato foi retratado por Mussolini como “tragédia fiumiana”. Nessa época, ele e Gabriele D’Annunzio já não se correspondiam mais; a causa para isso era a visão de que D’Annunzio era um empecilho para o fortalecimento do movimento fascista. Ao mesmo tempo em que Benito idolatrava D’Annunzio também o temia, já que este representava um adversário para que o fascismo se tornasse hegemônico entre os ex-combatentes. D’Annunzio era uma figura mais famosa nas fileiras dos militares do que Mussolini; seus atos heroicos durante a guerra o transformaram em uma figura muito conhecida e, assim como Mussolini, também fundou um grupo de ex-combatentes. Vemos que, no decorrer dos anos, Mussolini não o cita mais em seus discursos, voltando a falar sobre ele somente quando ocorre a derrota em Fiume. Gabriele D’Annunzio sumiria da cena política após a derrota, sem se filiar a nenhum partido ou movimento, deixando assim o caminho livre para que Benito Mussolini e seus fascistas assumissem a hegemonia do movimento de ex-combatentes.

Para finalizar, Gabriele D’Annunzio teve uma importância gigantesca na formação do fascismo. O aprendizado que Mussolini teve ao observar D’Annunzio transformou a sua forma de atuar politicamente. Durante os anos de 1920 e 1921, o fascismo sofreria transformações radicais na forma de agir e de conquistar diferentes grupos para filiar-se ao movimento.

---

<sup>26</sup> Ora, nei rapporti internazionali la situazione di Fiume è chiarissima. D’Annunzio non si moverà; perchè tutti gli eventi sono favorevoli a lui. Che cosa possono fare le potenze plutocratiche del capitalismo occidentale contro di lui? Nulla! Assolutamente nulla, perchè il rimuovere un fatto compiuto sarebbe scalenare un altro più grosso guaio ed a questo nessuno pensa, né in Francia, né in Ighilterra. In Francia, lo possiamo dire tranquillamente, c’è un sacro orrore per un nuovo spargimento di sangue. Quanto al popolo dai “cinque pasti” há fatto la guerra molto bene e brillantemente, ma ora tutto il suo ordine di idee è contrario a qualsiasi impresa guerresca ed a qualsiasi avventura un po’ complicata. Domani il fatto compiuto di Fiume sarebbe compiuto per tutti, perchè nessuno avrebbe la forza di modificarlo. Se il governo fosse stato meno vile, a quest’ora avrebbe risolto il problema di Fiume e gli alleati avrebbero dovuto accellerarlo, magari con una prolesta che forse avrebbe servilo di argomento a qualche giornale umoristico(*applausi*)

### 3. O Proletariado Italiano de 1919.

*“Embora Engels previsse que os inimigos da esquerda acabariam por lançar um contra-ataque, ele, em 1895, não poderia esperar que esse ataque viria a conquistar o apoio das massas.” (PAXTON, 2007, p.13/14)*

A falta de apoio popular massivo fazia com que o fascismo corresse o risco de acabar antes mesmo de completar um ano de vida. Este fato foi apontado por Antonio Gramsci como um dos mais importantes para entender a debilidade do movimento. Assim, em 1919, Benito Mussolini procurou apoio naquele grupo social com o qual ele tinha maior facilidade de se comunicar – a classe operária. Mas, como bem sabemos, as classes operárias fazem parte das fileiras socialistas e dificilmente abandonariam seu antigo partido para se filiar a outro movimento. Não obstante, nesta seção pretendo demonstrar que, mesmo assim, numerosos membros do operariado se filiaram ao fascismo com o objetivo de construir uma nova identidade para essa classe. Observando o discurso *Il diritto operai del dopo guerra* (O direito operário depois da guerra), feito no final de 1919 para os operários de Dalmine<sup>27</sup>, podemos ver as primeiras questões postas por Mussolini do que seria um operário fascista.

Pode até parecer estranho encontrar discursos de Benito Mussolini direcionados à classe trabalhadora, mas há uma explicação e para isso devemos retornar ao passado do *Duce*. Durante a infância, Benito Mussolini conviveu com os ideais de seu pai, que era um ferreiro e pertencia ao movimento socialista:

“A ferraria, onde às vezes Benito trabalhava com os grandes foles de couro enquanto o pai discutia política com os companheiros, fora, desde o começo, uma força que o polarizava. Ocultada embaixo, na adega, dentro de uma caixa de ferro, estava a bandeira de cetim vermelho do partido proibido, mas que era tirada da caixa uma vez por ano, no Dia do Trabalho” (COLLIER, p.38)

---

<sup>27</sup>Dado importante: foram os operários que pediram para que Mussolini discursasse para eles.

Fica claro que, desde sua infância, Benito Mussolini tinha contato não somente com a classe trabalhadora fabril, já que acompanhava seu pai no trabalho, mas também com o Partido Socialista. Mesmo durante o tempo que passou longe de sua casa, quando foi enviado para um colégio interno, Benito ainda demonstrava ter esse contato com as ideologias socialistas. Quando adulto, acabou se tornando um membro do PSI. Pelo seu carisma e pela sua fala simples acabava atraindo novos membros para o partido: “um homem do povo, de origem humilde, satisfaz à exigência de identificação da gente comum e contribuiu para consolidar o consenso popular” (CARNEIRO;CROCI, 2010, p.251).

Mussolini subiu rapidamente dentro do partido, tornando-se redator chefe do principal jornal socialista o *Avanti!*. Contudo, por apoiar a entrada da Itália na Guerra, tornando-se assim um intervencionista, Benito foi expulso do partido. No seu discurso de despedida, Benito diz algo interessante, que nos faz entender por que nesse momento ainda era difícil para ele se livrar de toda sua experiência da esquerda: “O socialismo é alguma coisa que se radica no sangue. Aquilo que me divide de vocês não é uma pequenina questão, é uma grande questão que divide todo o socialismo.” (MUSSOLINI, 1921, p.16)<sup>28</sup>

Quando se fala sobre as classes trabalhadoras durante o regime ou movimento fascista, elas são sempre retratadas como inexistentes ou passivas. Porém com novos estudos e documentos, foi possível reescrever a história das classes operárias durante os anos que precederam o regime e do próprio governo fascista<sup>29</sup>, demonstrando sua existência, suas ações, lutando contra, ou no caso que quero demonstrar, unindo-se às fileiras do fascismo.

A industrialização italiana, comparada com a de outros países europeus, desenvolveu-se mais lentamente. As primeiras indústrias que surgiram na Itália foram as de tecidos, na região da Lombardia, na metade do século XIX. Era uma indústria extremamente incipiente e recebia pouco estímulo do governo local, pois isso ocorreu anteriormente à época da unificação. Dessa forma, essas indústrias se mantiveram num baixo patamar, sem conseguirem se tornar competitivas no mercado europeu.

---

<sup>28</sup> Il Socialismo è qualche cosa che si radica nel sangue. Quello che mi divide ora da voi non è una piccola questione, è una grande questione che divide il socialismo tutto.

<sup>29</sup>Para uma compressão melhor sobre a luta operária ou a história operária durante o regime fascista sugiro ler a obra do professor Matteo Pasetti *O Regime Fascista e a Classe Operária* contido no livro *Tempos de Fascismos: Ideologia-Intolerância-Imaginário* organizado pela professora Maria Luiza Tucci Carneiro e Federico Croci e publicado pela Edusp. 2010.

Após a unificação da Itália, no final do século XIX, não houve mudanças consideráveis, porém a industrialização se espalhou para outras cidades ao norte da Itália como Gênova, Veneza, Padova, entre outras. Não eram apenas indústrias de tecidos; surgiam também as metalúrgicas e as automobilísticas<sup>30</sup>.

Essa industrialização causou um deslocamento das populações rurais para as cidades, principalmente de jovens que viam a oportunidade de deixar o campo e viver na cidade. Assim, vão surgindo os primeiros operários das fábricas italianas. À semelhança de seus companheiros operários de outros cantos da Europa, também sofriam com o abuso dos baixos salários, acompanhados por horas intermináveis de trabalho. Com os abusos que os operários italianos sofriam não tardou para que surgisse o Partido Socialista Italiano, fundado em 1892 e que não demorou a se tornar uma força política dentro do operariado italiano.

A industrialização italiana ganharia um novo impulso com o início da Primeira Guerra Mundial: “O que o industrialismo, com o seu normal processo de desenvolvimento, não fora capaz de produzir, terminou sendo produzido pela guerra.” (GRAMSCI, 1987, p.71). A guerra, ocorrendo por toda a Europa, e a necessidade do exército italiano se modernizar para combater os austríacos de igual para igual, fizeram com que o governo investisse de forma intensiva nas indústrias de material pesado.

As indústrias tinham o papel agora de produzir armas e veículos para Guerra. A Fiat, por exemplo, além de produzir carros, avançou na produção de armas de guerra. Surgiu assim uma ramificação da Fiat, chamada *Breda Meccanica Bresciana*, que produzia as principais armas de fogo utilizadas pelo exército italiano. A Guerra foi, para a indústria italiana, o período de maior incentivo do governo e uma época em que desfrutou de grande lucratividade.

Mesmo com todos os incentivos criados pela burguesia e governo, a Itália ainda se mantinha como um país praticamente focado na economia agrária. Mais de 50% da população italiana vivia nos campos e o setor também empregava o maior número de pessoas na Itália. O investimento pesado na indústria só ocorreu realmente após a segunda guerra mundial e foi iniciado pelos fascistas.

---

<sup>30</sup>As indústrias que surgiram foram a Breda de Transporte (1886), fabricante de trem, Franco Tosi (1882) metalúrgica e a Fiat em Turim (1907) produtora de automóveis.

Essa pequena explicação do processo de industrialização da Itália é útil para auxiliar-nos na compreensão da mentalidade do operariado italiano, que sofreu transformações com a crise que a Primeira Guerra Mundial causou:

A um certo ponto de sua vida histórica, os grupos sociais se afastam de seus partidos tradicionais, isto é, os partidos tradicionais com forma organizativa determinada, com os homens que os constituem, os representantes e os dirigentes, (que) não são mais reconhecidos como expressão própria de sua classe ou fração de classe. Quando essas crises acontecem, a situação imediata se torna delicada e perigosa porque o campo está aberto às soluções de força, à atividade de potências obscuras, representadas por homens providenciais e carismáticos. (SADER, 2005, p.51)

A perda de identidade da classe operária com o partido que mais se posicionava a seu favor está ligada às crises políticas e sociais que a Guerra provocou e às discussões internas dentro do Partido Socialista, que levariam à sua divisão e ao surgimento do Partido Comunista Italiano em 1921. As indecisões sobre que caminho tomar após a Revolução Russa - revolução ou reforma - dividia os políticos dentro do PSI e isso afetava a relação deles com as classes operárias italianas, que se sentiam confusas sobre quem seguir e em quem acreditar.

Porém, ao ler a obra de Daniel Guerin, podemos observar que havia grupos dentro do próprio operariado que se tornavam membros do fascismo mais facilmente que os outros. Aceitar o princípio de que a classe operária não era homogênea politicamente, isto é, que dentro dela havia opiniões e experiências diferentes, afasta a ideia simplista de que a classe operária era uma massa de manobra. Não eram todos incondicionalmente a favor do Partido Socialista Italiano; alguns procurariam outros partidos onde se sentiriam representados.

O primeiro grupo dentro da classe trabalhadora que se diferenciaria dos seus companheiros e veria o fascismo como a solução de seus problemas foi o dos operários que lutaram na Primeira Guerra Mundial, formado por ex-combatentes, como foi já dito. Sua crença na nação, sua postura apolítica, fazia com que esses operários não vissem o socialismo como seu representante e sim o fascismo, que se tornava mais atrativo. Esses homens voltaram da Guerra com os discursos patrióticos transformados em ditos populares, o que explica o motivo de se filiarem ao fascismo e de lutarem junto aos ex-combatentes: “O jargão patriótico de *bárbaro inimigo a campos e glória, das terras aprisionadas à glória vitória-* entra, assim, no vocabulário

das classes subalternas, mesmo com uma fixação essencialmente verbal e uso instrumental” (CARNEIRO; CROCI, 2010, p.251)

A juventude já era um público alvo dos fascistas, pelo fato de Mussolini se demonstrar líder de um movimento que criticava a velha ordem. Nesta seção, o foco é sobre os jovens operários que têm motivações diferentes de outros jovens. Os jovens operários eram aqueles que saíram do campo para buscar melhores condições de trabalho na cidade, além de substituir a mão de obra que morreu ou que ficou mutilada na Guerra. Essa juventude, que acabava de adentrar no serviço fabril, não tinha experiência da luta de classe<sup>31</sup>:

Por debaixo, o fascismo recrutava os proletários recentes: filhos de camponeses recém-ligados às indústrias e que não tiveram tempo de adquirir uma consciência de classe; eram os trabalhadores que a técnica moderna tinha reduzido a simples peões e que passam indiferentemente de uma rama industrial para outra, sem ofício nem profissão, à margem das organizações trabalhistas e dispostos, por consequência, a desertar de sua classe. Graças a eles, tanto na Itália quanto na Alemanha, o fascismo se introduz nas fábricas. (GUERIN, 1973, p.90)

Esses jovens que acabavam de chegar às fabricas viam na figura de Mussolini a juventude contestando os velhos costumes, tanto os liberais quanto os socialistas. Os velhos partidos, a seus olhos, estavam superados e não representavam o interesse desses novos atores sociais. Contudo, o que fez esses jovens verem o fascismo como um possível movimento que poderia modificar a realidade da fábrica? A resposta está nas promessas, feitas nos primeiros anos do movimento, de introdução de melhorias trabalhistas, melhores salários e menos horas de trabalho. Isso pode ser constatado nos panfletos distribuídos pelos fascistas que elencavam as propostas para combater a crise italiana; em uns dos pontos do panfleto temos a defesa da causa operária:

- a) Impomos a promulgação de uma lei do Estado que sancione para todos os trabalhadores a jornada legal de oito horas *efetivas* de trabalho; b) Salário mínimo; c) A

---

<sup>31</sup>A falta de conhecimento sobre a luta de classe era normal, principalmente para os que vieram das zonas agrícolas, onde, conforme Gramsci “O camponês sempre viveu fora do domínio da lei, sem personalidade jurídica, sem individualidade moral: permaneceu um elemento anárquico, o átomo independente de um tumulto caótico, freado somente pelo medo da polícia e do diabo. Não compreendia a organização, não compreendia o Estado, não compreendia a disciplina; paciente e tenaz no esforço individual de arrancar da natureza escassos e magros frutos, capaz de inauditos sacrifícios na vida familiar, era selvagem, impaciente e violento na luta de classe, incapaz de se propor um objetivo geral de ação e de persegui-lo com perseverança e luta sistemática”. GRAMSCI, Antônio. *A questão meridional*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1987. Pg. 70.

participação de representante dos trabalhadores no funcionamento técnico da indústria;  
d) A confiança às mesmas organizações proletárias (que sejam dignas moralmente e tecnicamente) da gestão das indústrias e dos serviços públicos (DE FELICE, 2004, p.17)

Esses aspectos fizeram com que muitos jovens aceitassem e acreditassem nos discursos que Mussolini pronunciava e nas promessas feitas a eles. Os jovens operários, dentre todos os grupos sociais aqui mencionados, foram os que mais apoiaram do fascismo, e, como Daniel Guerin apontou “*Graças a eles, tanto na Itália quanto na Alemanha, o fascismo se introduz nas fábricas*”. Encerrando a análise sobre os grupos operários que escapavam da hegemonia socialista, temos os “fura greves”, aqueles que negavam o movimento socialista e a sociedade de classe. Os “fura greves” enfrentavam seus companheiros grevistas, estavam sempre ao lado de seus patrões, às vezes servindo para eles de “bode expiatório”. Com isso, ficavam à margem do trabalho industrial e recebiam pequenas quantias de dinheiro por trabalhos eventuais; mas temiam a revolução já que essa “*obrigaria todo mundo a trabalhar*” (GUERIN. 1973, p.92)

Além desses grupos citados acima, também temos os ex-anarquistas, que não se filiaram a nenhum partido, além dos estivadores e marinheiros - “*os marinheiros genoveses organizados pelo capitão Giuseppe Giulietti, que seguiram primeiro D’Annunzio e depois a Mussolini.*” (PAXTON, 2007, p.94).

Como podemos ver, a consciência de classe não atingia todos os trabalhadores das indústrias e a classe operária não era homogênea e sim dividida em pequenos grupos. Isso nos ajuda a compreender porque os grevistas das metalúrgicas da cidade de Dalmine, localizada ao norte, na região da Lombardia, chamaram Benito Mussolini para discursar para eles, os operários.

No final do ano 1919 e no início de 1920, houve um grande número de greves no norte da Itália. Muitas delas comandadas pelos socialistas, porém outras independentes, como foi o caso dos operários da Fábrica de Dalmine. Não foi só o fato de não seguir as ordens do Partido Socialista que diferenciava essa greve das outras, mas o modo de ação dos grevistas durante a manifestação. Os operários decidiram não parar a produção e sim diminuí-la e negociar com o dono da fábrica. Além disso, os operários da fábrica penduraram nas janelas a bandeira da Itália. Por que decidiram fazer uma “greve parcial” e não fechar a fábrica de vez? Qual era a intenção



desses operários ao colocarem nas janelas as bandeiras tricolores da Itália? No início do discurso de Benito Mussolini a esses operários encontra-se a resposta:

O significado intrínseco de vossos gestos é claro, é límpido, e documentado na ordem do dia. Vocês se colocaram no terreno da classe, mas não esqueceram da nação. Falaram do povo italiano, mas nem por isso deixaram sua categoria de metalúrgicos. Pelo interesse imediato de sua categoria, vocês podiam fazer a greve do velho estilo, a greve negativa e destrutiva, mas pensaram no interesse do povo. Vocês inauguraram a greve criativa, que não interrompe a produção. Não se pode negar a nação, depois que por ela vocês também haviam lutado, depois que por ela 500 mil homens nossos estão mortos. A nação por quem se fez esse sacrifício não se nega, porque essa é uma gloriosa, uma vitoriosa realidade. (MUSSOLINI, 1921, p.177/178)<sup>32</sup>

Como foi demonstrado no começo deste capítulo, a crise econômica italiana agravou-se no decorrer do ano de 1919 e a dívida externa não parava de aumentar, o que acabou afetando a população italiana, principalmente no que se refere ao aumento dos preços dos alimentos. As greves citadas por Mussolini como “*negativas e destruidoras*” eram aquelas provocadas pelos operários filiados ao Partido Socialista, que interrompiam a produção, provocando muitas falências de fábricas. Na visão dos fascistas, isso acabava piorando a crise, já que, com as falências, aumentava o desemprego. Além disso, com a diminuição do volume de exportação, cada vez mais a Itália se afundava em dívidas externas.

Em contrapartida, o tipo de paralização praticado pelos operários de Dalmine - uma “*greve criativa, que não interrompia a produção*” – era menos lesiva aos interesses do povo e da nação, pois a indústria não parava de produzir, o que permitia a continuidade do escoamento de mercadorias, ajudando assim a combater a crise interna. Isso não impedia aqueles operários de lutar pelos seus direitos, como classe.

O sacrifício em prol da nação já era um lema de fácil assimilação, desde o início do fascismo, principalmente para os ex-combatentes, já que esses eram militares. Quando entramos

---

<sup>32</sup> Il significato intrínseco del vostro gesto è chiaro, è límpido, è documentato nell'ordine del giorno. Voi vi siete messi sul terreno della classe ma non avete dimenticato la nazione. Avete parlato di popolo italiano non soltanto della vostra categoria di metallurgici. Per gli interessi immediati della vostra categoria voi potevate fare lo sciopero vecchio stile, lo sciopero negativo e distruttivo, ma pensando agli interessi del popolo, voi avete inaugurato lo sciopero creativo, che non interrompe la produzione. Non potevate negare la nazione, dopo che per essa anche voi avete lottato, dopo che per essa 500 mila uomini nostri sono morti. La nazione che ha fatto questo sacrificio non si nega poichè essa è una gloriosa, una vitoriosa realtà.

no campo das classes sociais, o que vemos é uma transformação desse lema para que se encaixe à realidade do operariado italiano.

Dentro da teoria de Nação Operária e Nação Rica, surge uma questão que diz respeito à classe operária: “O proletariado italiano sofre da condição de inferioridade em que se encontra a nação italiana em respeito às nações que competem com ela, mais que da avareza e da avidez dos patrões.” (GUERÍN, 1973, p.121). Esse trecho, que remete à fala de Alfredo Rocco, ministro da justiça do regime fascista, aponta que a opressão que a classe operária sofria não remetia somente ao patrão, mas sim à condição que a Itália tinha perante os outros países. Os problemas econômicos que ela vivia impediam que o governo oferecesse melhores condições de vida à população. Caso o operário aceitasse passar por sacrifícios pelo Estado, e o ajudasse a crescer, com certeza esse retribuiria, melhorando a condição de vida de todos.

Essa tese sobre o Estado estar acima do interesse das classes é reforçada no início do discurso quando se fala “Vocês estão a sete meses<sup>33</sup> no terreno da classe, mas não se esqueceram da nação”. No entanto, Mussolini não nega o direito à greve, postando-se assim, ainda que em menor medida, ao lado dos trabalhadores.

No final desse trecho do discurso temos outra referência interessante que ajuda a compreender quem são esses operários que o ouvem: “Não pode se negar à nação, depois que por ela ainda haviam lutado, depois que por ela 500 mil homens estão mortos”. Essa parte demonstra que algumas pessoas que o ouviam haviam participado da Primeira Guerra Mundial; logo, se encaixam no grupo de ex-combatentes. No segundo trecho, temos novamente a referência aos que morreram na guerra, reforçando a figura que estes se sacrificaram pela pátria e que a atitude destes operários se igualava aos sacrifícios dos soldados durante a guerra.

Esse discurso é intrigante não somente pelo fato de se direcionar às classes operárias italianas e defender o direito à greve – algo novo dentro do debate sobre o movimento fascista italiano – mas também pelo tom que Mussolini imprime a seu discurso, podendo encontrar nele termos já conhecidos em outros discursos políticos, neste caso, o discurso socialista:

---

<sup>33</sup> Nessa parte do discurso, podemos ver que Mussolini se refere ao tempo que esses operários se mantiveram no campo das classes; isso nos indica que esses operários eram novos, encaixando-se no grupo mencionado anteriormente.

Vós ensinastes a alguns industriais, àqueles que especialmente ignoram tudo isso que nestes quatro últimos anos aconteceu no mundo, que a figura do velho industrial ganancioso e vampiro deve ser substituída por aquela do capitão da sua indústria, da qual pode querer o necessário para si, não impondo a miséria para os outros criadores da riqueza. (MUSSOLINI, 1921, p.178)<sup>34</sup>

O ataque à burguesia, como gananciosa e que deixa seus trabalhadores na miséria, realmente compara-se com os ideais socialistas. Já foi citada a ligação entre Mussolini e os socialistas, porém, nesse ponto, acredito que as comparações entre os discursos socialistas e o fascista, que está se formando, têm como objetivo conseguir apoio nas classes trabalhadoras. Para isso, o discurso de Mussolini, precisava adaptar-se. Utilizar discursos de outros movimentos como base para o seu é algo comum e muito utilizado na política até hoje, e é a partir desse ponto que movimentos políticos distintos, dirigidos a uma classe social específica, conseguem ter uma aproximação. Além disso, Mussolini ainda não havia desenvolvido uma consciência política diferente.

A prática de Mussolini em continuar a defender os direitos dos operários será mantida em outros discursos que viriam tanto nos anos de 1920 e 1921, com pequenas modificações. O discurso feito em 1921 por Mussolini, na cidade de Bolonha, tinha outro objetivo além de atrair mais seguidores (em 1921 o fascismo ocupava o terceiro lugar dentre os partidos mais importantes da Itália). Era preciso, também, desqualificar os ataques feitos pelos socialistas contra o fascismo, principalmente a acusação de ele seria um partido das classes dirigentes. Isso é feito através da utilização de um discurso já conhecido dentro da classe trabalhadora:

Nós fomos os primeiros a reconhecer que uma lei do Estado deve dar oito horas de trabalho e que se deve ter uma legislação social respondendo às exigências dos novos tempos. E isto não porque reconhecemos a majestade de S.M o proletariado. Nós partimos de outro ponto de vista. E é este: que não se pode fazer uma grande nação capaz de grandeza atual e potencial se a massa trabalhadora é forçada a um regime de brutalidade. (MUSSOLINI, 1921, p.127/128)<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup>Voi insegnate a certi industriali, a quelli specialmente che ignorano tutto ciò che in questi ultimi 4 anni è avvenuto nel mondo, che la figura del vecchio industriale esoso e vampiro deve sostituirsi con quella del capitano della sua industria da cui può, chiedere il necessario per se, non già imporre la miseria per gli altri cratori della ricchezza.

<sup>35</sup>Noi siamo i primi a riconoscere che una legge dello Stato deve dar ele otto ore di lavoro e che ci deve essere una legislazione sociale rispondente alle esigenze dei tempi nuovi. E ciò non perchè riconosciamo la maestà di S.M. il

Ao mesmo tempo em que Mussolini se utiliza de alguns pontos do programa socialista para fortalecer o seu discurso, não deixa de utilizar também os seus próprios ideais; isso se deve ao fato de que esse discurso deveria diferenciar-se da mensagem socialista. O público que ouvia Mussolini, mesmo pertencendo ao campo da classe operária, não se identificava, como antes, com o discurso socialista.

Vós não podeis provar, pela brevidade do tempo, as condições de fato criativas dos industriais, a capacidade de fazer, mas provastes a vossa vontade e vos digo que estais em bom caminho, porque vos libertastes de seus protetores, vós sois escolhidos nos vossos seios aos homens que vos dirigem e os representam e por serdes sozinhos tem confiado o vosso direito. (MUSSOLINI, 1921, p.178)<sup>36</sup>

Quando Mussolini afirma que “vos libertastes de seus protetores”, refere-se aos socialistas que, na visão dele, limitavam o potencial dos trabalhadores e contaminavam as classes operárias italianas. O homem individual, liberto do socialismo, tem a capacidade de conquistar “a verdade”. Essa crítica sobre os socialistas se deve à visão de que muitos políticos que faziam parte do movimento se “venderam” ao governo e não representavam mais a vontade das classes operárias italianas. Ao mesmo tempo o sentido da palavra “liberdade” também está ligado à questão de superar aquela que, para os fascistas, era “coisa velha e passada”, a sociedade de classe. Para eles, a liberdade conquistada por esse ato demonstrava a individualidade dessa classe operária.

. Para Mussolini, o operário tinha que aprender suas limitações e suas capacidades; só assim poderia se tornar realmente “livre” das amarras sociais. A questão da Vontade e Capacidade é colocada no discurso na seguinte forma: “O fazer-se do proletariado é problema de vontade e de capacidade, não somente de vontade, não somente de capacidade, mas de capacidade e vontade juntas” (MUSSOLINI, 1921, p.178)<sup>37</sup>.

---

proletariato. Noi parliamo da un altro punto di vista. Ed è questo: che non ci Può essere una grande nazione capace di grandezza attuale e potenziale se le masse lavoratrici sono costrette ad um regime di abbruttimento(*applausi*).

<sup>36</sup>Voi non avete potuto provare per la brevità del tempo e la condizioni di fatto cratevi dagli industriali, la capacità a fare, ma avete provato la vostra volontà, ed io vi dico che siete sulla buona strada, perchè vi site leberati dai vostri protettori, vi siete scelti nel vostro seno gli uomini vi dirigono e che vi rappresentano e ad soli avete affidato il vostro diritto.

<sup>37</sup>Il divenire del proletariato è problema di volontà e di capacità, non di sola volontà, non di sola capacità, madi capacità e di volontà isieme.

Essa questão é uma crítica ao ideal socialista de que o operário deveria apropriar-se das fábricas logo após a Revolução. No entanto, para os fascistas, e especialmente para Benito Mussolini, essa questão era extremamente complicada, já que nem todo operário tinha a capacidade de gerir uma fábrica. Não bastava unicamente a vontade de trabalhar; era preciso ter capacidade e o conhecimento gerenciais, o que só poderia ocorrer com as “tomadas parciais dos complexos fabris”. Para Mussolini, no primeiro momento após a tomada das fábricas pelos operários, eles não deveriam retirar os diretores e patrões mas sim mantê-los, para aprender como gerir uma fábrica; assim, após compreenderem o seu funcionamento, poderiam colocar representantes. Esse papel seria feito pelos chefes e sindicato, com a ajuda do Estado:

A indústria deverá então, permanecer na forma orgânica atual, mas nos conselhos de administração serão representados os operários e o Estado, para os vigiar e, precisando, estimular o andamento. Dos fechamentos do balanço resultariam os benefícios, que deverão ser repartidos entre os funcionários (inclusive técnico-administrativo), o Estado, entidades locais, a direção e os acionistas. As cotas que competem ao Estado e às entidades locais substituiriam as taxas em vigor, com uma receita muito superior; as cotas dos acionistas não poderiam, em nenhum caso, ultrapassar um tanto por cento sobre o capital empregado na indústria. (DE FELICE, 2004, p.23)

*Antônio Gramsci*, assim como os outros socialistas, via essa atitude de Mussolini não como revolucionária, mas sim como “reformista”, pois não pretendia acabar com os reais problemas da sociedade capitalista italiana; em vez disso, pretendia maquiá-los os problemas sociais ou resolvê-los parcialmente. *Gramsci* dizia que a figura de Mussolini era a de um líder demagógico, que estava ali para iludir as massas e desviá-las da luta real, a luta socialista; em contrapartida, os fascistas e Mussolini, como já demonstrado, enxergavam o socialismo como atrasado, velho, despreparado. Era um grupo político que não se encaixava no mundo que estava para se construir, além de serem traidores da pátria:

Simpatizei com todas as organizações operárias, não excluída a Confederação Geral do Trabalho, mas me sinto mais próximo da União Italiana de Trabalho. Mas declaro que

não cessarei a guerra contra o partido que ficou durante a guerra como um instrumento do Kaiser; refiro-me ao partido socialista oficial. (MUSSOLINI, 1921, p.180)<sup>38</sup>

A crítica aos socialistas como traidores da pátria fecha esse discurso de Mussolini e revela a razão pela qual os trabalhadores da indústria de Dalmine não se sentiam mais representados pelos socialistas, apesar de não deixaram de ser operários que sofriam com os problemas da luta de classe. É nessa frase que se conclui a ideia de absorção de discursos, quando vemos a necessidade do fascismo de emprestar alguns ideais do socialismo e os transformar, tentando assim criar algo “novo” que poderia ser absorvido por esses operários que se mantinham à margem da luta de classe. O discurso não nasce pronto e não é imposto aos ouvintes; eles não são passivos, podem muito bem ouvir um discurso e não concordar em seguir as ideias propostas; logo, deve haver uma circularidade de ideias onde tanto o ouvinte quanto o orador participam.

As críticas gramscianianas e de outros partidos de esquerda sobre o caráter reformista do fascismo eram procedentes. Quando Mussolini foi expulso do Partido Socialista Italiano, acabou indo trabalhar em alguns sindicatos trabalhistas e ali conheceu a prática do cooperativismo<sup>39</sup>, que se tornaria, nos anos futuros do fascismo, o principal instrumento para a solução das questões trabalhistas italianas. Como se sabe, a esquerda não enxerga essa prática como revolucionária, mas sim como um ato reformista. Mussolini também modificaria a prática cooperativista em seu governo, tirando o poder dos vários sindicatos e centralizando todos os trabalhadores em alguns sindicatos controlados pelo partido fascista.

Para finalizar a primeira abordagem que os fascistas fizeram sobre a classe operária italiana, é importante observar como Mussolini define a política eleitoral italiana. O fascismo, como já citado em outros momentos, era um movimento, em seu início, apolítico. Benito repassa essa questão para operários:

---

<sup>38</sup>Ho simpatizzato com tutti gli organismo operai, non esclusa la Confederazione Generale del Lavoro, ma più vicino mi sento com L'Unione Italiana del Lavoro. Ma dichiaro che non cesserò la guerra contro il partito che è stato durante la guerra uno strumento del kaiser, parlo del partito socialista ufficiale.

<sup>39</sup>O cooperativismo surge na Europa medieval, porém essa prática cooperativista tratada aqui tem origens diferentes. Porém, não se sabe de onde veio e nem em que ano se iniciou essa prática; algumas iniciativas datam do início de século XIX. O cooperativismo visa acabar com os problemas trabalhistas, mas sem ações que destruíssem a indústria ou os preceitos sociais capitalistas. Funciona mais ou menos como uma cooperação. Enquanto ocorre a negociação entre o sindicato e a indústria, os trabalhadores continuam nas suas funções sem paralização do trabalho.

Vos subtraístes do jogo da influência política (*aplausos*). Vossos aplausos me demonstram.... Sou orgulhoso de ser mediador. Se fosse necessário queria estampar em letras garrafais na minha testa o testemunho para todos os covardes que eu estava no esplêndido maio de 1915 quando pediram em altas vozes que a vergonha da Itália Liberal havia a muitos cessado (aclamação). (MUSSOLINI, 1921, p.178/179)<sup>40</sup>

Fica claro no discurso como o fascismo enxergava a luta política operária - “desnecessária”. A luta política, como o próprio Mussolini afirmou em discursos anteriores, acaba desviando os trabalhadores de seus principais problemas. Todos os partidos prometiam soluções unicamente para ganhar votos e, quando chegavam ao poder, não cumpriam nada do que haviam proposto. Mussolini e seu movimento *fasci di combattimento* demonstravam ser contrários a isso, pois, como ele dizia, “são homens de ação”, são aqueles homens que, quando a Itália precisou, estavam a postos para lutar por ela. Na sua fala “de programa estamos fartos”, Mussolini busca o imediatismo e as soluções rápidas, ignorando o funcionamento do governo, que para ele era inoperante, já que a burocracia tinha a função de bloquear o acesso do povo italiano aos serviços públicos.

Esse discurso imediatista e com soluções fáceis atingia com muita facilidade as classes trabalhadoras que, nesse tempo de crise, passavam por muitas dificuldades em suas vidas, e o governo permanecia imóvel, e continuavam as falsas promessas dos velhos partidos. A palavra velharia é utilizada não apenas para desqualificar novamente os partidos mais antigos, mas também para promover a figura de Benito e dos fascistas. Se pegarmos o contexto onde a palavra é usada, podemos observar que seu objetivo é dizer que o fascismo está preparado para o novo mundo, diferentemente de seus adversários.

Não obstante, mesmo direcionando seu discurso para classe trabalhadora, o esforço de Mussolini em trazer esta para seu lado mostrou-se pouco eficaz, já que poucos operários abandonaram os partidos socialistas para se filiar a um novo partido, isso porque:

A relativa escassez de fascistas na classe trabalhadora não se devia a algum tipo de imunidade proletária aos apelos do nacionalismo e da limpeza étnica. A melhor explicação é a ‘imunização’ e a ‘profissão de fé’: aqueles que, há gerações, já estavam

---

<sup>40</sup>Vi siete soltratti al gioco delle influenze politiche (*applausi*). I vostri applausi me lo dimostrano... Sono fiero di essere stato interventita. Se fosse necessario vorrei incidere a caratteri di scatola sulla mia fronte la testimonianza per tutti i vigliacchi, che io sono stato tra quelli che nel maggio splendido del 1915 hanno chiesto a gran voce che la vergogna dell’Italia parecchista cessasse (*acclamazione*).

profundamente engajados na rica subcultura do socialismo, com seus clubes, seus jornais, seus sindicatos e reuniões, simplesmente não estavam abertos a outra lealdade. (PAXTON, 2007, p.93)

Essa “vacinação” de consciência de classe aos operários impedia que houvesse uma grande migração do partido socialista para qualquer outro partido, visto que o movimento *fasci di combattimento* não conseguiu adentrar com força a consciência dos operários.

As barreiras dificultavam que o fascismo conseguisse seguidores nas camadas mais populares da sociedade italiana; logo, a busca por novos membros se tornou prioritária dentro do fascismo. A modificação dos ideais e da propaganda fascista tornam-se uma questão de “vida ou morte” para o movimento. Eles teriam que se libertar das amarras ideológicas que ainda carregavam e criar uma identidade própria.



## Capítulo II

### Os anos da transformação: 1920-1921.

O ano de 1919 foi conturbado em razão das crises sociais e econômicas derivadas da Primeira Grande Guerra, o que permitiu o surgimento do movimento *fasci di combattimento*. Apenas em 1920 e em 1921 o movimento ganharia mais destaque e força dentro do campo político italiano. Isso se deve, em parte, às modificações que o fascismo já iniciava em seus discursos e “ideais”, em razão das grandes greves nas fábricas onde o fascismo se apresentava como o salvador dos industriais.

A Grande Greve na Itália atingiu quase todas as fábricas ao norte. Ela foi convocada pelo Partido Socialista Italiano em resposta à falta de ação por parte do governo em relação às crises econômicas que afetavam a vida dos operários, como o aumento do preço dos alimentos e o abuso dos patrões, obrigando seus empregados a trabalharem mais e receberem menos para compensar a perda de capital provocada pela Guerra. Os grevistas invadiram as fábricas para interromper a produção por completo, havendo casos em que grevistas – que foram também ex-combatentes – se armaram para se defender, caso houvesse uma invasão por parte do exército ou da polícia<sup>41</sup>. Os donos das indústrias procuravam ajuda do Governo para reprimirem os grevistas e retomarem suas fabricas, mas o primeiro ministro Giovanni Giolitti não correspondeu às suas expectativas, já que ele preferia negociar com os grevistas e esperar que a onda de revolta refluísse e os ânimos se acalmassem.

Essas atitudes por parte do Parlamento Italiano acabaram fazendo com que os industriais colocassem em dúvida a qualidade e eficiência de seu governo. Sem encontrar apoio por parte dos governantes, os burgueses buscaram ajuda dos principais “inimigos” do Partido Socialista, os fascistas. Foi assim que as expedições punitivas de Mussolini contra os socialistas se iniciaram. Bancados pelos burgueses, os Camisas Negras lançaram ataques aos grevistas e aos focos de propaganda socialista como jornais, galpões trabalhistas e a sede do partido.

---

<sup>41</sup> Existiam poucos operários que eram ex-combatentes e filiados ao partido socialista. O pequeno número desse tipo de filiados se dava porque muitos preferiam se filiar às associações de ex-combatentes ou ao *fasci di combattimento*, por uma maior identificação com eles. Em segundo lugar, muitos socialistas e comunistas não aceitavam que os operários que haviam combatido na guerra se filiassem aos seus movimentos, pois acreditavam que eles haviam sido “contaminados” pela lógica militarista “Uma pequena organização paramilitar de esquerda, os Arditi del Popolo, chegou a ser formada mas veio a ser rechaçada pelos partidos socialista e comunista,” MANN, Michael, trad.: MAQUES, Clóvis. *Fascistas*. Rio de Janeiro: Record, 2008. Pg.144.

Para compreendermos o que gerou esse ódio dos fascistas contra o socialismo, devemos observar como Mussolini construía em seus discursos políticos a imagem do Partido Socialista e de todos aqueles que compartilhavam os ideais de esquerda.

## 1. Crítica sobre o Socialismo.

Quando *Hannah Arendt* escreveu seu livro *As Origens do Totalitarismo*<sup>42</sup>, apontou que os governos de cunho totalitário, para chegar e se manter no poder, criavam inimigos externos e internos. Para o fascismo italiano, os inimigos externos seriam as potências europeias que impediam que o Reino da Itália crescesse e se tornasse uma potência colonial. Os socialistas e comunistas seriam o inimigo interno, pois eles não acreditavam na “sacralidade” do Estado-Nação. Diferentemente do nazismo alemão, que via no judeu o inimigo interno impossibilitado de se “redimir” perante o regime, já que seria impossível deixar de ser judeu, o socialista tinha uma chance de deixar de ser perseguido: bastava abandonar sua crença: “Os comunistas podem ser reprimidos e até mesmo mortos, mas se renegam suas crenças, podem, na maioria dos casos, ser admitidos na nação.” (MANN, 2008, p.30)

As críticas aos socialistas e comunistas apareceriam em quase todos os discursos fascistas; esse é um recurso em que o discurso e, conseqüentemente, os ideais, pouco se modificam, mantendo assim certo padrão. Quando ocorriam, as modificações não eram tão marcantes. A primeira aparição de uma crítica ao socialismo se nota já no primeiro discurso de 1919, trabalhado no capítulo anterior, em que surgia um tom depreciativo em relação àqueles que seriam o principal inimigo para os fascistas. Atacavam principalmente o fato de não terem apoiado a entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial. Por essa razão, os socialistas seriam conhecidos como os traidores da pátria, aqueles que queriam vender a Itália para os austríacos:

Haviam sido os únicos autênticos patriotas em 1914-1918. Tinham agora o direito de bradar ‘Viva a Itália’ e de denunciar seus inimigos ‘antinacionais’. Não atacavam ‘a classe operária’ ou ‘o proletariado’, e sim os ‘Marxistas’ e ‘bolchevistas’, chamados de ‘os outros austríacos’, ‘traidores e difamadores da vitória’ e ‘traidores da nação’.  
(MANN, 2008, p.182)

---

<sup>42</sup> Nessa obra, Hannah Arendt distingue o fascismo dos outros movimentos, dizendo que ele não é totalitário; porém neste trabalho, estou utilizando o conceito de Renzo de Felice e Emilio Gentile, onde o fascismo tinha sim um projeto totalitário, mas que não conseguiu efetivá-lo. Para mais informação ler: GENTILE, Emilio. *Il Mito dello Stato nuovo. Dal radicalismo nazionale al fascismo*. Roma: Laterza, 2002.

A busca por aplicar nos socialistas a pecha de antinacionalistas e inimigos da pátria seria algo que persistiria nos discursos fascistas. Por exemplo, em um discurso feito em setembro de 1920, chamado de *I compiti e i fini del Fascismo* (As tarefas e os fins do Fascismo). Mussolini questiona por que os socialistas nunca apoiavam a sua pátria e por que, quando outra nação lutava para ganhar sua legitimidade ou reaver territórios ocupados, havia um total apoio por parte dos movimentos de esquerda:

Vós sabeis dizer por qual caso singular em todas as questões os socialistas italianos são contra a Itália? Vós me sabeis dizer por que estão sempre com os povos que maldizem a Itália? Com os albaneses, com os croatas, com os alemães e com todos os outros povos? Me sabeis explicar por que se grita viva a Albânia que faz a guerra para ter Valona que é albanesa e não se grita viva a Itália que faz a guerra para ter Trento e Trieste que são italianas? Mas que critério é este de ser sempre contra a Itália e de gritar sempre estupidamente ‘fora’? (MUSSOLINI, 1921, p.115)<sup>43</sup>

Os fascistas achavam que os socialistas eram hipócritas por defenderem outras nações e não a sua própria, já que, na visão de Mussolini, a Itália também era uma nação que sofria com os abusos das outras potências europeias que barravam seus projetos, mantendo a Itália como uma nação ainda fraca. Então, por que os socialistas também não apoiavam a Itália em suas lutas para “reaver aquilo que era por direito dela?”

Nesse trecho do discurso, Benito Mussolini acredita que eles são antinacionalistas e não apoiam a Itália, logo também não apoiam seu próprio povo, pois ser contra o bem da sua nação é ser contra o bem de seu povo. Podemos perceber também que há uma pequena diferença entre os discursos proferidos em 1919. Além disso, as ligações entre os socialistas e os austríacos são trocadas pela ligação entre este partido e os russos. Isso se deve porque, após a Revolução Russa, a “ameaça vermelha” se tornou mais próxima da realidade europeia e, na Itália, havia o receio de que o PSI tomasse o poder, medo que, antes, era sentido em relação aos austríacos.

Seria em um discurso de julho de 1919, chamado *Per la concentrazione delle forze interventiste di sinistra* (Pela concentração das forças intervencionistas da esquerda), que as

---

<sup>43</sup> Mi sapete dire per qual caso singolare em tute le questioni i socialisti italiano sono contro l'Italia? Mi sapete dire perchè sono sempre coi popoli che avversano l'Italia? Cogli albanesi, coi croati, coi tedeschi e com tutti gli altri popoli? Mi sapete siegare perchè si grida viva l'albania che fa la guerra per avere Valona che è albanese e non si grida viva l'Italia che fa la guerra per avere Trento e Trieste che sono italiane? Ma che critério è questo di esser sempre contro l'Italia e di gridare sempre stupidissimi “via”?

primeiras críticas direcionadas diretamente ao Partido Socialista Italiano e à prática da esquerda apareceriam:

Também todos de acordo vamos fazer uma oportuna diferenciação do Partido Socialista e massa operária. O Partido Socialista ostentava até ontem a fama de uma organização pura, de uma organização revolucionária, de tutelar e ser representante exclusivo, autêntico da massa operária. Nada disso! Precisa olhar no rosto este fantoche e, tomando em mãos as cifras, se verá que, sobre 42 milhões de italianos, os socialistas inscritos no partido em julho de 1919 são apenas 60 mil, em sua maioria de um círculo social composto da mediocridade de gente burguesa em sentido mais filisteu da palavra. Em caso inverossímil e absurdo de uma triunfante revolução leninista, estes dez simplórios seriam amanhã os dez ministros da nação italiana. Um cálculo é o partido socialista; um outro é a massa operária organizada; uma outra ainda a massa operária desorganizada que supera de sete vezes mais todo o resto. Devemos refutar-nos de ir para a massa operária tomem atitudes ora gordurosa, ora histriônica da demagogia. (MUSSOLINI, 1921, p.70/71)<sup>44</sup>

Nesta parte do discurso podemos enxergar alguns trechos que nos ajudam a compreender como o fascismo enxergava o socialismo no primeiro momento. Logo na primeira parte, Mussolini aponta que o socialismo se orgulha de ser uma organização pura e representar a totalidade dentro da classe operária. Mas, seguindo o discurso, Mussolini contraria o seu antigo partido, demonstrando que os números de filiados são bem menores que a população italiana. Essa questão sobre o socialismo não representar a totalidade da classe operária já foi tratada e desconstruída no capítulo anterior. O ponto que me interessa nesse momento é a desqualificação dos líderes socialistas. Surge assim a referência de que eles eram burgueses, isto é, não pertenciam à mesma classe que os outros trabalhadores, diferentemente de Mussolini. Ele tinha origem nas classes mais baixas, portanto, ao mesmo tempo em que ele menospreza a liderança do Partido Socialista perante a massa trabalhadora, se promove como o líder que conhece a realidade daqueles a quem discursa. No entanto, esta prática de atacar o alto comando do

---

<sup>44</sup>Anche tutti d'accordo andaimo nel fare una oportuna differenziazione fra partito socialista e massa operaia. Il partitosocialista há scrocceato fino a ieri la fama di organismo puro, di organismo rivoluzionario, di tutelatore e rappresentante esclusivo, autentico della massa operaia. Niente di tutto ciò! Bisogna guardare in faccia questo fantoccio e prendendo le cifre alla mano si vedrà che sopra 42 milioni di italiani i socialisti iscritti al partito nel luglio del 1919 sono appena 60 mila; dominati da una crieca composta di mediocrissima gente borghese nel senso più filisteo della parola. Nel caso inverosimile e assurdo di una trionfante rivoluzione leninista, questi dieci scimuniti sarebbero domani i dieci ministri della nazione italiana. Un conto è il partito socialista; un altro è la massa operaia organizzata un altro ancora la massa operaia disorganizzata che supera di sette volte tutto il resto. Dobbiamo rifiutare di andare verso la massa operaia cogli atteggiamenti ora untuosi, ora istrionici dei demagoghi.

socialismo, chamando-os de burgueses, não seria mantida nos outros discursos, pois a partir de 1920, a burguesia italiana passaria a apoiar o fascismo; logo, seria um problema manter a palavra burguesia como um termo depreciativo. Continuando nesse mesmo trecho do discurso, Mussolini ainda “tenta acordar os trabalhadores” sobre quem realmente eram os dirigentes do partido socialista, pois, caso tomassem o poder através da Revolução, seriam eles que governariam e não os trabalhadores. Para isso Mussolini se baseia nas notícias vindas da Rússia.

Em quase todos os discursos posteriores a 1919, em que aparecem críticas sobre o Partido Socialista, surgem pontos sobre a Revolução Russa. Como o primeiro baluarte de uma revolução que obteve sucesso em colocar no poder ideias marxistas, a Revolução Russa tornou-se um marco e um exemplo para todos os movimentos de cunho socialista ou comunista pelo mundo. Em pouco tempo, todos os movimentos se inspiraram na Revolução de Outubro, planejando fazer o mesmo em seus países.

No caso italiano, havia um racha dentro do PSI, em que parte dos membros defendia a tese de que a revolução armada poderia assustar a população e poderia levar a Itália a uma guerra civil. Acreditavam que o melhor jeito de evitar isso e chegar ao poder deveria ser através das eleições. Já os outros membros, entre eles Antonio Gramsci, apontavam que as eleições não levariam à revolução, mas sim a pequenas reformas, e que a única forma de atingir a revolução em sua totalidade seria por meio das armas. Essas discussões acarretariam no surgimento do PCI em 1921, assunto já discutido anteriormente na seção *O proletário italiano*.

A Revolução Russa não abalou somente os partidos socialistas mas também a sociedade como um todo. Aqueles que eram e sempre foram contra o socialismo, agora temiam a possibilidade de que o comunismo chegasse ao poder. Ao mesmo tempo, essa parte da população italiana não via seu governo como capaz de combater essa ameaça, principalmente quando a Grande Greve do início da década de 20 começou e o governo preferiu negociar. “A Revolução Bolchevique e a turbulência revolucionária em outros países inflamavam esse sentimento de ameaça. Os jornais de circulação de massa enxergavam a ameaça para atrair leitores, dando um tratamento sensacionalista à violência e à anarquia.” (MANN, 2008, p.179). Benito Mussolini e os fascistas iriam aproveitar essa onda de medo para promover cada vez mais o partido.

O público alvo dos discursos que atacavam a revolução era a classe operária. Claro que também haveria ouvintes de outras classes sociais, mas o tom, as palavras utilizadas pelo *Duce* e, principalmente, a mensagem que ele queria passar, ainda tinham como foco a classe operária.

Por que focar esses discursos na classe trabalhadora? O medo e a aversão ao Partido Socialista Italiano eram muito fortes entre a burguesia e a classe média, não havendo assim necessidade de depreciar esse partido para eles. Como foi discutido no capítulo anterior, o fascismo queria ganhar força dentro da mentalidade da classe trabalhadora industrial italiana, mas, para isso, tinha que desconstruir os discursos socialistas, os quais Mussolini chamaria de “*Chiesa Rosa*” (MUSSOLINI, 1921, p.75) (Igreja Vermelha), dizendo que o Partido Socialista não passava de um movimento com ideias tão fechadas e antigas que não se referia à nova realidade. Vamos focar neste momento a Revolução Russa dentro da visão do fascismo:

Caros senhores, existe ainda na Rússia, este bolchevismo? Não existe mais. Não tem conselhos de fábrica, mas ditaduras de fábrica; não tem 8 horas de trabalho, mas 12; não há igualdade de salários, mas 35 categorias de salários; não segundo à necessidade, mas segundo ao mérito. Não tem na Rússia ao menos aquela liberdade que tem na Itália. Há uma ditadura do proletariado? Não! Há uma ditadura dos socialistas? Não! Há uma ditadura de poucos homens intelectuais não operários, pertencentes a uma fração do partido socialista, combatida por todas as outras frações... Esta ditadura de poucos homens é aquela que se chama bolchevismo. (MUSSOLINI, 1921, p.113/114)<sup>45</sup>

Esse discurso de 1920, chamado *La Mascheratura bolscevica* (A máscara bolchevique), demonstra os principais pontos já citados nos discursos de 1919. Porém, aqui as críticas são mais detalhadas e o mais importante: surgem dados numéricos (neste caso: tempo de trabalho, salários diferenciados e se há domínio dos operários sobre a fábrica) onde anteriormente não havia. Em um discurso político, ou em qualquer outro, quando se trabalha com dados, acaba-se construindo certa credibilidade sobre ele, tornando-o mais forte e muito mais aceitável. Neste caso, o que Mussolini traz? Seriam os fatos que a Revolução Russa não tinha nada de socialista e que, na “verdade”, não havia modificado a realidade da classe operária, às vezes até piorando? Para o

---

<sup>45</sup>Ma poi, cari signori, esiste ancora in Russia questo bolscevismo? Non esiste più. Non più consigli di fabbrica, ma dittatori di fabbrica; non 8 ore di lavoro, ma 12; non eguaglianza di salari, ma 35 categorie di salari; non secondo il bisogno, ma secondo meriti. Non c'è in Russia nemmeno quella libertà che há l'Italia . C'è una ditatura del proletariato? No! C'è una ditatura dei socialisti? No! C'è una ditatura di pochi uomini intellettuali non operai, appartenenti ad una frazione del partito socialista, combattuta da tutte le altre frezioni... Questa ditatura di pochi uomini è quella che si chiama il bolscevismo.

fascismo, isso era óbvio, Era necessário convencer os trabalhadores que o que era divulgado pelos socialistas sobre a Revolução Russa não passava de propaganda enganosa.

Mas por que os socialistas queriam enganar? No decorrer do discurso, ele aponta o problema: na verdade, só interessava o poder, pois como ocorreu na Rússia, somente alguns o tomaram, excluindo os trabalhadores; portanto, para o fascismo, a revolução socialista era apenas o trampolim para que alguns, que se intitulavam “intelectuais”, ocupassem o poder e governassem feito reis.

Outro ponto importante nesse trecho é a desunião que a Revolução Russa causou entre o povo. Após a retirada do Czar Nicolau II do trono, houve uma divisão entre os revolucionários: os bolcheviques socialistas e os mencheviques, que eram oriundos da pequena burguesia. Essa divisão acabou levando a Rússia à guerra civil.

Para o fascismo, a desunião nacional era o maior perigo que podia ocorrer caso o socialismo tomasse o poder. Um povo desunido, na visão de Mussolini, se autodestrói, acabando com o poder da Nação e com a chance de se tornar uma potência e de realmente resolver os problemas sociais. Além disso, Mussolini aproveitava para alfinetar novamente os socialistas por serem “hipócritas”, por defenderem a guerra na Rússia, mas não a participação da Itália na Primeira Guerra, que em sua visão foi muito mais importante do que a Guerra Civil Russa:

Vejais, a guerra é uma coisa horrível. Sabem todos que a fizeram. Mas então precisa explicar-se: ou a guerra em si e por si, feita por qualquer que seja a razão, em qualquer latitude que seja, por qualquer pretexto, não deve se fazer. Então, eu respeito este humanitarismo, estes tolstoianos. Eu abomino o sangue derramado por qualquer razão. Os respeito e os admiro, embora isto seja levemente impraticável. Mas os socialistas gritam ‘abaixo a guerra’, quando a Itália a faz e ‘viva a guerra’ quando a faz a Rússia. Vós tendes um jornal que era querido quando os assim chamados bolcheviques marchavam sobre Varsóvia e usavam um estilo praticamente militar: ‘Enquanto escrevíamos os canhões, etc. Sabemos de cor. Mas também a guerra não é a mesma coisa. A guerra russa não gera viúvas, não faz órfãos? Não é feita, com canhões, aviões, e todas as armas que finalmente dilaceram e matam o corpo humano? Ou vós, portanto, sois contrários a todas as guerras, e não podemos discutir juntos, ou se vós fazeis distinções entre guerra e guerra, guerra que se pode fazer e guerra que não se pode fazer, então vos dizemos que o vosso humanitarismo nos dá nojo. E se tem razão de

fazer a guerra, temos razão de fazê-la pelo destino da nação em 1915 (aplausos)  
(MUSSOLINI, 1921, p.115/116)<sup>46</sup>

Em 1921, em outro discurso chamado *Il fascismo e i problemi della politica esterna italiana* (O fascismo e os problemas da política externa italiana), Benito Mussolini traz mais notícias sobre os acontecimentos na Rússia, onde a guerra civil já dava ares de que estava chegando ao fim. Como nos outros discursos destinados a esse país, esse também procurava uma forma de atacar o PSI. Nesse caso, é mais um dos discursos destinados à construção da hipocrisia que marcava o discurso e a prática socialistas. O ponto levantado pelo *Duce* tem a ver com o expansionismo nacional, tanto criticado pela esquerda, pois remetia ao imperialismo capitalista. Mas, como Mussolini tenta demonstrar, os russos, comandados pelos bolcheviques, também tinham interesse em instalar um pan-eslavismo, invadindo os outros países do Leste Europeu. Além disso, queriam que a Europa se tornasse “vermelha”, se necessário, por meio de conquistas militares.

Na Rússia não tem comunismo e nem mesmo socialismo, mas uma revolução agrária democrática da pequena burguesia. Resta o enigma do ponto de vista político. Qual política estrangeira persegue na realidade a Rússia? É uma política de paz ou de guerra? A variedade dos fatos, o nosso conhecimento leva-nos a oscilar perenemente, entre uma ou duas hipóteses. Em outros termos: sob o emblema da foice e martelo, se esconde ou não se esconde o velho pan-eslavismo, que, hoje seria também dominado por uma férrea necessidade ‘revolucionária’ que é aquela de ampliar a revolução no resto da Europa para salvar o Governo dos Sovietes na Rússia? (MUSSOLINI, 1921, p.157)<sup>47</sup>

---

<sup>46</sup> Vedete, la guerra è cosa orribile. Lo sanno coloro che l’han fatta. Ma allora bisogna spiegarsi: oia guerra in sè e per sè, fatta per qualsiasi ragione, sotto qualsiasi latitudine, per qualsiasi pretexto, non deve farsi e allora io rispetto questi umanitari, questi tolstoiani se dicono: io abborro dal sangue per qualsiasi ragione sai versato. Li rispetto e li ammiro, sabbene trovi ciò leggermente inattuabile. Ma i socialisti gridano “abbasso la guerra” quando la fa l’Italia e “viva la guerra” quando la fa la Russia. Voi avete um giornale che era lieto quando i cosidetti bolscevichi marciavano su Varsavia e usava uno stile prettamente militare: “Mentre scriviamo il cannone, ecc.”. Lo sappiamo a memoria. Ma allora la guerra non è la stessa cosa. La guerra russa non fa vedove, non fa orfani? Non è fatta com cannoni, aeroplani, e tutte le armi infine che straziano e uccidono corpi umani? O voi, dunque, siete contraria a tutte le guerre, e allora noi potremo discutere insieme, ma se voi fate distinzione fra guerra e guerra, guerra che si può fare e guerra che non si può fare, allora noi vi diciamo che il vostro humanitarismo ci fa schifo. E se avete ragione di fare la guerra, avevamo ragione noi di farla per i destini della nazione nel 1915 (*applausi*)

<sup>47</sup> In Russia non c’è comunismo e nemmeno socialismo, ma una rivoluzione agraria a tipo democrático piccolo-borghese. Rimane l’enigma dal punto di vista politico. Quale politica estera persegue in realtà la Russia? È una politica di pace o di guerra? La varietà dei fatti a mostra conoscenza ci porta ad ocillare perenemente, fra l’una e l’altra ipotesi. In altri termini: solto l’emblema falce e martelo, si nasconde o non si nasconde il vecchio panslavismo, che, oggi sarebbe inoltre dominato da una férrea necessità “rivoluzionaria” che è quella di allargare la rivoluzione nel resto d’Europa per salvare il Governo dei Sovieti in Russia?



Mussolini, nesse trecho, ainda quer demonstrar que, na Rússia, não ocorreu uma revolução socialista e sim uma revolução de poucos. Diferentemente dos outros discursos, aqui ele aponta outro grupo, a pequena burguesia rural. Mas o que Benito quis realmente demonstrar com esse trecho era qual política externa da Rússia revolucionária prevalecia e que, para o fascismo, estava claro que eles, os revolucionários russos, por debaixo de seus ideais, queriam ressuscitar o pan-eslavismo, isto é, um antigo projeto que remetia ainda à Rússia Czarista, de colocar todos os povos de origens eslavas sob a tutela de Moscou (na verdade, o motivo que levou a Rússia a assinar um aliança militar com a França e a Inglaterra antes da Primeira Guerra, era se livrar da influência austríaca e alemã nos territórios eslavos).

Logo, para os fascistas, a defesa da Rússia pelos socialistas anulava qualquer crítica deles ao seu movimento; caso contrário, eles seriam hipócritas. O expansionismo soviético, para o *Duce*, não se limitaria, nos anos que se seguiriam, aos países eslavos, mas se espalharia por toda a Europa. Eles se utilizariam, como dizia Mussolini, das revoluções locais para poderem dominar outros países da Europa, fornecendo, assim, dois pontos para que o fascismo argumente: o primeiro, estando ligado à ideia de que a Rússia não se diferenciava do fascismo italiano e o segundo, de que havia sim uma ameaça real de que a Itália fosse tomada pela Rússia, apoiada pelos socialistas.

Já que as ideias da Revolução Socialista não eram boas para a Itália, o que seria bom? A resposta seria a Revolução Fascista. Benito Mussolini e seus seguidores acreditavam que seu movimento era sim revolucionário, mais revolucionário que o socialismo. Devemos lembrar que, quando Mussolini citava em seus discursos de 1919 a Primeira Guerra Mundial, dizia que aquela Guerra fora revolucionária, pois acabara com a hegemonia dos governos liberais na Europa, mas as modificações causadas pela Guerra acabaram por aí; então o fascismo deveria continuar o que a Guerra não concluíra; ele seria a ideologia do século XX.

Mas o que era revolução para o fascismo? Novamente podemos encontrar as respostas dentro dos discursos. Esse ponto de como o fascismo se via como movimento revolucionário foi, para mim, um dos fatos mais interessante sobre o movimento fascista. Já que esta palavra é usada pelos movimentos de esquerda como algo que pertence unicamente a eles e como a historiografia sempre tratou o movimento fascista sendo ligado à direita, realmente foi estranho encontrar

menções de Mussolini sobre Revolução. Mas, como veremos, a revolução que Mussolini e os fascistas defendem é bem diferente:

Precisava então agitar esta massa porque verdadeiramente tinha caído na degradação e na instabilidade. Hoje esta situação de fato não existe mais. Hoje, o único método para não ter medo da revolução é pensar que estamos no meio dela e completos, que essa começou em 15 de agosto e que ainda dura. Não se trata já, como pensavam todos, de passar e de entrar na revolução, assim como se passa do estado de quietude ao estado de movimento; a tarefa deste espírito verdadeiramente liberto é diferente. Se esta grande e imensa transformação do mundo estagna e se envolve, não podemos acelerar o ritmo do movimento; mas se este movimento é já frenético, então nossa tarefa não é já de empurrar mas de frear e retardar para evitar a desintegração e a ruína. Ser revolucionário, em dadas circunstâncias do tempo e do lugar, pode ser o orgulho de uma vida, mas quando se fala da revolução é o rebanho dos vândalos e dos parasitas; então não necessita temer, opondo-se a se tornar por reacionário. (MUSSOLINI, 1921, p.75/76)<sup>48</sup>

Como podemos ver, Mussolini lembra que sim, a guerra fez o mundo se modificar, porém nem todas as mudanças são vistas aqui como algo positivo. Todos os fascistas concordavam que o governo atual e o tipo de sociedade atual não serviam mais e tinham que se modificar radicalmente. Esse sentimento era muito mais forte nos fascistas veteranos do que naqueles que viriam nos anos posteriores, mas temiam a modificação já que a guerra fez com que os comunistas chegassem ao poder na Rússia.

Logo deveriam ter cuidado, pois nem toda revolução significava algo bom ou construtivo e, às vezes, as revoluções traziam destruição para o povo e o país, colocando no poder ditadores piores do que aqueles que já dominavam a política. Por isso, como aponta Mussolini, seria melhor diminuir a velocidade das mudanças que ocorriam na sociedade. Esse trecho do discurso pode até dar a entender que o fascismo não acreditava na revolução, porém em outro discurso,

---

<sup>48</sup> Bisognava allora scuotere questa massa perchè veramente era caduta nell'avvitimento e nela insensibilità. Oggi questa situazione di fato non c'è piu. Oggi l'unico método per non avere più paura della rivoluzione è pensare che ci siamo in mezzo ed in pieno, che cosa è cominciata nell'agosto del 14 e che dura ancora. Non si trata già, come pensano taluni, di passare o di entrare nella rivoluzione, così come si passa dallo stato di quiete allo stato di movimento. Il compito degli spiriti veramente liberi è diverso: se questa grande imensa trasformazione del mondo, stagna e s'involve, noi possiamo accelerare il ritmo del movimento; ma se questo movimento è già frenético, allora il nostro compito non è già di spingere, ma di frenare e di ritardare per evitar la disintegrazione e la rovina. Essere rivoluzionari in data circostanze di tempo e di luogo, può essere l'orgoglio di una vita, ma quando chi parla di rivoluzione è la mandra dei vandeani e dei parassiti, allora non bisogna temere, opponendosi, di passare per reazionari.

agora de 1920, Benito Mussolini voltaria a dar sua opinião sobre uma possível revolução na Itália, contudo mais breve: “Porque uma coisa é a revolução social, a qual não somos contrários, e o outro ponto é a dissolução da casa.” (MUSSOLINI, 1921. Pg.105)<sup>49</sup>

Outro problema da Revolução Socialista para o fascismo estava na falta de disciplina e organização que essa revolução causaria. Entramos aqui em um ponto muito importante na compreensão do movimento fascista. A disciplina é uns dos principais pilares do movimento. Muitos membros, como o próprio Mussolini, acreditavam que umas das principais razões para a Itália se encontrar em crise era a falta de disciplina, tanto do governo quanto da população. Podemos observar que, a maioria das críticas direcionadas aos socialistas e também à Revolução Russa, apresentadas aqui nessa seção, estão ligadas à falta de disciplina de um possível governo de cunho socialista. O contrário ocorreria na revolução fascista, onde a disciplina e a ordem seriam prioridades do novo governo: “Vamos a outro argumento: a disciplina. Eu sou pela mais rígida disciplina. Devemos impor a nós próprios a mais férrea disciplina, porque, doutro modo, não temos o direito de impô-la à Nação” (MUSSOLINI, 1935, p.9).

O tema revolução era discutido entre os próprios membros do movimento fascista. Uma parte acreditava que o movimento deveria “purificar” as instituições atuais, enquanto outra parte acreditava que o fascismo deveria construir novas instituições após a tomada de governo. Essa discussão ganharia mais força a partir de 1921, quando novos membros entram no movimento. Em 1919, o movimento tinha poucos membros; já em 1920 o número começou a crescer, atraindo ainda mais membros de classes sociais distintas. Como mencionado quando tratamos da Grande Greve, no início dos anos 20, muitos burgueses industriais deram dinheiro ao movimento para que esse reprimisse as greves com os seus *squadri*. A entrada de capital da grande burguesia italiana fez com que os ataques a essa nos discursos diminuíssem. Temos o exemplo no discurso *La certezza del domani* (A certeza do amanhã) de 1920, onde Mussolini se opõe às críticas dos trabalhadores aos seus patrões, pois estes simplificam muito o termo Burguês por não o compreender:

Não queremos ostentar um movimento das massas trabalhadoras, mas queremos desmascarar a ignóbil turba, que faz danos às massas trabalhadoras, que fazem uma confusão entre burgueses, semi burgueses e pseudo burgueses pelo fato de terem a

---

<sup>49</sup>Perchè un conto è la rennivazione sociale, ala quale non siamo contrari, e um conto è la dissoluzione in casa

carteira, acreditam que se tornaram salvadores da humanidade. (MUSSOLINI, 1921, p.97)<sup>50</sup>

O apoio da burguesia industrial italiana veio não somente em forma de capital, mas alguns se tornariam membros e iriam compor tanto nas fileiras de Camisas Negras como em cargos importantes dentro do movimento. Porém, para grande parte dessa classe, o fascismo não passava de um instrumento para controlar os socialistas e os grevistas e, quando cumprida sua missão, deveria deixar de existir: “Em todo o caso, deve-se excluir a hipótese de que as grandes forças econômicas se tenham inclinado a levar o fascismo ao poder. O fascismo para eles era só uma guarda branca que, depois de ter cumprido a sua missão, devia voltar para casa, não assumir o poder.” (DE FELICE, 1988, p.46/47); logo, como o próprio *Renzo de Felice* comenta, é muito simplista explicar a chegada do fascismo ao poder somente por esse viés.

Por receber apoio da burguesia e defender uma revolução “moderada” e disciplinada, o fascismo perderia o apoio de antigos aliados e seguidores, como, por exemplo, os ex-combatentes e os futuristas que viam o apoio da burguesia ao movimento em 1921. Quando Mussolini decidiu transformar seu movimento em partido, debandaram em massa, ficando somente alguns que ainda acreditavam no movimento. Para *Renzo de Felice*, as modificações ocorridas nos anos de 1920, 1921 e 1922, mesmo que afastando os primeiros seguidores do movimento fascista, permitiriam que ele alcançasse o poder em outubro de 1922.

Outro fato que essas modificações ocasionaram foram os ataques dos adversários ao movimento, principalmente os socialistas, que tacharam os fascistas de “reacionários” e “marionetes” da burguesia. Em resposta à acusação de terem vendido seu movimento para a burguesia, Mussolini responde:

Se é sempre reacionário e revolucionário por qualquer um, Fritz Adler<sup>51</sup>, revolucionário nos tempos dos Sturck, é reacionário, hoje, defronte aos comunistas. Eu não temo as palavras. Somos revolucionários e reacionários. No fundo, a vida é toda neste ritmo. Eu temo a revolução que destrói e não cria. Temo a corrida ao mais vermelho, a política da

---

<sup>50</sup>Non intendiamo osteggiare il movimento delle masse lavoratrici, ma intendiamo di smascherare la ignobile turlupinatura che ai danni delle masse lavoratrici fa una accozzaglia di borghesi, semi borghesi e pseudo borghesi, che per il solo fatto di avere la tessera credono di essere diventati salvatori dell’Umanità.

<sup>50</sup>DE FELICE, Renzo realizada por LEDEEN, Michael A., trad. BEZERRA, Márcio. *Entrevista sobre o Fascismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988. Pg. 46/47

<sup>51</sup>Político austríaco, fundador do Partido Socialdemocrata na Áustria

folia, no fundo aquele pode ser o naufrágio da nossa frágil civilização mecânica - privada das sólidas bases morais - e o advento de uma sorte terrível de dominadores que reconduziriam a disciplina no mundo e restabeleceriam as necessárias hierarquias a golpes de chicotes e de metralhadoras. (MUSSOLINI, 1921, p.76)<sup>52</sup>

A resposta dada por Benito Mussolini aos ataques demonstra a genialidade que ele tinha para contornar situações. Fazendo um jogo com as palavras “reacionário” e “revolucionário”, o *Duce* tenta demonstrar que o termo pode ser muito mal empregado, dependendo de quem o faça, ou que as duas palavras tinham a função de denegrir ou laurear os movimentos. Por fim, demonstra que ele e os fascistas são, então, reacionários e revolucionários. Reacionários por defenderem a cultura italiana daqueles que a queriam destruir, defender a pátria e o Estado; revolucionários por quererem modificar a situação em que a Itália se encontrava, livrando-se dos principais responsáveis pela crise, os liberais e os socialistas. Para se livrar dos “parasitas” que destroem a Nação italiana, os fascistas tinham total pretexto para que utilizassem a violência.

## 2. Violência.

A prática da violência era algo comum e bastante utilizado pelos fascistas italianos. Por isso, há necessidade de um capítulo específico para esse tema. Ataques a sedes de jornais socialistas, brigas nas ruas, assassinatos e invasões de fábricas são alguns dos atos violentos que os fascistas praticavam nos anos que antecederam sua tomada do poder e durante o governo. Entretanto, a violência para Mussolini necessitava ser controlada e disciplinada. A violência para o fascismo era uma ciência, uma filosofia, um estilo de vida.

A violência fazia parte da vida do *Duce*. Quando criança, constantemente brigava com os seus colegas e quando retornava para a sua casa, era incentivado pelo pai a manter esse tipo de atitude, já que isso demonstrava a coragem e a masculinidade de seu filho. Com esse passado, dificilmente Benito abandonaria as atitudes violentas quando chegasse à fase adulta. E realmente, Benito era reconhecido entre os socialistas como o membro mais violento, pois todas as greves de que participava e comandava acabavam em conflito com a polícia e em prisões:

---

<sup>52</sup>Si è sempre razionari e rivoluzionari per qualcuno, Fritz Adler, rivoluzionario ai tempi di Sturck, è reazionario, oggi, di fronte ai comunisti. Io non temo le parole. Sono rivoluzionario e reazionario. In fondo, la vita è tutta in questo ritmo. Io temo la rivoluzione che distrugge e non crea. Temo la corsa al più rosso, la politica della follia, in fondo alla quale può essere lo sprofondamento di questa mostra fragile civiltà meccanica- priva di solide basi morali- e l'avvento di una schiatta terribile di dominatori che ricondurrebbero la disciplina del mondo e ristabilirebbero le necessarie gararchie a colpi di frusta e di metragliatrice.

“‘violento e impulsivo’, homem que atacava o catolicismo e as outras religiões, que ridicularizava a bandeira nacional, dizendo tratar-se de ‘trapo que deveria ser plantado num monte de esterco’, e que invectivava contra a pátria, tachando-a de ‘fantasma à semelhança de Cristo, vingativa, cruel e tirânica’” (COLLIER, p.49)

Por fim, não podemos esquecer que Benito Mussolini também foi um combatente da Primeira Guerra Mundial. Logo, lançar mão de atos violentos para resoluções de problemas era um fato tratado com naturalidade por ele. Quando ele criou o movimento fascista juntamente com os ex-combatentes, levou essa experiência para o fascismo.

A primeira vez que Benito Mussolini fala sobre a violência e sobre o porquê de utilizá-la foi no discurso de 1921, chamado de *Il Fascismo, ragione eterna della stirpe italiana* (O fascismo, a razão eterna da raça italiana). A razão de falar sobre esse assunto nesse exato momento devia-se às críticas, principalmente dos socialistas, sobre as violências desmedidas durante as greves de 1920, onde as praças públicas das cidades italianas pareciam zonas de guerras: “Encontram-se (socialistas e fascistas) empenhados em uma luta de ciladas, de emboscada, de represália e de ‘vendetta’” (MARIÁTEGUI, 2010, p.146). O que Mussolini pretendia, além justificar o uso da violência, era construir um ideal que justificasse sua utilização.

Mas nós não fazemos da violência uma escola, um sistema ou pior ainda uma estética. Somos violentos todas as vezes em que é necessário sê-lo. Mas vos digo que temos que conservar a violência necessária do fascismo dentro de uma linha, um estilo nitidamente aristocrático ou, se melhor lhe agradem, nitidamente cirúrgico. (MUSSOLINI, 1921, p.125)<sup>53</sup>

A ideia de não fazer uso desta violência está na própria ação de não tornar a violência algo comum e descontrolado, já que isso levaria à desqualificação do movimento; por isso, a própria violência precisava ser disciplinada: “Quando não é aceito, deve impor-se.” (MUSSOLINI, 1995, Pg.9)

Para os fascistas italianos a falta de disciplina foi o que levou a Itália para a crise e a sociedade ao colapso; logo, para conseguir recuperar a sociedade como um todo, os fascistas deveriam impor uma disciplina férrea; mas como impô-la? Mussolini acreditava que deveria ser

---

<sup>53</sup> Man oi non facciamo della violenza una scuola um sistema o peggio ancora uma estética. Noi siamo violenti tutte le volte che è necessario esserlo. Ma vi dico súbito che bisogna conservare ala violenza necessária del fascismo uma linea, uno stile nettamente aristocrático o se meglio vi piace nettamente chirurgico.

por meio de “dar o exemplo”; eles (os fascistas) deveriam demonstrar essa disposição a partir de seus atos, e com a violência não era diferente:

A violência de dez contra um é de repudiar e condenar. A violência que não se explica deve ser repudiada. Há uma violência que liberta e uma violência que acorrenta; há uma violência que é moral e uma violência que é estúpida e imoral. Há que adequar a violência às necessidades de momento, não fazer dela uma escola, uma doutrina, um desporto. É preciso que os fascistas evitem cuidadosamente degradar-se com rasgos de violência esporádica, individual, injustificada. (MUSSOLINI, 1995, p.9)

Esse discurso de 1922, que não tem nome, somente o local onde foi pronunciado, na cidade de Udine, demonstra a preocupação que Mussolini tinha em manter os seus homens “domesticados”. Primeiro, para demonstrar que ele tinha o controle e poderia governar a Itália; depois, para impedir que seus adversários atacassem o fascismo, chamando-o de truculento: “É isso que esperam os nossos inimigos... São levados a crer ou a esperar ou a ter a ilusão de que esta violência, quando já não tivermos alvo sobre que exercê-la, se torne, de algum modo, em nossa segunda natureza” (MUSSOLINI, 1995, p.10).

Contudo, Mussolini não nega que o seu movimento se utiliza da violência, pois ela se mostrava bastante efetiva: “é evidente que para nós impormos as nossas ideias aos miolos, teremos o som parecido a de crânios desobedientes sendo espancados” (MUSSOLINI, 1921, p.125)<sup>54</sup>. Claro que a violência, para ser disciplinada, tinha que ser direcionada para algo ou alguém. Benito direcionou a violência de seus Camisas Negra em direção aos adversários do fascismo, focando principalmente os socialistas. As ondas de violência proporcionadas pelos *squadristi* foram chamadas por Benito Mussolini de “expedição punitiva”, tentando de algum modo justificá-la:

As nossas expedições punitivas, todas aquelas violências que ocupam as crônicas dos jornais, devem sempre ter um caráter de uma verdadeira retorção e de uma legítima represália. Porque somos os primeiros a reconhecer que é triste, depois de ter combatido os inimigos de fora, combater agora os inimigos de dentro que, querendo ou não querendo, são italianos também. (MUSSOLINI, 1921, p.125/126)<sup>55</sup>

<sup>54</sup> È evidente che noi per imporre le nostre idee ai cervelli dovevamo a suon di randellate toccare i crani refrattari.

<sup>55</sup> Le nostre spedizioni punitive, tutte quelle violenze che occupano le cronache dei giornali, devono avere sempre il carattere di una giusta ritorsione e di una legittima rappresaglia. Perchè noi siamo i primi a riconoscere che è triste

Quando se trabalha com a ideologia fascista devemos ter em mente que o movimento cria a ideia de que existe o “certo e o errado”, a crença de que existe uma divisão de lados no mundo, de uma luta maniqueísta entre o bem e o mal. Essa visão de mundo acaba legitimando o uso da violência.

Pensemos nos quadrinhos de super-heróis, onde temos os personagens principais derrotando os vilões. Não há um questionamento maior do leitor sobre a ação do herói, se ela realmente é válida, pois esse tipo de conduta já é esperado pelo leitor. Tudo se resume ao fato de que o bem deve vencer o mal, custe o que custar. “O próprio episódio de violência, que tece as várias narrativas, encontraria sua justificativa nessa reprovação terminal do mal e no triunfo dos honestos.” (ECO, 2011, p.274/275).

Além disso, no último trecho do discurso, Benito Mussolini acrescenta um ponto na discussão sobre o uso da violência: a de que ela era um mal necessário para poder destruir os “vilões”. Simultaneamente, retira a imagem de que seus homens eram sádicos e de que apreciavam matar, pois Mussolini reconhece que os homens que eles estão matando são italianos como ele e seus homens. Esse ponto levantado traz a ideia de que os Camisas Negras não apreciavam o que faziam, mas que estavam dispostos a se sacrificar pelo bem da Nação. Comparando novamente com as figuras dos heróis antigos e modernos, essa parte também é compartilhada por essas figuras, já que a vida de um herói está inteiramente ligada à sociedade que o mantém e, em muitos casos, muitos heróis se sacrificam cometendo atos que não lhes agradam, mas que mantêm a paz.

Outra forma que Mussolini encontrou para poder atacar os socialistas sem ser questionado ou recriminado foi buscar, nas velhas táticas de sempre, trazer a realidade dos acontecimentos da União Soviética para tentar demonstrar que a violência praticada pelos seus seguidores não chegava perto daquela que ocorria no país onde o socialismo foi implantado:

E chego agora ao tema da violência. A violência não é imoral. A violência é algumas vezes moral. Contestamos a todos os nossos inimigos o direito de se queixarem da nossa violência, porque, comparada à que se praticou nos anos infaustos de 19 e 20, comparada à dos bolchevistas da Rússia, onde dois milhões de pessoas foram



executadas e outros dois milhões jazem ainda nos cárceres, a nossa violência é uma brincadeira de crianças. (MUSSOLINI, 1995, p.07)

Nesses anos, a Rússia ainda passava pela Guerra Civil e isso assustava a sociedade italiana, principalmente por causa das propagandas fascistas que apontavam que o que ocorria na Rússia poderia vir ocorrer na Itália, caso os socialistas chegassem ao poder. Segundo os fascistas, a violência que os socialistas causariam, desestabilizando o Estado italiano, seria muito maior do que as que os fascistas estão causando agora, que era justa, já que visava salvar o Estado dos “parasitas” que o infectaram.

A prática da violência acabava atraindo, em sua maioria, homens que viam no movimento uma forma de expressarem sua masculinidade: “Além disso, alguns estetas da violência encontravam beleza no extremo da vontade e da resistência masculinas, exigidos pela guerra de trincheira” (PAXTON, 2007, p.68). Porém, houve um grupo de homens que se destacava: eram os jovens. Os jovens italianos estavam cansados das antigas políticas e sem esperança nas revoluções socialistas, muitos eram estudantes e viram no fascismo italiano uma forma de expressarem suas vontades.

Além disso, muitos enxergavam o fascismo como o seu rito de passagem para o mundo adulto: “os ritos que asseguram uma verdadeira morte da infância e um nascimento da virilidade.” (MORIN, 2009, p.147). Através do *squadristi* os jovens se sentiam parte da sociedade, era através dos assaltos aos jornais socialistas que esses jovens recebiam o rito de passagem para que se tornassem adultos. Mussolini percebe a identificação desses jovens com seu movimento e recebe esse novo público de braços abertos. No próximo capítulo, esse tema será melhor desenvolvido.

Foi levantada essa rápida introdução para trabalhar outro discurso, onde o tema é a violência. Desta vez, em 1922, no discurso pronunciado na cidade de Milão, onde dois jovens que pertenciam aos *squadristi* atacaram um jornal socialista naquela cidade. Contudo, durante o ataque, ambos foram baleados e morreram:

... lançaram-se ao assalto do *Avanti!* como se teriam lançado ao assalto numa trincheira austríaca. Tiveram de transpor muros, destruir vedações, arrombar portas, afrontar chumbo derretido que os assaltados fundiam com as armas. Isto é heroísmo! Isto é violência! Esta é a violência que eu aprovo e exalto! Esta é a violência do Fascismo

milanês! E o Fascismo italiano - falo aos fascistas de toda a Itália – deveria fazê-la sua! Não a mesquinha violência individual, esporádica, quase inútil, mas a grande, a bela, a inexorável violência das horas decisivas. (MUSSOLINI, 1995, p.28)

Quero chamar a atenção nessa parte para outro tema que envolve a violência: a criação de mártires do movimento fascista por Benito Mussolini - nesse discurso a referência são os dois jovens que morreram no ataque ao jornal *Avanti!* da cidade. O fato de Mussolini colocar esses jovens no pedestal e chamá-los de mártires é a afirmação da luta entre o bem e o mal, já que eles são os heróis que se sacrificaram para o bem maior, que nesse caso seria se livrar da propaganda dos “traidores da Pátria”.

Para dar mais forma a essa realidade, Benito faz uma comparação dos dois jovens com os soldados que combateram na Primeira Guerra Mundial e, novamente, compara os socialistas com os austríacos. Vemos então outra forma que os fascistas utilizavam para permitir o uso da violência sobre os socialistas, já que estes, como os austríacos, provocaram os ataques.

Os conflitos entre socialistas e fascistas, às vezes, tomava proporções gigantescas. Houve casos até de prefeituras de cidades onde havia uma maioria socialista serem depredadas pelos Camisas Negras. O governo, no início dos conflitos, mantinha-se neutro, acreditando que eram pequenos conflitos locais e que logo os fascistas entrariam na lógica parlamentar e acabariam com os seus exércitos particulares e com os conflitos. Contudo, as lutas continuavam e tornavam-se cada vez piores, levando o primeiro ministro Giolliti e o Parlamento a mandar prender quem fosse visto violando a ordem pública. Mas essas ordens raramente eram cumpridas pelas autoridades locais, pois muitos policiais e até militares italianos apoiavam a intervenção violenta dos fascistas, achando muitas delas justas.

Facilitar fugas, encobrir provas, doar armas a também participar das agressões, eram algumas das formas que os policiais italianos encontravam para demonstrar seu apoio às atitudes fascistas. Isso demonstra como as ideias e as propagandas negativas dos fascistas sobre socialismo iam se arraigando na sociedade italiana. Aos poucos, a população começava a se acostumar com a violência que os fascistas impunham aos socialistas. As propagandas fascistas e os discursos que denegriam a figura dos socialistas e comunistas começavam a surtir efeito, pois as violências contra os membros do movimento socialistas começavam a ser tratadas como algo natural e necessário: “A atração que o mal e o crime exercem sobre a mentalidade da ralé não é

novidade. Para a ralé, os atos de violência podiam ser perversos, mas eram sinais de esperteza.” (ARENDR, 1989, p.357).

Na verdade, o que o fascismo e parte da sociedade italiana, que passou a apoiá-lo, acreditavam, era que todos os três anos de violência trariam suas vantagens e levariam a revolução fascista ao governo da Itália. Essa é a última ideia por detrás do uso da violência - “o fim justifica os meios” – e ela apressou a revolução fascista:

Por outro lado, a violência é eficaz, porque em fins de julho e de agosto, em quarenta e oito horas de violência sistemática e aguerrida, obtivemos o que não tínhamos conseguido em quarenta e oito anos de discursos e de propaganda. Assim, quando ela resolve uma situação gangrenosa, a nossa violência é moralíssima, sacrossanta e necessária. (MUSSOLINI, 1995, p.29)

Em razão de a maioria dos ataques serem direcionados aos socialistas, novamente surgem as críticas de que, na verdade, o fascismo era uma máquina do grande capital, uma milícia armada dos burgueses que era lançada contra os socialistas para dizimá-los e destruir o movimento. Portanto os socialistas e comunistas italianos teriam sido as maiores vítimas da violência fascista. Mas os liberais também eram alvo violência fascista; mesmo os burgueses humanistas, aqueles que tinham uma ligação maior com o movimento da esquerda, sofriam ataques que iam desde a destruição de suas propriedades até a agressão física: “A violência é um elemento fortemente anti-conservador no sentido de que é exercida pelas elites emergentes, destinadas, segundo *Sorel* com base em Pareto, a substituir as elites cuja energia vital e capacidade de controle começam a extinguir-se.” (CARNEIRO, CROCI, 2010, p.28). A velha elite, na visão fascista, não tinha mais nem o poder nem o direito de governar o país, por isso deveria ser substituída por eles.

A violência sempre marcou o fascismo, desde sua origem; era algo comum, já que os principais membros do movimento eram ex-combatentes, homens que tiveram sua vida forjada dentro das trincheiras. Entretanto, pelo número pequeno de membros, os ataques passavam despercebidos.

Foi somente em 1920, com a Grande Greve, que os atos violentos fascistas ganharam mais destaque, atraindo parte da burguesia, além dos jovens italianos, que viam no movimento

uma forma de participar de algo novo, expressar sua masculinidade e de fazer parte de um grupo maior.

Mesmo que os socialistas e comunistas tenham sido os principais alvos da violência dos *squadristi* de Mussolini, os liberais também sofreram. A violência se tornou uma marca para o fascismo italiano, até que a própria palavra fascismo se tornou um sinônimo de violência.

Entretanto, Mussolini sabia que somente a violência não garantiria que o fascismo se tornasse hegemônico na sociedade italiana. Para que a maioria da população italiana participasse da revolução que Benito Mussolini pretendia impor na Itália, o fascismo precisaria tornar-se mítico – o que Mussolini sempre quis – como uma religião.

### **3. O Mito fascista: A busca de Mussolini por uma consciência coletiva italiana.**

Benito Mussolini e a maior parte de seus membros acreditavam que o fascismo era um movimento puramente italiano e nascido a partir da cultura italiana. Uma forma de tentar explicar esse ideal vinha dos Mitos; mas o que é um *mito*? Ele serve principalmente para explicar o inexplicável, criar uma resposta partindo do campo do imaginário humano e de sua cultura:

Mitos são histórias de nossa busca da verdade, de sentido, de significação, através dos tempos. Todos nós precisamos contar nossa história, compreender nossa história. Todos nós precisamos compreender a morte e enfrentar a morte, e todos nós precisamos de ajuda em nossa passagem do nascimento à vida e depois à morte. Precisamos que a vida tenha significação, precisamos tocar o eterno, compreender o misterioso, descobrir o que somos. (CAMPBELL, 1990, p.5)

Em outras palavras, imaginemos o que é o Estado Nacional. Se ele não tem uma aparência física, onde estão as fronteiras de um país? Na maioria das vezes não passam de linhas imaginárias em um mapa, logo ele não passa de uma ideia abstrata, existindo unicamente no campo imagético. Mas, ao mesmo tempo, ele é tão vivo para nós que é difícil se desvincular. E por que é tão difícil? Para conseguir manter o ideal do Estado-Nação, foi necessário criar mitos em torno dele. No caso de um mito fundador, com seus heróis, que também recebem um pouco de mitificação, fica clara a utilidade dos Mitos para poder explicar e ao mesmo tempo sustentar a ideia de Estado-Nação.

O grande problema encontrado pelo fascismo italiano, nos anos 1920 e 1921 foi a falta de consciência nacional na população italiana, cuja experiência de unificação foi tardia e muito mal elaborada. O sentimento de união não existia entre os italianos, principalmente entre os que viviam ao norte e os que viviam no sul do país. Nesse sentido, Mussolini buscava no imaginário uma forma de unir todos italianos em um sentimento nacional. Ao mesmo tempo, os Mitos criados por Benito Mussolini tinham a função de “sacralizar” o fascismo, o seu líder e a missão do movimento. O fascismo fez isso de duas formas distintas: uma, buscando no passado da Itália os mitos que simbolizavam a união italiana e como o fascismo conseguiria unir todas em seu movimento; a outra, via o futuro do fascismo, buscando nos jovens os mitos para demonstrar que o fascismo era um movimento do presente e do futuro.

### **3.1 O Passado: A Roma Antiga, Catolicismo, A Itália Medieval e do *Risorgimento*.**

Mussolini começava a perceber que a ideia de nacionalidade italiana era muito tênue, e que muitos cidadãos não se sentiam italianos. Precisava então criar um mito que permitisse unir todas as regiões da Itália, assim como revigorar a lenda sobre a fundação da Itália. Esse passado lendário partia da antiga Roma, tanto republicana quanto imperial, umas das épocas onde a península itálica ganhou mais destaque. Diferentemente do Renascimento italiano, a Roma antiga acabava abrangendo o imaginário de toda a península, de norte a sul. Além disso, Roma representava o poderio militar forte e conquistador.

Benito espelhava-se nas histórias das conquistas romanas para reproduzi-las na Itália moderna. Entretanto, ele não foi o primeiro a imaginar isso. O primeiro homem a buscar em Roma a motivação para suas tropas foi Gabriele D’Annunzio. Ele se inspirava na organização e na vontade do exército romano; por esses motivos, D’Annunzio chamava seu exército particular de Legião.

Mussolini se apropriava de algumas ideias de D’Annunzio e criava outras. A própria escolha do símbolo para o seu movimento vinha da Roma antiga. O *Fascio* (feixe) simbolizava a ordem do Senado e depois do Imperador; simbolizava também união, os feixes pequenos significando o povo romano e, o feixe grande, o Estado romano; ambos, isoladamente, são fáceis de quebrar, mas juntos se tornam quase indestrutíveis. Fica claro que a escolha desse símbolo era lógica para Mussolini.

Além do símbolo e do nome para o seu exército particular, Mussolini também se apropriou do cumprimento aos imperadores romanos e o tornou o cumprimento oficial entre os fascistas. Em um discurso já mencionado aqui, de 1920, chamado *I compiti e i fini del Fascismo* (Os trabalhos e os fins do Fascismo), aparece uma das primeiras menções de Mussolini sobre Roma:

Roma é o nome que preenche toda a história por vinte séculos. Roma dá o sinal da civilização universal; Roma que traça as estradas, assinala os confins e que dá ao mundo as leis eternas imutáveis de seu direito. Mas se isto foi competência universal de Roma na antiguidade, eis que devemos absorver ainda uma outra tarefa universal. (MUSSOLINI, 1921, p.109)<sup>56</sup>

Mussolini apela para o imaginário italiano, resgatando a cultura romana e sua obra civilizatória, tanto para a Itália quanto para a Europa Ocidental. Mesmo quase dois mil anos após o surgimento da cidade e de suas primeiras conquistas militares, seu nome ainda era referência quando o assunto era civilidade. Lembrava também que foram as leis romanas, muitas ainda vigorando no direito moderno, que levaram a disciplina e a ordem para todos os cantos do Império. Benito desejava alcançar as mesmas glórias de Roma, não somente militares, mas queria trazer uma nova Civilidade para a Itália e para a Europa.

Mas o que seria essa nova civilização? Para Mussolini, o seu movimento – o fascismo – era a resposta a essa questão. Ele defendia a tese de que, como em Roma, o fascismo italiano era a nova forma que os governos do mundo deveriam adotar, isto é, um governo ditatorial onde o Estado-Nação deveria ser o centro de tudo. Benito Mussolini acreditava que seu movimento era o início de uma nova era para o mundo, que ele destruiria as antigas ordens e os velhos políticos e traria uma nova ordem. Benito Mussolini e a alta cúpula do fascismo também acreditavam que o movimento fascista não deveria ser implantado somente na Itália; eles esperavam que movimentos similares aparecessem em toda a Europa e nos outros continentes.

Essa ideia ganhou força após o surgimento do nazismo na Alemanha. Foi a partir desse momento que Mussolini começou a espalhar seu ideal em torno do globo, o que significava desde enviar tropas e dinheiro para ajudar o General Franco a ganhar a Guerra Civil Espanhola,

---

<sup>56</sup> Roma è il nome che riempie tutta la storia per venti secoli. Roma dà il segnale della civiltà universale: Roma che traccia strade, segna confini e che dà al mondo le leggi eterne dell'immutabile suo diritto. Ma se questo è stato il compito universale.

até enviar seu braço direito, Italo Baldo<sup>57</sup>, para cumprimentar o presidente Getúlio Vargas e estreitar as relações entre a Itália fascista e o Brasil varguista<sup>58</sup>.

Foram esses motivos que fizeram muitas figuras políticas, pertencentes ou não aos movimentos fascistas, acreditarem que estavam vivendo a era do fascismo: “Se cada século tem sua doutrina, mil indicações demonstram que a do século atual é o fascismo.” (MUSSOLINI, 1995. p.40).

Voltando para a história de Roma, já que antes de levar o seu movimento para o mundo Mussolini precisava consolidá-lo na Itália, Benito continua seu discurso sobre a grandeza da capital italiana; porém, desta vez, ele busca falar sobre a importância da Roma pagã, uma vez que os fascistas e italianos deveriam se espelhar nela, pois foi nessa época que o Império Romano atingiu seu auge e conseguiu manter-se forte. Entretanto, essa fala de Mussolini atingia diretamente o catolicismo, já que Mussolini descarta a era católica romana e acaba idolatrando a era pagã:

Este destino não pode torna-se universal se não se transplanta no terreno pagão de Roma. Através do paganismo, Roma encontra a sua forma e encontra o modo de reger-se no mundo. Eis Roma que retorna mais uma vez ao centro do império universal que fala a sua língua e pensem eles que a tarefa de Roma não terminou. (MUSSOLINI, 1921, p.109/110)<sup>59</sup>

O anticatolicismo de Mussolini, e do próprio fascismo, era algo que ainda persistia em 1920. Essa prática de se manter contra a Igreja católica mais prejudicava o movimento do que o ajudava. O fato de colocar-se contra a principal religião do país acabava por afastar uma grande parte da população italiana, já que quase 98% dos italianos se diziam católicos; e, desse número, metade era praticante.

---

<sup>57</sup> NETO, Lira. *Getúlio: dos anos de formação à conquista do poder (1882-1930)*. São Paulo: Companhia das letras, 2012. Pg.14/15

<sup>58</sup> Mussolini acreditava que o que Getúlio Vargas estava fazendo no Brasil era igual o que ele estava fazendo na Itália. Por esse fato é muito comum encontrar uma parte da historiografia nacional tratando a era Vargas como um governo fascista, mesmo com muitas questões semelhantes e mesmo com certa admiração ao movimento, Getúlio Vargas não era fascista, pois se pegamos a explicação do professor Renzo de Felice – o fascismo. (falta completar a frase)

<sup>59</sup> Questo destino non può diventare universale se non si trapianta nel terreno pagano di Roma. Attraverso il paganesimo Roma trova la sua forma e trova il modo di reggersi nel mondo. Ecco Roma che retorna ancora una volta centro dell'impero universale che parla la sua língua Pensate che il compito di Roma non è finito.

No entanto, permitia-se que outros segmentos sociais se filiassem ao movimento, como os futuristas, que foram os primeiros a apoiarem o movimento e se filiarem a ele. O líder dos futuristas, Filippo Tommaso Marinetti, chegou a ser candidato nas eleições parlamentares de 1919 junto a Mussolini.

A falta de apoio da base fez com que Benito Mussolini repensasse as ideologias de seu partido e uma das mudanças procuradas por Mussolini foi sobre o catolicismo:

Não haverá um período de paz até quando os povos se abandonarem ao sonho cristão de fraternidade universal e puderem estender-se a mão além dos oceanos e das montanhas. Eu, por minha conta, não acredito muito nestes ideais, mas não os excluo porque eu não excluo nada: tudo é possível; também o impossível e o absurdo. (MUSSOLINI, 1921, p.108)<sup>60</sup>

Esse trecho foi retirado do mesmo discurso em que Mussolini tece elogios à Roma pagã. Podemos observar a sua preocupação em relação aos pensamentos cristãos; contudo, mesmo apontando críticas positivas, ainda não chegava a ser a defesa ao catolicismo que Mussolini fez em um discurso na Câmara dos Deputados em 1921, “seu primeiro discurso na Câmara dos Deputados, em 21 de julho de 1921, quando afirmou que o catolicismo expressava a ‘tradição latina imperial de Roma’ e pediu que as divergências com o Vaticano fossem sanadas” (PAXTON, 2007, p.113).

Em 1932, na sua obra *A Doutrina do Fascismo*, também defende o catolicismo: “O Estado fascista não permanece indiferente; já a questão religiosa em geral e particular é o catolicismo italiano” (MUSSOLINI, 1995, p.38). Isso demonstra uma real mudança no discurso e na ideologia fascista, alavancados pelo novo público que começava a seguir o movimento.

A mudança de postura de Benito Mussolini e do fascismo italiano permitiu que o movimento fosse mais aceito pela população italiana, principalmente pelos camponeses sulistas. Um fato que acelerou essa aceitação popular foi quando os membros da Igreja católica, que também eram filiados ao Partido Popular Italiano, começaram a apoiar os ideais fascistas, como

---

<sup>60</sup> Non ci será un período di pace sino a quando i popoli si abbandoneranno ad un sogno Cristiano di fratellanza universale e potranno stendersi la mano oltre gli oceani e le montagne. Io, per mio conto, non credo tropo a questi ideali, ma non li escludo perchè io non escludo niente: tutto è possibile, anche l'impossibile e l'assurdo.



uma forma de se protegerem contra o perigo vermelho. Também muitos deles acabaram influenciando Don Sturzo a garantir um apoio ao movimento fascista:

Em 1922, contudo, uma facção *clero-fascista* surgiria no interior do PPI. O partido agora era favorável a uma acomodação com Mussolini, e convenceu o Vaticano neste sentido. O líder do partido, Dom Sturzo, um padre, era um democrata, mas se sentiu obrigado a concordar, por seus votos de obediência. (MANN, 2008, p.174)

Isso só se tornou possível com as modificações discursivas e ideológicas que o fascismo estava promovendo, o que foi muito importante. Mesmo quando muitos membros antigos começavam a abandonar o movimento, vinham novos que os substituíam e, pela primeira vez, já no final de 1920 e início de 1921, o fascismo tinha uma base popular em suas fileiras, fazendo com que se tornasse o terceiro maior partido da Itália.

Voltando para a questão romana, para que um mito ganhe força há a necessidade de que símbolos surjam em torno dele, em torno de datas simbólicas:

Se os socialistas têm o 1.º de maio, se os populares têm o 15 de maio, se outros partidos de outras cores têm outros dias, nós fascistas temos um: é o Nascimento de Roma, em 21 de abril. Neste dia, nós, no sinal da Roma Eterna, no sinal daquela cidade que deu duas civilizações ao mundo e dará a terceira, nós nos reconheceremos e as legiões regionais<sup>61</sup> desfilam com nossas ordens que não são militarismo e nem mesmo alemãs, mas simplesmente romanas. (MUSSOLINI, 1921, p.130)<sup>62</sup>

Nesse discurso de 1921, quando o fascismo já se tornava mais conhecido dentro da sociedade italiana, Mussolini apresenta uma data simbólica que representa a crença de seu movimento político. Isso permitiria competir com as datas simbólicas dos outros partidos políticos. Para representar esse ato simbólico foi escolhido o dia do nascimento de Roma, demonstrando um símbolo nacional do surgimento do Estado italiano. Essa data seria comemorada por todas as sedes fascistas da Itália, com desfiles militares para demonstrar a organização e a disciplina dos Camisas Negras. Contudo, Benito Mussolini aponta que esses

---

<sup>61</sup> Por volta de 1921 começaram a surgir por toda a Itália sedes do movimento fascista. Eram compostas pelos camisas negras locais, e uma liderança própria, mas que recebia ordens diretas da alta cúpula fascista.

<sup>62</sup> Se i socialista hanno il 1 maggio, se i popolari hanno il 15 maggio, se altri partiti ne avremo una: edè il Natale di Roma, il 21 aprile. In quel giorno noi, nel segno di Roma Eterna, nel segno di quella città che há dato due civiltà al mondo e darà la terza, noi ci riconosceremo e le legioni regional sfileranno col nostro ordine che non è militaresco e nemmeno tedesco, ma semplicemente romano.

desfiles militares não eram uma cópia dos desfiles da Alemanha, mas sim uma cópia dos desfiles das legiões romanas. Essas datas comemorativas iriam permanecer até o fim do regime fascista, pois elas permitiam que a população, além de sacralizar o movimento, acabasse criando momentos de união nacional em torno de em um único sentimento: a saudação à Pátria e ao movimento.

Além da utilização da história romana, Benito Mussolini resgata também a era medieval italiana, a era das pequenas republiquetas, das cidades comerciais, quando a Itália voltou a ser, até certo ponto, uma referência cultural e econômica na Europa:

...a história italiana medieval, a história brilhante de Veneza, que reina por 10 séculos, que porta as suas galés em todos os mares, que faz embaixadas e governos, governos dos quais hoje se perdeu a semente, não se concluiu. A história das comunas italianas, é uma história de plenos prestígios, plena grandeza, de notabilidade. Vão a Veneza, a Pisa, a Amalfi, a Genova, a Florença, e vós encontrareis lá sobre prédios, nas estradas, o sinal, a impressão desta nossa maravilhosa e não degradada civilização pagã. (MUSSOLINI, 1921, p.110)<sup>63</sup>

O discurso da era medieval italiana assemelha-se ao discurso sobre Roma, pois mantém a ideia da civilização que as cidades italianas no medievo “criaram” e depois exportaram para o resto da Europa. O próprio Renascimento acrescenta-se à Era de Ouro da Itália, pois a economia da região era a mais pujante da Europa, o comércio marítimo das repúblicas se espalhava por quase todo o Mediterrâneo, mantendo boas relações com os mercados Oriental e Ocidental em todas as cidades independentes italianas.

Mussolini dá destaque a Veneza, e por que isso? Não seria o caso dessa cidade haver se desenvolvido economicamente mais que as outras, já que Gênova sempre acompanhou o mercado marítimo junto com Veneza? Sobre a questão de poder e de influência na Europa em geral, Veneza sai perdendo novamente, uma vez que a Florença dos Médici, e a própria Roma papal, tiveram mais poder e influência que a cidade portuária. Então, por que dar tanto destaque

---

<sup>63</sup> La storia italiana del medioevo, la storia più brillante di Venezia, che regna per 10 secoli, che porta le sue galee in tutti i mari, che ha ambasciate e governi di cui oggi si è perduta la semente, non si è chiusa. La storia dei comuni italiani, è una storia piena di grandezza, di nobiltà. Andate a Venezia, a Pisa, ad Amalfi, a Genova, a Firenze, e voi troverete là sui palazzi, nelle strade, il segno, l'impronta di questa mostra meravigliosa e non ancora marcita civiltà pagana.

em seu discurso à República de Veneza? Havia uma relação com o que estava ocorrendo na época em que o discurso foi proferido. Veneza, na Idade Média, havia dominado alguns territórios, construindo assim um império. Dentre os territórios dominados por Veneza se destaca a cidade de Fiume, a mesma invadida por D'Annunzio no final de 1919. Assim, Mussolini pretendia dar mais legitimidade à invasão de D'Annunzio; neste caso, temos a utilização da história medieval como uma forma de exigir territórios, ou legitimar a tomada dos mesmos.

A Roma antiga representa o surgimento da civilização italiana; a Era Medieval é o progresso econômico e cultural italiano, mas ambos não trazem a união dos italianos para um Estado, pois esse era o centro do culto fascista. Benito Mussolini então se volta para a guerra de unificação e para seus heróis. Os mitos da unificação estão nos discursos fascistas desde sua origem. O primeiro discurso a tratar desse assunto é chamado *Per Garibaldini delle Argonne* (Para os Garibaldinos de Argonne) pronunciado em dezembro de 1919, no conservatório de Milão. Esse discurso direcionou-se aos nacionalistas garibaldinos, até àqueles que, além de defenderem a nação, demonstravam uma adoração ao principal herói da unificação – o general Giuseppe Garibaldi. Mussolini irá utilizar a unificação italiana e seus heróis para compará-los aos feitos da Primeira Guerra Mundial:

O povo italiano, em todo o caso, providenciara por si só sua salvação e a sua vingança. Até 1870, o país persegue o objetivo da independência nacional; de 1870 até de 1919 aquele que se resume nos nomes de Trento e Trieste; de 19 para cá- a suprema repressão e defesa das tradições e dos abandonos imediatos- o nosso dever é aquele de libertar-nos do jugo da plutocracia internacional. (MUSSOLINI, 1921, p. 202)<sup>64</sup>

Temos novamente uma comparação entre os soldados que haviam combatido na Primeira Guerra Mundial com os heróis da unificação italiana. Mas o que Mussolini pretende com essa comparação? O fascismo italiano se colocava como herdeiro dos que participaram do *Risorgimento* italiano. Mussolini defendia a tese de que eles tinham que continuar o que haviam iniciado em 1870, ou seja, continuar a criar o espírito de unidade e nacionalismo nos italianos; seus Camisas Negras teriam a mesma missão que os Camisas Vermelhas garibaldinas. Mussolini

---

<sup>64</sup> Il popolo italiano, comunque, provvederà da sè ala sua salvezza ed ala sua vendetta. Fino al 1870 il Paese persegui l'obbiettivo della indipendenza nazionale; dal 1870 fino al 1919 quello che si reassume nei nomi di Trento e Trieste; dal 19 in là- a suprema rampogna e difesa dei tradimenti e degli abbandoni subiti- il nostro dovere è quello di liberarci dal giogo della plutocrazia Internazionale.

também se espelhava no herói italiano perante as atitudes que tomava. Estas atitudes nos remetem à tomada da capital italiana pelos fascistas. Como dito anteriormente, a Roma Antiga tinha um simbolismo muito forte para os fascistas, mas a tomada da cidade trazia outro simbolismo:

Mas por que - nunca o perguntastes a vós mesmos? -, por que a unidade da Pátria se resume no símbolo e na palavra Roma?... E é necessário não confundir Roma com os romanos, com aquelas centenas dos chamados *trânsfugas do Fascismo* que estão em Roma, em Milão e em tantos outros centros de Itália e que por tendência natural fazem antifascismo prático e criminoso. Mas se Mazzini e Garibaldi por três vezes tentaram chegar a Roma, e Garibaldi deu aos seus Camisas Vermelhas o dilema trágico, inexorável de "Roma ou morte", significa isto que, para os homens do Ressurgimento italiano, Roma tinha já uma função essencial de ordem singularíssima a realizar na nova história da Nação italiana. Ergamos, pois com ânimo puro e livre e rancores, o nosso pensamento a Roma, que é uma das poucas cidades espirituais do mundo, porque ali, entre aquelas sete colinas sobrecarregadas de história, operou-se um dos maiores prodígios espirituais que a história recorda, isto é, aí se transmutou uma religião oriental, não compreendida por nós, numa religião universal que, sob outra forma, retomou aquele império levado aos extremos confins de terra pelas legiões consulares de Roma. E nós pensamos fazer de Roma a cidade do nosso espírito, uma cidade depurada, desinfetada de todos os elementos que a corrompem e a conspurcam, pensamos fazer de Roma o coração possante, o espírito álcere da Itália imperial que sonhamos. (MUSSOLINI, 1995, p.8)

Esse discurso de 1922 faz parte de um conjunto de quatro conhecidos como *Discursos da Revolução*. Deixarei para falar deles no último capítulo, pois são os discursos que antecederam A marcha sobre Roma. Nesse trecho, podemos ver o interesse de Mussolini nas tentativas da tomada de Roma pelos Camisas Vermelhas Garibaldinas.

Como foi descrito por ele, a tomada de Roma tinha um simbolismo muito forte, pois representava a finalidade da unificação e a missão cumprida dos homens do *Risorgimento*. Benito Mussolini enxerga que seu movimento deve fazer o mesmo e, se apropriando da frase de Garibaldi "Roma ou a morte", pede para que seus Camisas Negras se dirijam até a capital da Itália, para a *Marcha sobre Roma*.

### 3.2 Presente e Futuro: A juventude fascista.

A Itália era considerada uma “nação jovem” (MANN, 2008, p.142) pelo pouco tempo de sua existência, por isso Mussolini acreditava que ela deveria ser gerida pelas novas gerações, não somente por aquelas que lutaram na Guerra, mas por aquelas que nasceram durante ela. A figura do jovem simboliza o futuro, já que eles devem tomar as rédeas quando as antigas gerações saírem de cena. Mussolini sabia disso, pois deposita suas forças nessa ideia de transformar o movimento no “partido dos jovens e do futuro”. Para tanto, foi necessário criar uma simbologia que fizesse os jovens identificarem no fascismo a resposta para as suas dúvidas, aproximando assim o movimento das novas gerações.

Como demonstrado na seção *Violência*, o rito de passagem da infância para a fase adulta era uma das armas simbólicas do fascismo, mas havia outras: “Jovens simbolizam vigor e ação: ideologia se juntou aos fatos. Os heróis e mártires fascistas morreram jovens para poderem entrar no Panteão – símbolo representativo das novas expressões dos ideais nas formas artísticas.” (GRIFFIN, ELDMAN, 2004, p.151)

A juventude italiana teve, desde que surgiu o movimento, certa atração pelo fascismo, pois esse se apresentava como uma alternativa sedutora dentre as duas linhas políticas mais fortes existentes naquele tempo: o liberalismo e o socialismo. Entretanto, não é somente esse fato que fez os jovens se aproximarem do fascismo, mas também a ideia de que o fascismo construiu em torno de si um movimento novo, de jovens que sabem dos problemas reais e que estão prontos para um futuro totalmente novo.

Benito Mussolini apresenta, em um de seus discursos de 1921, chamado de *Fratelli dei lavoratori, non nemici!* (Irmão de trabalho, não inimigos!) o pensamento fascista sobre o que é o jovem italiano: “E digamos a todos: Pequenos e Grandes homens da cena política nacional, digamos: abram caminho que passa a juventude italiana, que quer impor a sua fé e a sua paixão” (MUSSOLINI, 1921, p.129)<sup>65</sup>. O que Benito Mussolini pretende, citando a juventude em seu discurso? Elevá-la à condição de segmento social mais importante e participativo da política italiana. Os fascistas enxergavam que o mundo havia mudado com a guerra e nada melhor do

---

<sup>65</sup> E diciamo a tutti: piccoli e grandi uomini della scena politica nazionale, diciamo: fate largo che passa la giovinezza d'Italia che vuole imporre la sua fede e la sua passione.

que os jovens que cresceram nesse novo mundo tomarem-no para si. Esse ideal era compartilhado por Filippo Tommaso Marinetti: “A guerra já havia revelado a verdadeira força italiana, a força dos jovens, violenta, anti- tradicional e ultra italiana” (MARINETTI, 1924, p.158).

Além dos jovens ex-combatentes, os estudantes – tanto universitários quanto os do ensino básico, que eram considerados muito jovens para se alistarem – também se sentiram atraídos pelos ideais fascistas: “Foram complementadas principalmente por estudantes demasiado jovens para lutarem, mas aparentemente movidos por sentimentos nacionalistas igualmente extremos” (MANN, 2008, p.144).

Esse fanatismo se devia ao fato de que esses jovens também não se sentiam representados pelos antigos partidos, não achavam seu ideal inovador, e muito menos os achavam capazes de fazer as modificações necessárias para o crescimento da nação. Por esses motivos, o número de estudantes universitários que se filiavam ao partido era muito maior que dos outros e também era um número significativo dentro das fileiras fascistas “Os estudantes representavam nada menos do que 13% de todos os membros, com o impressionante quociente de 9,3%” (MANN, 2008, p.151).

Além de um discurso nacionalista que procurava elogiar os jovens como o futuro da nação, o fascismo se tornava mais atrativo também pela figura de seus líderes. A política italiana, e também a europeia, eram dominadas principalmente por anciões. Antes de Mussolini, o Primeiro Ministro mais novo a chegar ao poder tinha mais de 70 anos, o que demonstrava aos jovens e aos fascistas que essas pessoas não promoveriam mudanças e manteriam as coisas como estavam. “Muitos da nova geração estavam convictos de que os homens de barbas brancas responsáveis pela guerra, que ainda se agarravam a seus cargos, nada entendiam de suas inquietações, quer tivessem o na guerra ou não.” (PAXTON, 2007, p.92).

Benito correspondia a esse desejo em seus discursos:

Vocês sentem que o leme do Estado não retornará mais aos velhos homens da velha Itália: nem a Salandra, nem a Sonnino, nem ao chorão Orlando, nem ao porquinho Nitti? Não percebeis vós que o leme passa por uma transição espontânea de Giovanni Gioliti, o homem bastante neutro, de 1915 a Gabriele d’Annunzio que é um homem

novo? (*aplausos, ovações prolongadas: Viva d'Annunzio*). (MUSSOLINI, 1921, p.129)<sup>66</sup>

Mussolini e a alta cúpula do movimento eram o oposto desses políticos. Todos eram novos, não chegando a ter mais que 50 anos: “Ao contrário do acontecia em outros partidos, praticamente nenhum líder tinha mais de 50 anos.” (MANN, 2008, p.142). Mussolini tinha 38 anos em 1921, quando esse discurso foi proferido, e, mesmo com a pouca idade, ainda agia como se tivesse menos idade ainda. Adorava demonstrar seu tronco e as cicatrizes de guerra, era atlético e sempre fazia exercícios; quando chegou ao poder, era comum ver o *Duce* andando pelas ruas de Roma com seu Alfa-Romeu esportivo em alta velocidade. Benito Mussolini tentava manter jovens sua aparência e imagem, para assim continuar atraindo esse público.

Para o fascismo, os jovens tinham que ser moldados para o futuro; tinham que entrar em suas fileiras, pois eles eram o futuro e o progresso que os fascistas desejavam para toda a Itália. Porém, não deveriam se esquecer do passado que fez com que a Itália se tornasse grandiosa: “eu vejo entre vocês as crianças que são a aurora da vida e poucos abraçam e beijam um velho garibaldino, um sobrevivente daquela Itália heroica.” (MUSSOLINI, 1921, p.181)<sup>67</sup>. Em outras palavras, os jovens que desejavam entrar para o movimento fascista deveriam caminhar sempre para frente, em direção ao progresso e ao futuro da Itália, mas deviam sempre olhar para trás, para perceberem de onde veio o passado glorioso de seu país. Somente assim a revolução que os fascistas tanto defendiam poderia se realizar.

#### 4. O Camponês.

Com sua industrialização tardia, comparada a de os outros países da Europa, a Itália tinha como principal produto de exportação sua produção agrícola; por isso, o número de trabalhadores no campo era maior do que os que viviam nas cidades. A realidade de trabalho desses dois grupos era muito distinta. Embora sofressem com o abuso de trabalho e com as explorações de seus patrões, os camponeses enxergavam o seu mundo de trabalho de forma

---

<sup>66</sup> Non sentite voi che il timone dello Stato non ritornerà più ai vecchi uomini della vecchia Italia: nè a Salandra, nè a Sonnino, nè al lacrimoso Orlando, nè al porcino Nitti? Non sentite voi che il timone passa per un trapasso spontarico da Giovanni Giolitti, l'uomo dal parecchio neutralista, del 1915, a Gabriele d'Annunzio che è un uomo nuovo?(*applausi, ovazioni prolungate: Viva d'Annunzio*).

<sup>67</sup> Io vedo fra di voi i fanciulli che sono sull'aurora della vita e poco fa ho abbracciato e baciato un vecchio garibaldino, um supérstite di quell'Italia eroica.

diferente daquela dos operários de fábrica. Para compreender melhor a realidade do camponês italiano no entre guerras, as leituras de Antonio Gramsci são essenciais, principalmente a obra *A Questão Meridional*, aonde ele destaca as duas classes trabalhadoras italianas e como fazer a Revolução Socialista também chegar ao campo. Quando Gramsci se refere aos camponeses, suas palavras são de críticas e preocupações:

“O camponês sempre viveu fora do domínio da lei, sem personalidade jurídica, sem individualidade moral: permaneceu um elemento anárquico, o átomo independente de um tumulto caótico, freado somente pelo medo da polícia e do diabo. Não compreendia a organização, não compreendia o Estado, não compreendiam a disciplina;”  
(GRAMSCI, 1987, p. 70)

A falta de disciplina e de uma direção fazia com que a maioria dos camponeses tivesse um caráter anárquico em suas atitudes e não se organizassem em uma frente única para combater as explorações que sofriam nas mãos dos grandes fazendeiros, que os contratavam somente na época das colheitas e ainda pagavam pouquíssimo pelos serviços. Gramsci acreditava que os camponeses deveriam se juntar aos operários, já que ambos sofriam situações de explorações parecidas. Aos operários caberia a missão de educar os camponeses, deixando de lado os preconceitos que tinham com os trabalhadores rurais, para assim militarem juntos.

Gramsci também acreditava que a modernização do campo após a guerra faria, forçosamente, os camponeses entrarem no mundo das fábricas, quando as máquinas compradas pelos seus patrões substituíssem sua mão de obra por tratores, colheitadeiras, entre outras máquinas. Isso os fazia se revoltar e se aproximar dos operários e, juntos, fazerem a Revolução Socialista. Porém novamente Gramsci enganou-se. Os camponeses não culpavam seus patrões pela vinda de máquinas, mas sim as fábricas e os operários que as produziram, aumentando assim o ódio pela cidade e por tudo que vinha dela: “Esse grupo compreende e vê que a origem dos seus problemas está na cidade, na força da cidade e por isso entende que ‘deve’ ditar a solução às classes altas urbanas, para que a fogueira principal seja apagada” (SADER, 2005, p.56).

Portanto, fica claro que os camponeses, em sua maioria, negavam-se a unir forças com a classe operária. Mais que isso, não acreditavam na luta de classes e que essa pudesse existir. Isso fez com que se tornassem mais favoráveis aos ideais fascistas, desde que esses se



adequassem à realidade do campo e que mantivessem uma linguagem próxima a esses trabalhadores. Mussolini sabia disso e enxergava no camponês o público forte que o seguiria e acabaria tomando o lugar dos operários em seu movimento.

Entretanto, Benito Mussolini sabia que, para atrair esse público, também deveria modificar os seus discursos e a figura construída em torno de si e de seu partido. Uma das primeiras modificações que fez os camponeses mudarem suas opiniões sobre o fascismo, já comentada, foi a mudança da opinião que o movimento fascista tinha sobre a religião católica, deixando de criticá-lo para passar a apoiá-la. Essa modificação da postura em relação ao catolicismo fez com que muitos camponeses, e mesmo operários que praticavam o catolicismo, dessem mais atenção para as palavras proferidas por Benito Mussolini.

Em um discurso de 1921, feito em Ferrara, região agrícola italiana, chamado *La redenzione dei lavoratori della Patria* (A redenção dos trabalhadores da Pátria), já se apresentava, no próprio título, uma modificação para “operário”; este deveria ser substituído pelo termo “trabalhadores”. Roland Barthes diz que “a linguagem nunca é inocente; as palavras têm uma memória.” (BARTHES, 2004, p.16) Adota um ponto, também defendido pela Análise de Discurso Francesa, o de que as palavras têm força e uma “memória”, isto é, a palavra tem um outro significado que só pode ser compreendido após uma análise histórica sobre ela.

A palavra “operário” vem do latim *operarius* que significa trabalho<sup>68</sup>; entretanto, com o advento da indústria, a palavra operário acabou sendo utilizada apenas para se referir aos trabalhadores fabris. Quando Karl Marx desenvolveu toda a discussão sobre o capital, reservou aos operários o papel central na revolução socialista, sendo que eles deveriam tomar o poder e acabar com as injustiças sociais provocadas pela burguesia. Logo, o termo “operário” acabou sendo apropriado pelos movimentos de esquerda e ganhou mais significados, dentre eles: de luta, organização e resistência ao capital. A associação com operário e socialismo é tão forte que é impossível desvincular uma palavra da outra.

Mussolini queria desvincular toda a sua imagem dos movimentos de esquerda, não somente para dar uma identidade ao seu movimento, mas pelo fato de querer ampliar o público alvo de seu partido. Quando Mussolini passa a utilizar “trabalhador”, acaba se “separando” da

---

<sup>68</sup> No italiano também é comum utilizar a palavra *opera* para obra.

ideologia socialista. Além disso, ao utilizar essa palavra, Mussolini acaba ampliando o seu público alvo, já que o termo trabalhador abrangia todo tipo de trabalho, não somente o industrial. Ao mesmo tempo, permitia que a burguesia, tanto urbana quanto rural, entrasse no mesmo ramo, já que os fascistas acreditavam que a burguesia também fazia parte da classe trabalhadora, já que essa produzia também.

Mantendo-nos ainda no campo do trabalho e da economia, podemos observar outros motivos que fizeram os camponeses se distanciarem do socialismo e preferirem entrar nas fileiras fascistas: “‘pequena e média burguesia rural’, recebendo em seu treinamento valores e poder para defender seus interesses de classe pela força, eles foram atraídos para o fascismo ao mesmo tempo por objetivos econômicos e meios militares.” (MANN, 2008, p.144)

Se observarmos a fala de Michel Mann, veremos que o camponês era atraído não só pelo objetivo econômico como também pelo militar. Os camponeses haviam servido o exército não só durante a Primeira Guerra Mundial; quase todos os soldados de baixas patentes vinham das regiões campestres e da região sul. Essa realidade fazia parte do *Risorgimento* italiano de Camilo Benso, com a resistência das regiões sul e campestres italianas em aceitarem a nova cultura criada por ele. Conde de Cavour pensou que seria melhor impô-las à força, fazendo com que todos os jovens soldados italianos viessem das bases campestres e que seus oficiais fossem da região urbana nortenha italiana, forçando a transmissão da nova cultura através da lógica militarista. Esse fato fez com que os camponeses continuassem a ser a maioria dos militares italianos, o que também ajudou a explicar o porquê do fascismo se expandir mais facilmente no campo italiano.

Uma das questões que melhor demonstra a fragilidade que os socialistas tinham diante do camponês foi a falta de compreensão da realidade da vida dos trabalhadores rurais e da distribuição de terras. Como já mencionado nesse trabalho, mais especificamente na seção *Versalhes e a aventura militar de D’Annunzio*, o governo italiano, para aumentar o número de soldados em combate, prometeu dar terra aos camponeses em troca de seus alistamentos. Contudo, ao término da guerra, a reforma agrária prometida não aconteceu. Quando esses ex-combatentes buscaram ajuda para lutar pela sua causa, não a encontraram nos socialistas: “Mas o partido socialista não se atreveu a empreender a luta contra a grande propriedade agrícola, desestimulando sua inércia através de uma fraseologia ultra esquerdista. Não só não apoiaram os

camponeses que queriam adquirir as terras, mas os advertiram que a revolução proletária os removeria das terras.” (GUERIN, 1973, p.97).

Muitos socialistas radicalizaram seus ideais de esquerda, principalmente após a Revolução Russa, e acreditavam que a revolução proletária estava próxima. Desta forma, acabavam radicalizando também suas opiniões sobre as propriedades privadas, as quais achavam que deveriam acabar, mesmo as pequenas. Isto demonstra como os socialistas pouco entendiam os camponeses e sua mentalidade e por isso acabaram entregando “de bandeja” aos fascistas esses trabalhadores, que, desde o início deram seu apoio para os ex-combatentes: “Os camponeses hoje se agitam para resolver o problema da terra. Não pode ser observado por nós com antipatia. Cometerão os excessos, mas peço que considerem que a espinha dorsal da infantaria era composta por camponeses, e quem fez a guerra foram os camponeses.” (MUSSOLINI, 1921, p.97)<sup>69</sup>

No discurso de 1921, a reforma agrária toma outro rumo. Desta vez, Mussolini não defende mais o antigo projeto governista, mas desenvolve um próprio com a ajuda de seus Camisas Negras:

Nós fascistas somos os primeiros a reconhecer, não já para ceder a um sentido de demagogia, que os direitos das classes trabalhadoras da nação são sacros e que mais sacros são os direitos daqueles que trabalham a terra. E aqui é de meu agrado estender um vivo aplauso aos fascistas ferrarenses, aqueles que empreenderam com ações, e não com as conversas fiadas insossas da política, que a revolução agrária deve dar aos camponeses, gradualmente, sem trapaças epiléticas, a posse definitiva da terra. Eu encorajo vivamente os fascistas ferrarenses a prosseguirem esta estrada e fazer a vanguarda do movimento agrário fascista de toda Itália. (MUSSOLINI, 1921, p.182)<sup>70</sup>

Além de falar sobre a reforma agrária, Benito Mussolini queria modificar a imagem que seu movimento havia adquirido nesses anos que se passavam, sendo acusado de ser anti-

---

<sup>69</sup> I contadini che oggi si agitano per risolvere il problema terriero, non possono esserguardati da noi com antipatia. Commetteranno degli eccessi, ma vi prego di considerare che il nerbo delle fanterie era composto di contadini, che chi há fatto la guerra sono stati i contadini.

<sup>70</sup> Noi fascisti siamo i primi a riconoscere, non già per cedere ad un senso di vile demagogia, che i diritti delle classi laboriose della nazione sono sacri e che tanto più sacri sono i diritti di coloro che lavorano la terra. E qui mi è grato pogere un vivo plauso ai fascisti ferraresi, i quali hanno intrapreso coi fatti e non con le chiacchiere insulse dei politicanti quella rivoluzione agraria che deve dare ai contadini, gradualmente, senza trapassi epilettici, il possesso definitivo della terra. Io incoraggio vivamente i fascisti ferraresi a proseguire su questa strada e ad essere all'avanguardia del movimento agrário fascista in tutta Italia.

trabalhista e servo do grande capital. O fascismo tenta novamente se aproximar da classe trabalhadora, elogiando as suas conquistas. Mas neste momento, como o público ouvinte era basicamente de camponeses, Benito foca nas conquistas camponesas e claro, na conquista da terra própria. Como no discurso para o operariado de Dalmine, novamente temos o elogio de Mussolini e a reação desses camponeses diante das propostas ditas por ele como “*conversas fiadas insossas da política*”, rejeitando-as e buscando, através do fascismo, a conquista de um pedaço de terra.

O projeto de Benito Mussolini para resolver os problemas dos camponeses mantinha o mesmo nome do projeto liberal durante a guerra, “*terre ai contadini*” (Terras aos camponeses); entretanto, novos *slogans* surgiram a partir desses, como “*La terra a chi lavora*” (A terra para quem trabalha nela) ou “*Il ogni campesino tutti il frutto del loro sacro lavoro* (A cada camponês todo o fruto de seu labor sagrado) (MANN, 2008, p.162). Esse plano diferenciava-se bastante do governista, pois abrangia um número maior de camponeses, não somente limitado aos ex-combatentes. Com isso, os camponeses, até aqueles com maiores dificuldades financeiras, viam uma chance de conquistarem uma terra para trabalhar.

Antes de Ferrara, com os acontecimentos do Vale do Pó – uma importante zona agrícola - podemos observar melhor a relação que o fascismo italiano estava construindo com os camponeses. O Vale do Pó era uma região controlada por grandes fazendeiros que exploravam os camponeses da região, empregando-os na época das colheitas, pagando-lhes os salários que acreditavam ser justos. Contudo a situação se inverteu com a chegada dos comunistas /socialistas. Estes começaram a organizar os trabalhadores rurais em um tipo de “sindicato”, abriram galpões onde os membros do movimento poderiam se comunicar com os camponeses e também negociar com os fazendeiros relações trabalhistas e o salário pago para os trabalhadores rurais. Caso o fazendeiro não concordasse com os termos, promoviam um boicote à fazenda. Mesmo que os galpões comunistas e seus líderes estivessem ali para tentar melhorar as condições dos trabalhadores rurais, os socialistas acabavam criando um efeito colateral aos camponeses, pois, quando o fazendeiro não aceitava os termos, eles também não conseguiam trabalho, e isso acabava frustrando-os. Também os comunistas dos galpões não resolviam para os camponeses a real fonte de seus problemas – a reforma agrária.

Sentindo-se acuados e sem ajuda do governo, os grandes fazendeiros buscaram ajuda dos fascistas para expulsarem os comunistas da região. Os *squadri* fascistas tomaram atitudes violentas para expulsar os comunistas da região e destruíram os galpões de trabalhos. Contudo, não foi somente o uso da violência que permitiu o triunfo dos Camisas Negras sobre os comunistas, mas também a promessa de terras, caso os camponeses ajudassem os Camisas Negras em sua cruzada punitiva contra os socialistas:

O êxito dos Camisas Negras no Vale do Pó não se baseou apenas na força. Os fascistas, além disso, davam a alguns camponeses o que estes mais queriam: trabalho e terra. Virando a mesa socialista, estabeleceram seu próprio monopólio sobre o mercado de trabalho agrícola. Dando a uns poucos camponeses um pequeno pedaço de terra doado por proprietários de visão, eles persuadiram grande número de camponeses em abandonarem a terra e os sindicatos socialistas. (PAXTON, 2007, p.111)

As terras eram dadas para os fascistas pelos grandes fazendeiros em forma de pagamento pelos seus serviços e esses repassavam aos camponeses, que os ajudaram a combater os socialistas. Logo, a falta de compreensão dos socialistas e dos comunistas sobre a mentalidade do camponês e de seus reais interesses fez com que o fascismo pudesse controlar os trabalhadores rurais ou, em outras palavras, os fascistas conseguiram uma base popular para o seu movimento.

No decorrer do discurso, Benito Mussolini lembrava a seus ouvintes os deveres que eles tinham com o movimento e com a Nação. Para isso, Benito utiliza as palavras de Giuseppe Mezzi, herói do *Risorgimento* Italiano, sobre a questão de “pegar” e “doar”. Essa ideia trabalhava com o que Mezzi entendia sobre as obrigações do Estado e de seu cidadão. Ele enxergava que o cidadão tinha o direito de “pegar” os instrumentos necessários para poder sobreviver e o Estado tinha o papel de garantir esses instrumentos, mas o cidadão também deveria corresponder ao chamado do Estado quando este precisasse, assim se “doando” sem querer algo em troca:

Nós fascistas não temos somente o verbo ‘pegar’: temos também o verbo ‘doar’, porque em certas horas, quando a pátria chama, seja essa ameaçada por um inimigo externo ou por um inimigo interno, nós então exigimos dos nossos membros e daqueles que são nossos simpatizantes, de estarem prontos para o sacrifício supremo. E vós, ó fascistas

ferrarenses, vós consagrastes com o martírio a ideia fascista. (MUSSOLINI, 1921, p.184)<sup>71</sup>.

Os camponeses fascistas de Ferrara pegavam as terras e o que precisassem para nelas trabalharem, mas agora eles necessitavam doar seus corpos e suas vidas não somente àqueles que conseguiram as terras para eles, mas para a nação, que estava ameaçada por um inimigo interno e que queria destruí-los<sup>72</sup>. Assim, eles, como Camisas Negras e cidadãos italianos, tinham a obrigação de se entregar ao sacrifício supremo.

Como era de se esperar, Benito Mussolini também buscou mitificar a vida do campesino. Como já demonstrado na seção, *O mito*, quando Benito Mussolini falava dos Romanos, ele lembrava que os legionários trabalhadores rurais, responsáveis pelo expansionismo do Império, eram praticamente camponeses e ao mesmo tempo, ex-combatentes; logo, fica claro que Mussolini queria fazer uma comparação entre os dois. Mas no discurso *Il Fascismo, ragione eterna della stirpe italiana* (O Fascismo, razão eterna da estirpe italiana) de 1921, Mussolini chama a atenção para a unidade nacional e sobre a origem do nacionalismo italiano, qualidades que Benito remete ao camponês, já que este é responsável por cultivar a terra que produz alimentos para o povo italiano e é nele que Benito Mussolini se enxerga. Logo, esses trabalhadores são, como o *Duce*, apaixonados pela pátria:

Ontem, enquanto o trem me levava a Bolonha, eu me sentia verdadeiramente identificado com as coisas e com os homens, me sentia ligado a essa terra, me sentia parte infinitesimal daquele magnífico rio que corre dos Alpes ao Adriático, me reconheci irmão dos camponeses, que tinham o gesto emancipado e grave daqueles que trabalham na terra: me reconheci no céu azul que suscitava a minha inextinguível paixão do voo, me reconhecia em todos os aspectos da naturalidade e dos homens. E agora, uma oração profunda que faz meu coração palpitar. É a oração que todos os italianos devem recitar quando as auras incendeiam o céu, quando os crepúsculos obscurecem a terra. Nós, italianos do século XX, nós que vimos a grande tragédia da conclusão nacional, nós que portamos no profundo de nosso animo a recordação de todos os nossos mortos, que são a nossa religião, nós, os cidadãos da Itália, fazemos um único

---

<sup>71</sup> Noi fascisti non abbiamo soltanto il verbo “prendere”: abbiamo anche il verbo “donare”, perchèin certe ore, quando la pátria chiama, sai essa minacciata da um nemcio(sic) esterno o da um nemico interno, noi allora esigiamo dai nostri aderenti e da coloro che sono nostri simpatizzanti, di essere pronti anche al sacrificio supremo. E voi, o fascisti ferrarensi, voi avete consacrato col martírio l’idea fascista.

<sup>72</sup> Ver, Capitulo II, seção I- subcapitulo 1 Socialismo

juramento, um único propósito: queremos ser apenas artífices modestos, mas tenazes da sua sorte presente e vindoura (*aplausos e ovações*). (MUSSOLINI, 1921, p.131)<sup>73</sup>

O homem do campo veio a se tornar a base popular que o fascismo precisava, representando 24,3% dos membros do movimento<sup>74</sup>. Ultrapassou, em número, os membros da classe operária e da classe média (funcionários públicos, comerciantes autônomos e estudantes) e permitiu também que o movimento se tornasse o terceiro maior da Itália, ficando atrás somente para o PSI e o PP.

A entrada dos camponeses nas fileiras do movimento fascista nos apresenta dois pontos muito importantes: o primeiro é a fragilidade com que os socialistas tentaram se aproximar dos camponeses, ignorando a cultura do homem do campo e tentando impor a realidade da cidade. Essa dificuldade, e certa teimosia por parte da diretoria do partido, marcou o que foi o socialismo do início do século XX. Mesmo os comunistas liderados por Gramsci, recém criados depois da divisão do PSI, não deram atenção ao camponês, deixando essa grande massa à mercê dos Fascistas.

O segundo, permite ver as modificações que o fascismo e Mussolini tiveram que realizar para conseguir que os camponeses aceitassem participar de seu movimento, que vão desde uma mudança da postura sobre a Igreja Católica, até a aceitação das tradições campesinas. Contudo, isso demonstra que realmente o fascismo se afastava de suas origens esquerdistas e cada vez mais caminhava para um tradicionalismo nacional, ou seja, o que marcou o governo de Benito Mussolini na Itália.

---

<sup>73</sup> Ieri mentre il treno mi portava a Bologna, io mi sentivo veramente speechiare com le cose e com gli uomini, mi sentivo legato a questa terra, mi sentivo parte infinitesimale di quel magnifico filme che corre dalle Alpi all'Adriatico, mi riconoscevo fratello nei contadini, che avevano il gesto scaro e grave di colui che lavora la terra: mi riconoscevo fratello nei contadini, che avevano il gusto scaro e grave di colui che lavora la terra; mi riconoscevo nel cielo azzurri che suscitava la mia inestinguibile passione del volo, mo riconoscevo in tutti gli aspetti della natura e degli uomini. Ed allora una preghiera che tutti gli italiani dovrebbero recitare quando le aurora incendiano il cielo o quando i crepuscoli obnubilano da terra. Noi italiani del secolo XX, noi che abbiamo venuto la grande trageia del compimento nazionale, noi che portiamo nel profondo del nostro animo il ricordo di tutti i nostri morti, che sono la mostra religione, noi, o cittadini d'italia, facciamo un solo giuramento, um solo proposito: vogliamo essere i soli artefici modesti, ma tenaci delle sue fortune presenti e avvenire(*applausi ed ovazioni*)

<sup>74</sup> GENTILE, Emílio, DE FELICE, Renzo. Trad. MURAD, Fátima Conceição. *A Itália de Mussolini e a origem do Fascismo*. São Paulo: Ícone. 1988, pg.25

Portanto, o público alvo do fascismo deixava de ser o operariado e o trabalhador urbano, para se dirigir ao camponês e ao interior da Itália, e isso era algo extremamente transformador do movimento.

No próximo subitem irá ser apresentada a última grande modificação por que o fascismo passou entre 1920 e 1921. Representa, a meu ver, umas das mais radicais estratégias tomadas por Benito Mussolini e permitiu que o fascismo entrasse de vez no mundo político italiano.

## **5. O fim do *Fasci di Combattimento* e o início do Partido Nacional Fascista.**

Os conflitos entre fascistas e socialistas se mantiveram entre os anos de 1920 e 1921. Quase que diariamente ocorriam tumultos nas ruas e praças públicas da maioria das cidades italianas. Muitos italianos, a começar pelo próprio governo, temiam que os conflitos aumentassem e pudessem chegar ao ponto de iniciar uma guerra civil. Ao mesmo tempo, uma nova eleição se aproximava e o partido de Giolitti, o Partido Liberal (PL), temia que o resultado da eleição anterior se repetisse, com a supremacia no número de votos para o Partido Socialista Italiano (PSI).

Para reverter esse quadro, a maioria dos diretores do PL acreditava que era necessário aliar-se aos fascistas e assim ganhar mais apoio das camadas trabalhadoras, com as quais não tinham diálogo. Os velhos políticos não estavam acostumados à política de massa, isto é, tratar a eleição diretamente com o povo, ao contrário dos socialistas, populares e fascistas, que tinham uma maior facilidade de tratar com o povo. Dentre eles, somente o fascismo não era visto como uma ameaça por Giolitti. Logo, a participação dos fascistas nas eleições ajudaria a barrar o avanço socialista:

Quando o primeiro-ministro Giolitti preparava novas eleições parlamentares para maio de 1921, lançando mão de todo e qualquer recurso que pudesse reduzir a grande votação alcançada em novembro de 1919 pelos socialistas e pelo *Popolari* (Partido Popular), ele incluiu os fascistas de Mussolini em sua coalizão eleitoral, lado a lado com os liberais e os nacionalistas. (PAXTON, 2007, p.97)

Contudo, para que os fascistas entrassem na disputa política ao lado de Giolitti, eles necessitavam legalizar-se enquanto partido político, ou seja, deveriam deixar de ser apenas um movimento. Deveriam também entrar em um acordo “de paz” com os socialistas. Essa



possibilidade chamou a atenção de Mussolini e de alguns diretores do movimento fascista; conseguir participar das esferas de poder, mesmo como deputado, era extremamente sedutor.

Entretanto, quando Mussolini aceitou o acordo com Giolitti, iniciou-se uma discussão interna no seu movimento e esses conflitos deveriam ser resolvidos antes que o *Duce* desse o próximo passo. Para isso, ele decide reunir na capital italiana os principais membros do movimento fascista, em um encontro que ficou conhecido como “pacto de paz”. Essa reunião pôs o fim na era do fascismo movimento, dando início à era do fascismo como partido político.

Dentre outras modificações já comentadas aqui neste trabalho, essa transformação foi uma das mais complexas, pois atingiu o movimento como um todo, tanto na sua base quanto nas camadas superiores. Devemos lembrar que o fascismo, quando surgiu, apresentou-se como um movimento que não se envolveria com os partidos políticos, pois achava que os homens da política eram mentirosos, fracos e corruptos e que a política não era o caminho da mudança e sim da permanência. Meses antes de ser chamado por Giolitti, Benito Mussolini ainda havia afirmado em seu discurso que “Não somos um partido: somos uma academia de homens livres” (MUSSOLINI, 1921, p.131)<sup>75</sup>.

Mas o que fez Mussolini repensar e mudar sua opinião, além da chance de estar realmente no governo? O que ele fez para convencer, se não todos, pelo menos boa parte de seus companheiros? E o que se propunha a fazer agora que entrava de vez no campo da política? É importante ressaltar que, diferentemente dos outros capítulos e seções deste trabalho, este conta com somente um discurso muito curto, exatamente três páginas, onde se apresentam os motivos para a mudança repentina de opinião sobre política.

Mussolini reuniu os principais líderes dos *fasci* de toda a Itália para explicar os rumos que o movimento tomaria nos anos que viriam. Inicialmente, tenta expor o porquê da necessidade de fazer um acordo com os socialistas e, principalmente, a preocupação em transformar o movimento político em um Partido. Em primeiro lugar, Benito Mussolini tentava demonstrar para seus colegas o perigo que representaria a recusa em introduzir mudanças no ideário do movimento:

---

<sup>75</sup> Non siamo un partito: siamo una palestra di uomini liberi.

Apesar de certo inegável recrudescimento dos ataques comunistas- típicos e crudelíssimos, entre outros, aqueles de Florença, de Carrara e de Grosseto- nós pensamos que iniciava-se o epílogo da guerra civil, e que não está longe o dia em que será escrita a palavra ‘fim’ a este capítulo de nossa história. (DE FELICE, 2004, p.74)

Mesmo defendendo abertamente o uso da violência como forma de atingir seus objetivos, Mussolini, nesse momento, tenta passar para os membros do movimento que o uso da violência não era algo sempre necessário, e que era fundamental chegar a um acordo de paz com os socialistas, o que era extremamente importante para manter a civilização italiana intacta: “A guerrilha civil não pode, não deve se tornar uma espécie de característica da vida italiana porque, caso contrário, a Itália não teria para si um glorioso futuro de grandeza, que nós ansiamos e preparamos, mas teria um futuro tenebroso e sanguinário”(DE FELICE, 2004, p.74).

Os comunistas não aceitaram assinar os acordos de paz com os fascistas e fizeram duras críticas aos socialistas por terem estabelecido os acordos, chamando-os de traidores, por trabalhar com os inimigos e não fazer a pura revolução social: “O Partido Comunista não aceitou transação alguma com o ‘fascismo’. Os ‘fascistas’ não se desarmarão, portanto, contra os comunistas” (MARIÁTEGUI, 2010, p.180). Portanto, o Partido Comunista Italiano manteve os ataques físicos aos membros do fascismo.

Não foram somente os movimentos de esquerda que sofreram um racha ideológico; alguns membros, e até mesmo alguns diretores do *fasci di combattimento* não apoiaram os rumos que o movimento estava tomando, começando a não obedecer o pedido do *Duce* e mantendo os combates em suas regiões: “Começou então a insurreição do ‘fascismo’ contra seu líder, a qual mais tarde, por causa do tratado de paz, iria originar a crise atual” (MARIÁTEGUI, 2010, p.180).

Esse ato demonstrou, pela primeira vez, uma ação de indisciplina por parte das tropas de Benito Mussolini e isso o deixou preocupado com o futuro que tentava traçar para o fascismo: “chega, todavia, a concluir que aqui começa o espetáculo triste da indisciplina fascista” (DE FELICE, 2004, p.74).

Os atos de indisciplina também colocavam em dúvida a imagem que Mussolini construiu em torno do seu movimento. Em seus discursos, ele sempre defendeu que a disciplina era o

centro de seu movimento e a falta de disciplina sempre seria punida. Benito acreditava que precisava se livrar desses membros se quisesse modificar a situação encontrada. Como podemos ver, as modificações ideológicas do fascismo eram comuns; contudo, todas as modificações até aqui apontadas não atingiam a base ideológica mais importante do fascismo: a de se manter apolítico, o que atingia diretamente os principais seguidores do fascismo italiano, os ex-combatentes. Quando o movimento *fasci di combattimento* surgiu, ele se propunha a ser um norte para os ex-combatentes da Primeira Guerra Mundial e, para atraí-los, Benito Mussolini afirmava que seu movimento não participaria de nenhum partido político. A notícia de que o fascismo estava planejando se tornar um partido político e se aproximar dos liberais e socialistas, fez com que muitos dos ex-combatentes começassem a duvidar de seu líder e passassem a enxergá-lo como um traidor.

Benito Mussolini precisava reverter a situação se quisesse continuar com o projeto de transformar seu movimento em um partido. Primeiro, precisava se livrar dos Camisas Negras, que se mantinham indisciplinados; porém, ao invés de expulsá-los do movimento, Benito teve uma atitude mais radical: pediu demissão do cargo de chefe do movimento *fasci di combattimento*:

Ninguém que havia seguido um pouco de perto os maiores e recentes eventos do fascismo italiano, pôde se surpreender com o anúncio de que eu havia pedido a minha demissão de membro da Comissão executiva do Fasci Italiano de Combattimento. Demissão que vou manter. Tudo aquilo que aconteceu nestes últimos tempos, é uma pequena comédia política, que se enxerta a uma grande tragédia nacional e humana, o que me dá motivo de profunda Melancolia. (DE FELICE, 2004, p.84)

A saída de Mussolini do movimento *Fasci* causou uma repercussão imensa dentro do movimento, já que sua figura era de extrema importância. Além disso, a saída do *Duce* acarretou a saída de outros membros importantes do movimento, que preferiram seguir Benito em sua nova empreitada na política italiana.

O segundo passo que Mussolini impôs a si mesmo e ao seu novo partido foi desqualificar seus antigos membros e separar a imagem do Partido Nacional Fascista do *Fasci di Combattimento*. Inicialmente, Mussolini denigre a imagem de seus antigos aliados, qualificando-os de anárquicos, chegando ao ponto de elogiar os socialistas por terem mais disciplina que seus

homens: “No campo socialista - como Mussolini o assinala e elogia -, o tratado de paz foi obedecido,” (MARIÁTEGUI, 2010, p.180). Além disso, o *Duce* acreditava que mudanças eram necessárias e que o fascismo precisava passar por uma transformação, já que o mundo de 1921 não se comparava àquele de 1919, ano que iniciou o seu movimento:

A Itália de 1921 é fundamentalmente diversa daquela de 1919. O que é demonstrado mil vezes. Não necessitava que o fascismo tivesse o ar de vontade de monopolizar exclusivamente pelo direito desta profunda revolta nacional: basta contar o fascismo entre as forças mais potentes e disciplinadas que tem operado naquela direção. Assim delimitamos o nosso mérito, nenhum homem de nenhum partido pode condená-lo. (DE FELICE, 2004, p.74)

Se o mundo em torno do movimento estava mudando, havia a necessidade do movimento também tomar o mesmo caminho, buscar e renovar as ideias que aparecessem. Essas ideias aparecem a Benito Mussolini como algo essencial; portanto, esses homens que se rebelaram e discordaram do *Duce*, não representavam esse futuro que Mussolini queria construir. Para ele, esses homens haviam ficado presos nesse passado de 1919, acreditando ainda na guerrilha e na revolução por meio das armas “Esse atraso ideológico” acabava impedindo o fascismo de se transformar e chegar até aonde ele poderia ir, na visão de Benito Mussolini. Então, o Partido Nacional Fascista não era o local para esse tipo de homens.

Benito aproveita-se do fato de que a maioria da diretoria do *fasci di combattimento* deixou o movimento junto com ele para fazer a votação que permitiria a criação do PNF, mesmo com um número reduzido de membros: “A enorme maioria do congresso se disse favorável a constituir o fascismo em um partido” (DE FELICE, 2004, p.98).

O novo partido político tomava forma a partir das bases ideológicas do movimento, alterando alguns pontos para não cair em contradição. Uma das questões que necessitava ser alterada era a negação da política, que o movimento tanto defendeu. No *Programma del Partito Nazionale Fascista* (Programa do Partido Nacional Fascista) temos um fato interessante: logo nas primeiras linhas do programa encontramos essa passagem: “O Estado é a encarnação jurídica da Nação. Os institutos políticos são formas eficazes no que diz respeito aos valores nacionais de expressão e tutela” (DE FELICE, 2004, p.92).

Portanto, neste momento, Benito Mussolini e os outros diretores fascistas enfatizam a importância do movimento político e das instituições políticas, essa fala seria inimaginável nos anos de 1919 e 1920, pelo fato do fascismo se apresentar como um movimento apolítico, contudo como foi demonstrado, no final de 1921 e início de 1922, o fascismo estava entrando na lógica política e da eleição, logo Mussolini quer modificar a visão que seu movimento tinha sobre as instituições políticas, dando a elas a uma das maiores responsabilidades, tutelar a cultura nacional. .

Nesse momento, a diretoria do PNF tenta se livrar de todo o passado apolítico de seu movimento e substituí-lo por uma ideologia nova, na qual afirmavam que o fascismo sempre tinha feito parte do movimento republicano e que sempre defendeu nas bases de seu movimento a ideologia republicana: “Mussolini: a de que o ‘fascismo’ era tendencialmente ‘republicano.’” (MARIÁTEGUI, 2010, p.180).

Com essas mudanças, Benito Mussolini pretendia, além de alterar a ideologia de seu novo partido, mudar também a base de seguidores de seu movimento. Por outras palavras, passar uma “peneira” e deixar somente os membros que decidissem se filiar ao PNF, pois, mesmo com a modificação na postura sobre política, o novo partido mantinha as bases ideológicas do antigo movimento. A questão de um exército particular, a violência como método de atingir fins que interessam ao Partido Nacional Fascista, e a disciplina (mas desta vez defendida com mais rigidez, em decorrência dos atuais acontecimentos), se mantiveram as mesmas:

Quem viu desfilar pela estrada da capital os formidáveis cortejos nos quais todos os fascistas estavam com uniformes militares em cinza-verde, em momentos com capacetes, terá certamente relatado a impressão de que o Partido Fascista não é apenas uma organização política, mas antes uma organização, de certo modo, militar. (DE FELICE, 2001, p.98)

A base de ex-combatentes também se mantinha a mesma; contudo, com um número bem reduzido, em razão saída da grande maioria, após os acordos de paz. Mas, os ex-combatentes que abandonaram a base, acabaram substituídos por jovens que se aproximavam do fascismo e do ideal de se sacrificar pela Itália, o que permitiu que, cada vez mais, a imagem do fascismo se aproximasse de um movimento (e agora partido) ligado aos jovens. E esse novo público agradava Benito Mussolini: “Na assembleia, uma coisa imponente, e composta em sua maior

parte de jovens novos que discutiam, eram inevitáveis momentos de tumultos e de clamor; mas a verdade é que o congresso fascista não havia visto cenas de violências pugilistas que se encontraram nos anais dos outros congressos.” (DE FELICE, 2001, p.346).

Mesmo com os grandes atos de violência que os fascistas fizeram durante os congressos fascistas, Benito Mussolini não descarta as atitudes violentas no futuro de seu partido. Na verdade, acredita que elas ainda serão necessárias, já que mesmo fraco, o inimigo (socialistas e comunistas), permanecia ainda vivo: “O fascismo continuará a ser uma força negativa, no sentido de que estamos sempre prontos a manter a luta violenta contra a forma violenta de luta dos partidos antinacionais.” (DE FELICE, 2001, p.346). Por fim, Mussolini conseguiu o que desejava: criar um partido político. “O congresso obteve o fundamental: liquidar o passado; definir o programa do fascismo; constituir o fascismo em um partido.” (DE FELICE, 2001, p.345)

Portanto, a transformação do movimento de cunho político em um partido político teve um alto custo para Mussolini e sua diretoria. A revolta de grande parte dos diretores fascistas punha em dúvida a capacidade que Benito Mussolini tinha em disciplinar seus homens e de gerir um governo. Contudo, na visão do próprio *Duce*, era necessário mudar e dar um passo a mais para dentro da política italiana e Giolliti lhe deu o caminho para isso. Mas o primeiro-ministro italiano acreditava que, desta forma, o fascismo seria domado e entraria na lógica política; mas isso não ocorreria.

## Capítulo III

### **“Roma ou a Morte”: os quatro últimos discursos que antecederam a Marcha sobre Roma.**

Logo após o fascismo se tornar um Partido Político, Benito Mussolini e mais alguns membros do partido assumiram cargos de deputados no parlamento italiano. Entretanto, o fascismo italiano não deixou as práticas violentas de lado, mas foi além, chegando ao ponto de ocupar cidades inteiras:

No decorrer de 1922, os *squadristi* exacerbaram sua atuação, passando de saques e incêndios de sedes socialistas locais, escritórios de jornais, bolsas de trabalho e residências de líderes socialistas para a ocupação violenta de cidades inteiras, sem que as autoridades opusessem resistência séria a sua ação. (PAXTON, 2007, p.151)

O fascismo italiano estava abrindo caminho para a tomada do poder; Benito Mussolini percebia isso e já visava à forma de como chegar a ele. Antes de chegar ao cargo de primeiro ministro da Itália, Benito Mussolini pronunciou quatro discursos em quatro cidades diferentes. O conjunto desses discursos ficou conhecido como *Discursos da Revolução*, e eles me permitiram compreender o que era esse fascismo de 1922 e o que se modificou depois da transformação do *Fasci di Combattimento* no Partido Nacional Fascista (PNF). É a partir deles que parto para o último capítulo do meu trabalho.

#### **1. O Programa Fascista de 1922.**

O fascismo italiano chega em 1922 com a mesma mentalidade de 1919, negando qualquer forma de programa que venha a surgir: “O nosso programa é simples: queremos governar a Itália. Pergunta-se: ‘programa’? Mas de programas estamos nós fartos. Não são os programas de salvação que faltam à Itália: - são os homens e a vontade!” (MUSSOLINI, 1995, p.12).

Em todos os outros discursos do mesmo ano, a questão de construir um programa está fora de cogitação. No entanto, Benito Mussolini acaba trabalhando alguns pontos que deveriam ser priorizados caso chegasse ao poder. Indiretamente, o que Benito Mussolini estava fazendo

era desenvolver um programa de governo, mesmo que negando. Os pontos que mais se destacam nos três primeiros discursos são: o sindicalismo fascista, a união nacional através do Estado e a política externa.

O sindicalismo fascista era a solução encontrada por Benito Mussolini para a questão trabalhista. Para explicar melhor essa questão, voltemos um pouco ao passado do *Duce*. Após ter sido expulso do PSI, Benito começa a se aproximar dos sindicalistas que não viviam sob a tutela dos socialistas. É exatamente neste contexto que aumenta seu contato com o sindicalista e filósofo francês George Sorel<sup>76</sup>.

Sorel acreditava que o Estado deveria ser gerido como um grande sindicato e controlar toda a produção que se encontrava no país, tanto no campo industrial quanto no campo da agricultura. Nesse momento não temos ainda noção da totalidade que se tornaria o sindicato fascista, aquele sindicato único controlado pelo movimento: “em outros termos, mão de obra, técnicos e empregadores deviam ser enquadrados em estruturas sindicais interclassistas, divididas por categorias produtivas, com o objetivo de subordinar os interesses das classes aos da nação.” (CARNEIRO; CROCI, 2010, p.394).

Temos, então, uma amostra do que ele seria. Pela fala de Mussolini, não se diferenciaria tanto dos sindicatos socialistas: “Tivemos que fazer sindicalismo e o fizemos. Diz-se: ‘o nosso sindicalismo acabará por ser em tudo e por tudo semelhante ao sindicalismo socialista; pela força das coisas tereis que perfilhar a luta de classes.’” (MUSSOLINI, 1995, p.10).

Contudo, no decorrer do discurso, Benito Mussolini adverte que seu sindicato se diferenciava em um ponto dos sindicatos socialistas: buscar não a luta de classe, mas a integração das forças trabalhadoras em um bloco de cooperação com o Estado-Nação: “Contudo, o nosso sindicalismo diverge dos outros porque nós, por princípio nenhum, admitimos a greve nos serviços públicos. Somos pela colaboração das classes, especialmente num período, como o atual, de crise econômica agudíssima.” (MUSSOLINI, 1995, p.10). Como já citado anteriormente nesse trabalho, mais especificamente na seção *O operariado italiano*, os fascistas

---

<sup>76</sup> Engenheiro francês, nascido em 1847, largou seu trabalho para se dedicar exclusivamente à filosofia social e ao sindicalismo e, mesmo se aproximando bastante do socialismo, também “flertava” com escritores monarquistas de extrema direita, apoiava atitudes violentas como meio para atingir um fim, odiava o parlamento e a dominação política da Burguesia; morreu em 1922, mas antes havia escolhido Benito Mussolini como o seu principal pupilo.



acreditavam que a classe trabalhadora italiana deveria sacrificar parte de seus direitos, principalmente o direito à “greve total”<sup>77</sup>, já que o atual momento econômico que a Itália estava atravessando era muito complicado.

Como também já foi discutido aqui, o fascismo italiano continuou sendo tachado de anti-trabalhista e contrário à massa trabalhadora italiana, por defender uma cooperação entre patrões e trabalhadores. Em contrapartida, Mussolini parte em defesa de seu movimento no discurso de Cremona, onde ele tenta demonstrar que existe uma relação muito forte entre os fascistas e os trabalhadores:

Só canalhas e criminosos podem chamar-nos inimigos das classes laboriosas, a nós, que somos filhos do povo; a nós, que conhecemos a rude fadiga dos braços; a nós, que temos sempre vivido entre gente de trabalho, infinitamente superior a todos os falsos profetas que pretendem representá-la! Mas justamente porque somos filhos do povo, não queremos enganar o povo; não queremos mistificá-lo, prometendo-lhe coisas irrealizáveis; tomamos simplesmente o compromisso solene e formal de os proteger nas reivindicações dos seus justos direitos e dos seus legítimos interesses. (MUSSOLINI, 1995, p.16)

Para dar razão a essa afirmação, Benito Mussolini se utilizava de seu passado, sobretudo a sua infância. Benito nasceu em uma família pobre, seu pai era um ferreiro e sua mãe uma professora, por isso o *Duce* se colocava de maneira a entender os desejos da classe trabalhadora, e que se importava com ela, já que tinha a mesma origem e se orgulhava disso. No entanto, boa parte da alta cúpula do partido socialista não vinha da classe operária, e sim da classe média. Logo compreenderemos por que ele diz que protege a classe trabalhadora dos “falsos profetas que pretendem representá-la”.

Continuando no discurso sobre o sindicato fascista, Benito Mussolini adverte a burguesia de que, mesmo com os esforços que a classe trabalhadora faria para ajudar o crescimento da indústria (ou da fazenda), ajudando assim indiretamente uma melhora econômica do Estado Nação, os patrões não tinham o direito de explorar a sua mão de obra, mas sim o dever de garantir a seus empregados um trabalho digno com uma remuneração correta.

---

<sup>77</sup> Isto é, direito a parar a produção, invadir as fábricas e piquetes.

Mas é forçoso dizer, com a mesma sinceridade, que os industriais e os patrões não devem explorá-los, porque há um limite além do qual não se pode passar: e esses mesmos industriais e patrões, numa palavra a burguesia, deve convencer-se que à Nação pertence também o povo que trabalha, e que não é possível imaginar-se a grandeza da Nação se esta massa que trabalha vive ociosa e inquieta. (MUSSOLINI, 1995, p.10)

Mas, se observarmos bem, os dizeres de Benito Mussolini de 1922 lembram bastante o discurso pronunciado para os operários de Dalmine. Esse caso pode ser tratado como uma permanência dentro do discurso e da ideologia fascista. No discurso de Udine há, porém, uma diferença em relação ao anterior, pois, em 1919, a palavra *sindicato* nem havia sido citada e por um motivo: naquela época Benito Mussolini não promovia seu movimento para chegar ao poder.

As falas do *Duce* no primeiro discurso procuravam atrair um público para se “alistar” em seu movimento. Já na fala atual, fica mais clara a intenção de construir, mesmo Mussolini negando, um programa para resolver o problema trabalhista na Itália, deixando mais clara a intenção de tomar o poder político para si.

A criação do sindicato tinha também como função “domesticar” tanto os trabalhadores quanto as burguesias industriais e campestres, que, nos dizeres de Benito Mussolini, estavam contaminadas pelas lógicas liberal e socialista: “Pelo contrário, pode ser que tenhamos de impor aos italianos uma disciplina mais dura e maiores sacrifícios. Imporemos essa disciplina e esse sacrifício tanto à burguesia como ao proletariado, porque, se o proletariado está infectado, a burguesia está-o ainda mais.” (MUSSOLINI, 1995, p.19). A questão da disciplina, como veremos mais adiante, volta a se tornar algo mais recorrente nos discursos de Mussolini, demonstrando preocupação para que os acontecimentos da “pacificação fascista” não voltassem a ocorrer.

O sindicato fascista foi uma tentativa dos diretores do movimento para tentar conter a exigências das classes operárias e camponesas italianas, mas, ao mesmo tempo, tentava dar um pouco de dignidade para esses trabalhadores. Não foi à toa que essa criação ficou nas mãos dos fascistas mais radicais, aqueles que enxergavam que o movimento faria uma revolução nacional, acabando com a luta de classes e ao mesmo tempo criando uma nação que serviria a todos os cidadãos italianos:

Contra o trabalho, a justiça e a cultura ainda agem forças ocultas e manifestas; mas nós faremos como Corridoni<sup>78</sup>: nós iremos nos opor aos aproveitadores obstinados e a todos aqueles que querem parar a marcha da revolução, a força operante do sindicalismo fascista, a união entusiasmada de todos os jovens (...) O nacionalismo sadio, a tradição esplendorosa do nosso *Risorgimento* apoiava Corridoni no movimento proletariado. (CARNEIRO; CROCI, 2010, p.397)

O próximo ponto que esses discursos nos apresentam é a nova compreensão que Mussolini adquire sobre o tema Estado e Nação. Essa transformação ocorre quando o fascismo deixou de ser movimento para ser um partido político. Portanto, as intervenções sobre o tema Estado-Nação foram diretamente relacionadas a essas modificações que o fascismo havia sofrido. Porém, antes de começar a falar do discurso, vamos discutir o tema Estado- Nação.

Como é sabido, a ideia de Estado-Nação moderna surgiu após a Revolução Francesa “... ‘nação’ demandaria o direito à autodeterminação, o que, em última análise, significa o direito a um Estado independente soberano separado em seu território.” (HOBSBAWM, 2004, p.126).

Por outras palavras, dificilmente conseguiremos separar o Estado da Nação e vice-versa, já que ambos se explicam e se completam. O fascismo movimento havia construído um grande mito em torno da ideia de Nação, colocando-a no centro de seus interesses e de seus ideais, chegando mesmo a elevá-la ao ponto de símbolo máximo de uma religião. Em contrapartida, dificilmente tratavam a questão do Estado com a mesma intensidade.

Contudo, com a criação do PNF, a diretoria do fascismo passou a perceber a importância que esta instância tinha para a sobrevivência da Nação; será a partir dos discursos de 1922 que Mussolini transmitirá ao público sua preocupação com a criação do Estado Italiano.

O desacordo é entre a Nação e o Estado. A Itália é uma Nação. A Itália não é um Estado. A Itália é uma Nação, porque dos Alpes à Sicília há uma unidade fundamental de costumes; há unidade fundamental de língua, de religião. A guerra de 15 a 18 consagra todas estas unidades; e se estas unidades formidáveis bastam para caracterizar a Nação, a Nação italiana existe: cheia de esperanças, potentíssima, lançada para um destino glorioso... Mas à Nação deve dar-se um Estado - e o Estado não existe. (MUSSOLINI, 1995, p.19)

---

<sup>78</sup> Felippo Corridoni foi um sindicalista revolucionário que morreu em combate durante a Primeira Guerra Mundial. Sua figura foi sacralizada por Mussolini, que a utilizava quando queria atribuir ao seu movimento uma origem revolucionária.

Mesmo modificando a crítica, o alvo permanecia o mesmo. Para o *Duce*, a ideia da Nação italiana existia (a terra, o povo, a língua, a cultura e identidade); no entanto, o Estado italiano, por culpa exclusiva dos liberais, era praticamente inexistente. Para Mussolini, após os acontecimentos da Primeira Guerra Mundial, na Itália, não existia mais espaço para os políticos liberais e nem sua forma de política, pois eles não compreendiam aqueles homens que voltaram dos campos de batalha:

Há uma Itália que vós, governantes liberais, não podeis compreender! Não a compreendeis pela vossa mentalidade atrasada, não a compreendeis pelo vosso temperamento estético, não a compreendeis porque a política parlamentar vos secou o espírito! A Itália que vem das trincheiras é uma Itália forte, uma Itália impetuosa e cheia de vida! (MUSSOLINI, 1995, p.20)

Por essa razão, para que houvesse novamente um Estado dentro da Nação, era necessário que os fascistas assumissem como governantes, não somente para purificar a instituição e as outras que são ligadas a ela, mas também para reorganizar todo o Estado, criando assim um “Estado Novo”. O trecho a seguir remete a um caso de uma ocupação de uma cidade italiana que havia permanecido, antes da guerra, sob domínio do Império austro-húngaro<sup>79</sup>:

Estamos no campo da lei e do direito italiano. Quem os tutelou? O Fascismo! Quem impôs a italianidade numa cidade que deve ser italiana? O Fascismo! Quem expulsou esse Perathoner<sup>80</sup> que durante quatro anos manteve em sobressalto cinco ministérios italianos? O Fascismo, que deu uma escola aos italianos, um sentido de dignidade aos italianos no Alto Ádige! Quem colocou o busto do Rei na escola oficial (o Rei, ao passar por Bolzano, tinha-se esquecido: evidentemente não se ocupava disso)? O Fascismo! (MUSSOLINI, 1995, p.19/20)

Nesta passagem, se rediscute o papel que o Estado exerce na Nação. Como podemos observar, há vários trechos que já foram debatidos anteriormente, enquanto o fascismo ainda era um movimento. Podemos então compreender que, mesmo com as modificações, alguns aspectos que haviam surgido à época do *fasci di combattimento* se mantiveram no PNF. Isto se aplica à demonstração dos ideais imutáveis do fascismo, o ódio ao liberalismo e ao socialismo, a devoção à Nação, e agora ao Estado, e a defesa dos ex-combatentes, pois foram estes os criadores do

<sup>79</sup> Foram nessas cidades da fronteira da Itália que o fascismo se desenvolveu mais fortemente.

<sup>80</sup> Julio Perathoner, político austro-húngaro mas que se tornou cidadão italiano após os tratados que acabaram com a Primeira Guerra Mundial, foi prefeito da cidade de Bolzano, mas por ser estrangeiro e opositor do fascismo foi deposto de seu cargo pelos camisas negras.

movimento, mesmo que essa relação estivesse abalada com os atos de indisciplina no final de 1921.

Outro ponto que reaparece nos discursos de 1922 é como o fascismo se portaria em relação à política externa? Esse assunto voltou a se tornar popular nos discursos fascistas quando, no final de 1920, o Reino da Itália assinou um tratado com os países que viriam a formar a Iugoslávia. Nesse acordo, a Itália se comprometia a abrir mãos das exigências territoriais, em troca de algumas pequenas cidades e do direito de que seus habitantes pudessem escolherem a cidadania italiana ou iugoslava. Esse acordo não foi bem recebido pelos fascistas, que o enxergavam como a rendição de seu governo às pressões externas:

Isto é simples. Isto é claro. Nós queremos que a Itália se torne fascista porque estamos fartos de vê-la governada no interior por princípios e por homens que oscilam continuamente entre a negligência e a vileza; e estamos, sobretudo, fartos de vê-la considerada no estrangeiro como uma nação desprezível. (MUSSOLINI, 1995, p.17)

A crítica aos Liberais é acompanhada nesse momento pelo temor do que, na visão de Mussolini, se configurava como uma política internacional desastrosa que o Império Britânico estava produzindo. Para ele, a paz do pós-guerra estava sendo muito mal administrada, pois os países que foram derrotados no conflito não estavam sofrendo as perdas necessárias para enfraquecê-los, principalmente na questão militar. Para o *Duce*, forçar a criação da Iugoslávia não diminuiria a força dos austríacos, pois, a seu ver, os estados que compunham o novo país manter-se-iam ainda leais aos antigos imperadores. Não era somente a Áustria que preocupava Benito Mussolini, mas também a Alemanha e a Rússia, fugindo um pouco das discussões envolvendo a Rússia e a revolução socialista.

Em seu discurso o *Duce* fala sobre o perigo de uma guerra próxima, provocada pela Rússia em conjunto com a Alemanha. Sua tese tinha base nos acordos firmados em abril de 1922 entre a Alemanha (da República de Weimar) e a Rússia (URSS), na cidade de Rapallo na Itália. Esses acordos aproximavam os dois países e Benito acreditava que a Rússia poderia armar os alemães, a fim de ajudá-los, talvez, em um futuro conflito com as potências ocidentais. Isso não seria novidade, já que a Rússia, em conjunto com a França, armou Kemal Pachá, general do Império turco-otomano, que se rebelou e derrubou o último Imperador, instalando uma república na Turquia:

A Inglaterra também neste momento revela a mentalidade mercantil de um império que vive dos seus rendimentos e detesta qualquer esforço de sua iniciativa que lhe custe sangue. Apela para os Domínios, para a Iugoslávia e para a Romênia. Por outro lado, se as coisas se complicam neste sentido, vereis despontar o eterno e indestrutível cossaco russo, que muda de nome, mas não muda de alma. Quem armou a Turquia de Kemal Pachá? A França e a Rússia. Quem pode armar a Alemanha do futuro? A Rússia. Afortunadamente, para atingir os objetivos da nossa política externa, ao lado de um exército de tradições gloriosas, o exército nacional, está o exército fascista. (MUSSOLINI, 1995, p.11)

Logo, a única forma de garantir a integridade e a paz era através de um exército poderoso, que não serviria apenas para proteger seu país e seu cidadão, mas, no caso defendido aqui por Mussolini, garantiria a paz no continente Europeu. Esse acordo foi chamado por ele de “paz da espada”, isso é, forçar um acordo de paz através da força bruta; para tanto, Benito se baseava em um antigo provérbio romano onde se diz: “No fundo os romanos tinham razão: ‘Se queres a paz, prepara-te para a guerra’” (MUSSOLINI, 1995, p.15)

Dentre as propostas que Benito Mussolini propunha, caso seu partido governasse a Itália, vê-se claramente que pouco se alterou das que ele havia defendido no passado, enquanto o fascismo não passava de um movimento político. A falta de modificação confirma o que Mussolini havia dito quando criou o PNF, de que nada se alteraria dos planos originais, que continuaria defendendo aquilo em que acreditava e que havia proposto, e que o fascismo continuaria na sua missão de salvar a pátria daqueles que a queriam destruir, visando estar no controle do Estado para assim ter um maior controle sobre a Nação: “que o fim do Fascismo é fazer dela um todo orgânico dentro da Nação.”

## **2. Viva a Casa de Savoia e Viva o Rei!!!!**

A monarquia italiana era uma das poucas instituições governamentais que se salvava das pesadas críticas que se faziam ao governo. Mesmo assim, houve movimentos que criticaram o papel do rei durante os momentos mais delicados por que a Itália passava. Dentre esses movimentos estava o *fasci di combattimento*, que questionava a capacidade mental do rei Vittorio Emanuele II em razão de ter escolhido, em 1919, como primeiro ministro, o velho Giolliti.

Além das críticas pessoais, lembremos que Benito Mussolini também criticava a instituição da monarquia, levantando dúvidas sobre sua necessidade em vista do atual momento político italiano. Benito acreditava que a Monarquia deveria acabar, já que era um instrumento do velho mundo e não cabia mais no novo mundo que a guerra criou. Contudo, esse tipo de pensamento do fascismo se modificaria em 1922, principalmente porque, nessa época, o *Duce* adquire um maior conhecimento sobre a figura do rei:

Quanto à monarquia, declarou em 1919 que ‘o atual regime fracassou na Itália’. Em 1920, ele amenizou seu republicanismo inicial, reduzindo-o a um agnosticismo que melhor servisse aos interesses morais e materiais da nação. Em um discurso de 20 de setembro de 1922, negou publicamente qualquer intenção de questionar a monarquia ou a casa de Sabóia. (PAXTON, 2007, p.113/114)

Quando surgiu a ideia de unificar a Itália, um dos maiores adeptos dessa ideia foi o Rei Vittorio Emanuele, da casa de Savoia. O apoio dado pelo Rei foi além de apenas fornecer um local para que as reuniões fossem feitas e as ideias discutidas; garantiu também o apoio militar de que o movimento precisava. Dentre todos os reinos italianos na época, o de Savoia dispunha do exército mais bem equipado e preparado. Isso porque, na era napoleônica, foi um dos poucos reinos a sobreviver à invasão da Itália pelas tropas francesas. Logo, o apoio às campanhas do sul foi de grande ajuda para que Garibaldi pudesse tomar, em nome de Emanuele, o reino das duas Sicílias, em 1861. No mesmo ano se criou o Reino da Itália e Vittorio foi seu primeiro rei, tornando-se então Vittorio Emanuele I Rei da Itália.

A instituição da monarquia italiana se tornou um símbolo de união entre todos que compartilhavam a mesma língua e cultura. O rei Vittorio Emanuele I foi substituído pelo rei Umberto I, mas seu reinado foi muito curto, interrompido por um assassinato. Ele foi substituído pelo seu filho único, o Rei Vittorio Emanuele II, também conhecido como o Rei Soldado e o Rei Vitorioso, pela sua participação com os comandantes militares italianos durante a Primeira Guerra Mundial. Foi o rei que também ficou mais tempo no trono.

Depois de passar rapidamente sobre as origens da monarquia moderna italiana, abordaremos a importância dos discursos que citam a figura monárquica; no primeiro, intitulado *Monarquia e Revolução Fascista*, Mussolini diz o que será dessa instituição depois que o fascismo chegar ao poder:

Deixaremos, pois, de lado, fora do nosso fogo que terá alvos diferentes, bem mais visíveis e formidáveis, a instituição monárquica. Pensamos mesmo que grande parte da Itália veria com desconfiança uma transformação do regime. Teríamos talvez o separatismo regional, visto que sempre assim sucede. Muitos que são hoje indiferentes em face à monarquia, seriam amanhã simpatizantes favoráveis e encontrariam motivos sentimentais respeitáveis para atacar o Fascismo, se ele tivesse ferido esse alvo. (MUSSOLINI, 1995, p.13/14)

A postura de Mussolini já se modifica em relação àquela de 1919, quando Benito acreditava que a monarquia era um regime ultrapassado. A modificação parece partir de uma preocupação em abalar demais as figuras já conhecidas da sociedade italiana, temendo até uma possível revolta contra seu regime em nome do Rei.

Era algo extremamente possível de acontecer, pois um caso semelhante havia ocorrido na Espanha, quando invadida pelas tropas napoleônicas: a figura do rei Fernando VII era desqualificada pelos intelectuais espanhóis: entretanto, quando ele foi deposto para a entrada do irmão de Napoleão, todos os espanhóis, mesmo os contrários às monarquias, iniciaram uma luta para que Fernando pudesse voltar a ocupar o trono.

Mesmo que a figura de um rei seja odiada, ela ainda é um dos símbolos que mantém a nação unida. Como já discutido, muitas das regiões que compunham a Itália não se sentiam unidas, principalmente o Sul e o Norte, mas a figura do rei era algo cultuado em ambas as regiões. Mussolini temia que, se depusessem Vittorio Emanuele II do trono, poderiam se iniciar conflitos separatistas em toda a península e assim destruir a Nação italiana, algo que seria desastroso para o fascismo.

As aparências que essa parte do discurso transmitem é de que Mussolini ainda não era um seguidor da monarquia italiana, mas que pretendia mantê-la pelo fato de garantir a paz nas ruas. Contudo, quando o discurso continua, Mussolini apresenta mais argumentos que nos fazem crer que realmente o fascismo passava a ser um defensor da Monarquia na Itália.

Quem simpatizar conosco não pode ocultar-se na sombra, deve permanecer em plena luz. É preciso ter a coragem de ser monárquico. Porque seríamos nós republicanos? Em certo sentido, porque vemos um monarca que o não é suficientemente. A monarquia representaria então a continuidade histórica da Nação - missão belíssima, missão de importância histórica incalculável. (MUSSOLINI, 1995, p.14)



Não somente defendia os monarquistas, mas também os elogiava. Mussolini tenta construir a ideia de uma “política cultural”, isto é, cada povo tem sua preferência por certas formas de governo, contrariando a lógica progressista que via a democracia liberal como o auge do desenvolvimento intelectual político: “Logo, as formas políticas não podem ser aprovadas ou desaprovadas sob o ponto de vista da eternidade, antes devem ser examinadas no ponto de vista das suas relações diretas com a mentalidade, a economia, as forças espirituais de um determinado povo”(MUSSOLINI, 1995, p.13)<sup>81</sup>.

Para demonstrar que sua teoria era válida, Mussolini utilizava-se dos acontecimentos políticos da Alemanha. Com a derrota na guerra, o *Kaiser* abdicou e entregou o governo para os democratas, que assinaram a rendição e iniciaram o novo governo democrático. Muitos dos alemães começaram a associar o novo governo que se formava com a humilhação sofrida pela derrota na guerra, e começavam a relembrar nostalgicamente do passado monárquico, tempos de glória e de vitórias.

É a partir desse sentimento que Mussolini constrói sua ideia de “política cultural”; ele via que os alemães tinham um sentimento mais favorável à monarquia do que à democracia, e, para ele, era claro que aquele povo preferia um regime mais autoritário. No caso da Itália não era diferente: Vittorio Emanuele II esteve no campo de batalha, mesmo que na retaguarda, com os generais; ele era visto como o Rei que fez a Itália ganhar a Primeira Guerra, tornou-se conhecido em toda a península. Para o *Duce*, os italianos tinham a mesma crença cultural e política que os alemães, isto é, apoiavam um governo monárquico parlamentar.

Por último, Mussolini reverte a sua crítica à monarquia feita em 1919. Na época, ele disse que o rei havia entregado o controle do país nas mãos dos liberais e esse era o motivo que o levava a defender a saída do rei. Mas, neste momento, o *Duce* apresenta o rei como uma vítima dos liberais, um refém, e que era missão dos fascistas libertarem-no:

Ninguém duvida que o regime unitário da vida italiana se apoia solidamente na monarquia de Sabóia. Ninguém duvida, também, que a monarquia italiana, pelas suas origens, pelo seu desenvolvimento histórico, não pode opor-se àqueles que representam as tendências da nova força nacional. Não se opõe quando concede o Estatuto, não se opõe quando o povo italiano - embora em minoria, mas uma minoria inteligente e de vontade forte - pede e quer a guerra. Teria razão para opor-se hoje que o fascismo não pretende atacar o regime nas suas manifestações iminentes, mas, pelo contrário, quer

---

<sup>81</sup> MUSSOLINI, Benito *Discurso da Revolução*. Pg. 13.

libertá-lo de todas as superestruturas que ensombram a sua posição histórica e, ao mesmo tempo, oprimem todas as tendências do nosso espírito? Inutilmente procuram os nossos adversários perpetuar o equívoco. (MUSSOLINI, 1995, p.27)

Mussolini passa a defender mais a monarquia e defende os que acreditam nela, em seu movimento, o que demonstra seu interesse em se aproximar da figura real.

Mas por que esse interesse em ter o rei a seu lado a qualquer custo? Isso decorre de dois pontos importantes: primeiro, voltemos à ideologia nacionalista defendida por Benito Mussolini. Um dos autores nacionalistas em que o *Duce* mais se inspirava era Giovanni Papini. Papini era um ultranacionalista do início do século XX, e acreditava que a burguesia industrial que estava surgindo iria dominar o cenário político italiano durante aquele século. Para ele, essa era uma possibilidade bastante sedutora, já que a burguesia era anti-operária e anti-socialista; para Papini, tanto os socialistas quanto os operários representavam um perigo para a nação, devido a seu internacionalismo.

Porém, ao mesmo tempo, a burguesia industrial também deveria ser temida, principalmente os liberais; logo, a burguesia tinha que ser doutrinada por aqueles que compreendiam o real valor da nação, aqueles que tinham sob sua tutela as tradições. Para Papini, essas pessoas eram os aristocratas.

Papini considerava que a aristocracia em grande parte da comunidade se interessava em ligar-se à Burguesia; mesmo que inferior em riqueza, é superior em espírito de corpo e tradição. Uma grande e segura colaboração da aristocracia também seria saudável. Ela e uma burguesia bastante determinada e bastante forte poderiam salvar, neste momento, a Itália do presente, próxima da degeneração e da futura catástrofe. (GENTILE, 2002, p.88)

Mussolini compartilhava da mesma crença, mas discordava de um ponto: para ele, quem deveria tomar o Estado e se tornar a nova aristocracia não era a burguesia industrial, mas sim os fascistas – o alto escalão, para ser mais exato. Mussolini, assim como os comandantes fascistas, deveria se aproximar da antiga aristocracia italiana para poder aprender com ela as tradições da nação e, o mais importante, a tradição de liderança que o Rei da Itália encarnava. Desta forma, o seu governo poderia também se tornar tão longo quanto o dos antigos monarcas.

Papini não era o único que acreditava que o novo governante deveria agir como a antiga aristocracia; outros dois autores que faziam parte das leituras do chefe fascista, George Sorel e Charles Maurras<sup>82</sup>, também defendiam a mesma posição:

Sorel tem uma mentalidade aristocrática, mas acredita na virtude da minoria. Seu interesse pelo sindicalismo revolucionário deve-se à tentativa de encontrar um novo modo de seleção ou, como disse Maurras, ‘uma doutrina essencialmente aristocrática, apesar de seus laços profissionais com a democracia’, e porque acreditava em ver nas ‘elites’ sindicais o embrião da nova aristocracia. (GUERIN, 1973, p.249)

Em segundo lugar, Mussolini interessava-se em manter uma aliança com o Rei porque a Itália era uma monarquia parlamentar, isto é, havia o poder da coroa dividido com um parlamento. Os membros do Parlamento eram escolhidos pelo povo por meio das eleições; já o ocupante do cargo de primeiro ministro era escolhido pelo rei, que poderia demiti-lo a qualquer momento. Mussolini também estava abrindo uma porta para conseguir chegar ao governo, demonstrando ao rei que seu objetivo não era atingir a Monarquia, caso o rei pudesse aceitá-lo e colocá-lo no cargo de primeiro-ministro da Itália. O *Duce* estava preparando o que ele chamava de Revolução Fascista e aplainava todos os caminhos para chegar ao poder, ao mudar seus discursos de ataque para de apoio ao Rei, o que demonstrava seu interesse em tomar o governo brevemente.

### **3.A Revolução Fascista e a conquista do Sul.**

Quando Mussolini transformou seu movimento em um partido, prometeu que não haveria nenhuma mudança; portanto, a promessa de realizar a Revolução Fascista estava mantida: “Mussolini conseguiu passar novamente para a direita, enquanto contentava ao mesmo tempo os *squadristi*, com a esperança de um possível *coup d'état*.” (TANNENBAUM, 1972, p.53)<sup>83</sup>. A possibilidade de tomar o poder por vias não democráticas era vista pelos fascistas não somente como uma possibilidade, mas como a única forma de poderem chegar ao Estado, visto que o fascismo era antidemocrático:

Se a democracia foi útil e eficaz para a Nação durante o século XIX, pode bem suceder que no século XX exista outra forma política capaz de realizar uma união mais íntima

---

<sup>82</sup> Charles Maurras, foi um jornalista francês, pró- monarquia, nacionalista, antissemita e germanófilo. Foi fundador de um jornal nacionalista *Action Française*.

<sup>83</sup> TANNENBAUM, Edward R. *La experiência fascista. Sociedad y cultura en Italia (1922-1945)*. Madri: Allianza Editorial, 1972. Pg.53

da sociedade nacional. Nem mesmo o espantinho da nossa antidemocracia pode ajudar a determinar esta solução de continuidade de que vos falava há pouco. (MUSSOLINI, 1995, p.28)

Mas o que é a Revolução Fascista? Nos últimos discursos que levam “Revolução” no nome, Benito Mussolini toma mais tempo para explicar o que é a revolução para os fascistas. Logo no primeiro discurso, dá uma pequena e rápida explicação sobre esse assunto:

Por outro lado, é necessário evitar que a Revolução Fascista ponha tudo em jogo. Temos que conservar alguns pontos firmes, sólidos, a fim de não dar ao povo a impressão de que tudo é abalado, tudo deve recomeçar; porque então à onda de entusiasmo do primeiro momento poderia se suceder a onda de pânico do segundo e talvez ondas sucessivas capazes de subverter a primeira. Assim, as coisas ficam claras: trata-se de demolir toda a estrutura social democrática! (MUSSOLINI, 1995, p.14)

A ideia de recomeçar as antigas instituições, contudo sem destruí-las, nos leva a crer que o fascismo realmente pretendia uma reforma na política e não uma revolução. A discussão de qual caminho o fascismo deveria tomar, de se fazer uma revolução ou de fazer uma reforma das instituições democráticas livrando-a dos ideais liberais, não era nova. Podemos resumir essa questão através de dois intelectuais que faziam parte do movimento fascista: Alfredo Rocco<sup>84</sup> e Giuseppe Bottai<sup>85</sup>. Suas discussões se baseavam em qual caminho político o fascismo deveria tomar após chegar ao poder. Tornar-se *totalitário ou autoritário*?<sup>86</sup>.

Alfredo Rocco não acreditava em uma política nova; para ele, o fascismo devia trazer de volta o absolutismo. No entanto, esse absolutismo deveria ser adequado ao mundo moderno; portanto, sua ideia era voltar ao passado e criar um fascismo autoritário que tinha como missão se livrar do liberalismo para que assim as antigas elites pudessem governar novamente:

Para Rocco, o Estado novo não deveria ser outro se não uma versão moderna do absolutismo: uma manifestação histórica do ‘princípio de organização’ triunfante sobre

---

<sup>84</sup> Alfredo Rocco, foi político, jurista e economista italiano; antes de entrar no PNF pertenceu a partidos radicais marxistas, mas logo se tornou um “proletário nacionalista”. Sua postura frente à economia italiana e suas relações com os governos de outros países lhe renderam atenção do fascismo, aonde acabou se associando e se tornando um dos principais teóricos do movimento

<sup>85</sup> Giuseppe Bottai foi um advogado, político, economista e jornalista. Foi um importante teórico fascista e pertencia ao movimento desde seu surgimento; pertencia às legiões de camisas-negras fascistas, e junto com Mussolini, organizou todas as atividades desse grupo, inclusive a Marcha sobre Roma.

<sup>86</sup> Para maior compreensão desse debate, indico a leitura do capítulo *Il mito dello Stato novo fascista* encontrado na obra de Emilio Gentile *Il Mito dello Stato novo*. Roma: Lateza.2002

‘princípio de desintegração’. A revolução fascista tinha a tarefa de restaurar o absolutismo do Estado, colocado em crise pela Revolução Francesa, empregando as novidades da sociedade moderna. (GENTILE, 2002, p.238)

Em contrapartida, Giuseppe Bottai não acreditava que o retorno para o passado e a criação unicamente de um governo autoritário fossem as respostas para o problema da Itália, nem da Revolução Fascista. Diferentemente de Rocco, Bottai era a favor de mudanças mais radicais, que atingiriam a sociedade italiana como um todo e não somente o governo; por outras palavras, uma revolução. Giuseppe Bottai acreditava que as mudanças deveriam vir dos ideais do movimento fascista e ser introduzidas na sociedade como um todo, modificando-a para um futuro novo onde a Nação fosse o símbolo maior. O *Duce* seria realmente o condutor dessa sociedade:

A sua ideia era partilhar da ‘geração fascista’: esta olhava com desconfiança (enquanto admirava a inflexibilidade da lógica antiliberal do jurista) o enxerto do autoritarismo conservador de Rocco no sistema político fascista; considerava seu naturalismo antropológico estranho ao voluntarismo espiritual do fascismo e temia que as estruturas do regime que ele havia construído pudessem levar ao tórumo o estado totalitário e os ideais do *movimento*. (GENTILE, 2002, p.239)

Até aquele momento, a discussão de qual seria a pauta da “Revolução Fascista” era uma interrogação. Simultaneamente, Mussolini dizia que a mudança não seria radical, pois seriam mantidos alguns aspectos do antigo governo. Dessa forma, ele defendia uma posição contrária à defendida pelos Camisas Negras. No entanto, no seu primeiro discurso para a câmara, o *Duce* pede para que os deputados e parlamentares respeitem a revolução dos Camisas Negras: “Afirmo que a revolução tem os seus direitos. Acrescento, para que todos saibam, que estou aqui para defender e valorizar ao máximo a revolução dos ‘Camisas Negras’, inserindo-a na história da nação como força de desenvolvimento, de progresso e de equilíbrio.” (MUSSOLINI, 1995, p.14). Isso demonstra que, até aquele momento, próximo da chegada ao poder, Mussolini e os diretores do Partido Nacional Fascista não tinham clareza sobre em qual das linhas teóricas o fascismo se encaixaria. Por essa razão, os primeiros anos do governo de Mussolini seriam extremamente conturbados<sup>87</sup>.

---

<sup>87</sup> As fraudes na eleição de 1923, para que assim o fascismo tivesse maioria no parlamento, foram descobertas por um deputado socialista Giacomo Matteotti; mas ele desapareceu antes que pudesse entregar as provas. Seu corpo foi

Mesmo com dúvidas a respeito do futuro da Revolução Fascista, Benito Mussolini acreditava que não dava mais para esperar, como afirmou em seu discurso feito em Nápoles “Em suma, estamos no momento em que ou a flecha se despede do arco ou a corda demasiado tensa se quebra!” (MUSSOLINI, 1995, p.25). Não somente a frase nos demonstra a intenção de Mussolini de levar a cabo o plano de chegar ao poder como também essa é a primeira vez que Mussolini direciona o foco de seus discursos para uma cidade no Sul da Itália. Essa investida no Sul tinha o objetivo de avaliar a penetração do movimento na região, e impedir qualquer tentativa de separatismo. Em Nápoles, não se reuniram somente fascistas locais, mas moradores de quase toda a Itália, para ouvir as palavras do *Duce*:

Vimos a Nápoles de todos os pontos de Itália para cumprir um rito de fraternidade e de amor. Conosco estão aqui os irmãos do traído litoral dálmata, que não quer render-se; estão aqui os fascistas de Trieste, da Ístria, da Venécia Tridentina, de toda a Itália setentrional; estão aqui também os fascistas das ilhas, da Sicília e da Sardenha, todos os que hão de afirmar serenamente, categoricamente, a nossa indestrutível fé unitária que pretende repelir toda e qualquer tentativa de autonomia e de separatismo. (MUSSOLINI, 1995, p.24)

A quantidade de pessoas que havia na cidade fez com que a diretoria fascista se preocupasse, pois, como a maioria dos presentes era de jovens camisas-negras, poderiam ocorrer momentos de exaltações e de brigas; o fantasma da indisciplina voltava a rondar a mente do *Duce*. Então, um dos seus primeiros pedidos no discurso é para que os ouvintes sejam bem disciplinados e mantenham a ordem na cidade, tanto quando chegarem, quando forem embora, já que a Itália inteira estaria de olho nessa cidade:

Há um ano que, em Roma, nos encontramos numa ocasião envolvidos por uma hostilidade surda e subterrânea que tinha origem nos equívocos e nas infâmias características do confuso mundo político da capital. Ainda não esquecemos tudo isso. Hoje estamos contentes por ver que Nápoles inteira, esta cidade a que chamo de a grande reserva de salvação nacional, nos acolhe com um entusiasmo fresco, leal, sincero, que faz bem ao nosso coração de homens e de italianos; razão pela qual exijo que nenhum incidente, por mínimo que seja, perturbe a nossa reunião, pois que, além de

---

encontrado meses depois e com sinais de tortura. O assassinato foi atribuído aos fascistas, mesmo que a todo momento negado por Mussolini. Esse episódio quase colocou um fim ao curto governo fascista, pois, além de perder o controle do parlamento, Benito perdia o controle de seus próprios homens, que abandonavam o movimento por não verem nele e nem em seu líder, os ideais pelos quais que haviam lutado antes.

delituoso, seria também enormemente estúpido: exijo que, finda a reunião, todos os fascistas que não são de Nápoles abandonem a cidade em perfeita ordem! A Itália inteira vigia esta nossa reunião porque - deixai-me dizer sem aquela vã modéstia que é algumas vezes a proteção dos imbecis - não há, depois da Guerra europeia e mundial, fenômeno mais interessante, mais original, mais cheio de potencialidade que o Fascismo italiano. (MUSSOLINI, 1995, p.25)

Como já demonstrado, sua visita a Nápoles tinha o caráter de valorizar o Sul italiano e, ao mesmo tempo, impedir que houvesse alguma forma de separatismo após o fascismo tomar o poder. A necessidade de manter o Sul unido ao resto do país passava pela criação de um mito nacional que englobaria também a região, lembrando que, sempre que necessário, o fascismo se utilizava de símbolos e mitos para se dirigir à Nação italiana. Em suma, a prioridade era conseguir manter o país unido: “a massa era, para o fascismo, um material humano que podia ser manipulado através da sugestão do *mito* e da força coesiva da *organização*.” (GENTILE; DE FELICE, 1988, p.31); logo, o mito era uma das tentativas de Mussolini em manter os ânimos separatistas do Sul mais calmos:

Vejo a grande Nápoles futura, a verdadeira metrópole do nosso Mediterrâneo - o Mediterrâneo dos mediterrâneos - e vejo-a juntamente com Bari (que tinha 16 mil habitantes em 1805 e 150 mil atualmente) e com Palermo constituir um poderoso triângulo de força, de energia, de capacidade; vejo o Fascismo recolher e coordenar todas estas energias, desinfetar certos ambientes, tolher a ação de certos homens e recolher outros sob as suas bandeiras! (MUSSOLINI, 1995, p.24)

Para que o Império Fascista existisse, dominar o Mediterrâneo era essencial e Benito Mussolini sabia disso, por isso precisava do máximo de bases navais e portos. Nápoles era uma das maiores cidades portuárias da Itália e, já que a cidade de Fiume não era anexada à Itália, o *Duce* precisava encontrar alternativas para substituí-la. Durante o governo fascista, Nápoles se tornou uma das principais cidades portuárias da Itália. Tinha também uma simbologia forte; caso Mussolini conseguisse “controlar” a cidade, as portas para o Sul estariam abertas para o domínio fascista.

Este discurso foi realizado quatro dias antes dos fascistas marcharem sobre a capital italiana - a Marcha sobre Roma ocorreu no dia 28 de outubro de 1922. No discurso, não existe a ordem dada por Mussolini; contudo, sabemos que ele orientou os Camisas Negras para que

“confiscassem trens e se reunissem em três pontos em torno de Roma” (PAXTON, 2007, p.152); muitos desses fascistas dirigiram-se armados para a capital, esperando encontrar resistência no meio do caminho.

Ao receber essa notícia, o primeiro-ministro da época, Luigi Facta, ordenou que todas as tropas de reserva viessem para a capital, para proteger o Parlamento e o Rei; ao mesmo tempo, com as tropas remanescentes, solicitou a paralização, a qualquer custo, dos trens que se dirigissem para a capital. Mas as ordens não foram seguidas, já que a maioria dos oficiais e soldados que foram incumbidos da missão era simpatizante da causa fascista. Houve casos onde os soldados se juntaram aos Camisas Negras e seguiram para a capital.

Quando chegaram a Roma, contavam-se quase cem mil Camisas Negras, que penduravam bandeiras da Itália e o símbolo fascista pela cidade. As tropas que ocupavam a cidade não fizeram nada para impedir a invasão dos fascistas, pois esperavam uma ordem superior para começar a combatê-los. O Parlamento também estava de mãos atadas, já que, para dar uma ordem de combate às tropas, precisavam da aprovação do rei Vittorio Emanuele III que, até aquele momento, não se decidira. O rei preocupava-se em iniciar uma guerra civil, caso desse a ordem para as tropas atacarem, portanto, a alternativa tomada foi a de iniciar negociações com Benito Mussolini.

No dia 31 de outubro 1922, o primeiro-ministro Facta foi demitido e, em seu lugar o rei Vittorio Emanuele III, escolheu Benito Mussolini, que deveria formar um novo governo. Temos então o início dos 21 anos de governo fascista.



## Conclusão.

O fascismo italiano, mesmo tendo decorrido anos de seu surgimento, ainda nos apresenta dúvidas sobre o que realmente representou. Neste trabalho, pretendi demonstrar, através dos discursos de Benito Mussolini, o que foi o fascismo nos seus anos iniciais, isto é, durante os anos chamados de *Fascismo movimento*. Contudo, não posso negar que cheguei a algumas conclusões sobre o porquê do fascismo sofrer alterações. As transformações de movimentos políticos são normais e necessárias, devendo sempre acompanhar o tempo; mesmo lentas, muitas delas quase nunca afetam suas raízes ideológicas. Mas o fascismo sofreu um número de alterações consideráveis em um curto espaço de tempo. As mudanças estão ligadas a alguns fatos importantes.

Como apresentei no capítulo 1.2, um fato importante que ajudou o fascismo a se modificar foi a visita de Benito Mussolini à Gabriele D'Annunzio em Fiume. Nos primeiros discursos de Benito Mussolini, fica claro que seu interesse era reunir os conhecimentos adquiridos no Partido Socialista Italiano e juntá-los com sua experiência nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial, criando assim o que seria um pensamento Nacional-Socialista.

Contudo, sua ideia não foi abraçada pelos ex-combatentes, que preferiam seguir outros movimentos ao de Mussolini. Dentre eles, se destacam os *Legionários* de Gabriele D'Annunzio. Dentre aqueles que lutaram na guerra, D'Annunzio era o líder mais aclamado e adorado, além de ter demonstrado liderança e firmeza em Fiume. Benito Mussolini então, ao viajar a Fiume, aproxima-se de D'Annunzio e imita todas suas atitudes; logo, D'Annunzio se torna um “tutor” indiretamente para Mussolini. A aproximação do *Duce* a Gabriele permitiu que o fascismo se modificasse e começasse a se distanciar das ideologias de esquerda, aproximando-se mais do nacionalismo.

Porém, o ponto principal para compreendermos a razão pela qual Mussolini mudou o seu discurso e a ideologia de seu movimento foi a necessidade de um entendimento maior da sociedade que o cercava. Como já apontado no trabalho, a massa ouvinte dos discursos não é passiva e sim composta de pessoas com capacidade de aceitar ou não o que lhes é dito. O problema dos primeiros discursos de Benito Mussolini é que ele ignorava a cultura italiana. Um exemplo disso foram os discursos anticlericais, que acabavam afastando a população do

movimento fascista, já que a maioria da população italiana era católica e dificilmente aceitaria os ideais de fascistas, já que eles apresentavam propostas contra a Igreja. Não foi somente o fascismo que sofreu pelo seu anticlericalismo; os próprios socialistas também não conseguiram atingir toda a população italiana, perdendo assim parte de seus seguidores para o Partido Popular Italiano.

Mussolini tinha que mudar, então, sua postura diante do catolicismo para, assim, conquistar mais apoio da sociedade italiana. É o que ele acaba por fazer, parando de atacar, e até mesmo passando a apoiar, a Igreja Católica. O fascismo começa apresentando-se como um movimento “puramente italiano”; logo, precisava se aproximar cada vez mais da cultura italiana, precisava cada vez mais se modificar e se adequar aos aspectos culturais italianos, para assim se tornar mais atrativo e angariar apoio na sociedade.

O tempo decorrido entre as modificações por que o fascismo passou é também outro fato marcante, já que todas as mudanças demonstradas nesse trabalho aconteceram em apenas quatro anos. A velocidade das transformações também tem relação com a necessidade de encontrar uma identidade para o movimento, aproximando-o da realidade e da cultura da sociedade italiana.

Porém, mais importante do que observar as modificações, é ver o que permaneceu constante, pois é isso que nos permite desvendar a base ideológica do fascismo. Dentre as permanências que o discurso apresenta, o elogio e a preocupação para com os ex-combatentes demonstram que Benito queria que eles continuassem a segui-lo e que se mantivessem fiéis até o fim.

Outra permanência nos discursos e na ideologia fascista era a identificação dos inimigos do movimento: os seguidores da ideologia socialista e os liberais. Esses adversários do fascismo eram o que podemos chamar de combustível do movimento. Mussolini apelava nos seus discursos para o medo de uma possível revolução socialista, que só seria possível graças ao governo fraco dos liberais. Esse medo fazia com que a população italiana, principalmente a de classe média, preferisse apoiar o movimento fascista, confiando que eles os livrariam dessas ameaças. O medo acompanharia o fascismo até a época de governo e foi uma das principais armas de Benito Mussolini para sustentar sua ditadura.

As mudanças acompanharão o fascismo até durante os anos em que esteve no poder. Cada vez mais a “Revolução Fascista” se demonstraria a revolução do *Status Quo*, já que nenhuma das grandes promessas fascistas seria cumprida.

Para que Benito Mussolini se mantivesse no poder era necessário aumentar a escalada de violência do movimento. Por esse aspecto, Foucault chamaria Benito Mussolini de bufão, já que seu governo se sustentava através de sua imagem e não de suas atitudes. Em outras palavras, Mussolini transformou-se exatamente naquilo que ele jurou combater, um homem que só fala, mas não age: “O grotesco de alguém como Mussolini estava absolutamente inscrito na mecânica do poder. O poder dava essa imagem de provir de alguém que estava totalmente disfarçado, desenhado como um palhaço, como um bufão de feira.” (FOUCAULT, 2010, p.12)

Por fim, meu objetivo com esse trabalho não foi buscar a “forma mais pura do fascismo”, já que isso seria impossível, pois não existe uma forma pura em qualquer movimento; meu propósito foi demonstrar o que representou o fascismo de 1919 a 1922 e a quais públicos o fascismo se direcionava nesses anos. Notamos também que a linha temporal escolhida por mim não alcança os anos em que o fascismo governou a Itália; portanto, esse trabalho não ajuda a explicar como foi o governo de Benito Mussolini.

Termino aqui a minha pesquisa pedindo mais atenção a esses movimentos; não por acreditar na volta do fascismo, pois, como aponta Renzo de Felice, o fascismo é um movimento:

Circunscrever cronologicamente, entre duas guerras mundiais, circunscrever geograficamente, na Europa, e substancialmente na Europa Ocidental, ou seja, naquela Europa que em certa medida tinha sofrido um processo de liberalização, de democratização, que podia ser mais ou menos avançado conforme os países. (DE FELICE, 1988, p.74)

Creio que hoje muitos políticos, e mesmo pessoas que não se envolvem no meio político, se utilizam de discursos fascistas. Uma parte deles por ignorância, já que, pela quantidade de modificações que o movimento sofreu, se torna quase impossível saber quais eram as verdadeiras ideias de Mussolini. Outra parte por concordar com o ideal fascista e querer ter o poder de sedução que o líder do fascismo tinha. Esse trabalho se direciona para o primeiro grupo, tentando demonstrar as mudanças que o fascismo sofreu e os ideais que ele foi adquirindo durante os primeiros anos de sua existência.

## Referências Bibliográficas:

### Fontes:

DE FELICE, Renzo. *Autobiografia del Fascismo: antologia ditestifascisti 1919-1945*. Torino: Einaudi Tascabili, 2001-2004

DE FELICE, Renzo. *Mussolini giornalista. 1912-1922 I migliore articoli degli anni alla direzione dell' Avanti! E de Popolo d'Italia*. Bur, Milão. 2001.

MUSSOLINI, Benito. *A Doutrina do Fascismo*. Grafiei A. Vallecchi, Viale dei Mille. Firenze, 1935.

MUSSOLINI, Benito, trad. Francisco Morais. *Discurso da Revolução*. In FINAL CONFLICT - n° 8, ITP, Londres, Inglaterra, Outono-Inverno/1995.

MUSSOLINI, Benito. *Discursi Politici*. Exercido pelo tipografo do “Popolo d'Italia”. Milão, 1921.

### Bibliografia Básica:

ARENDDT, Hannah. Trad. Roberto Raposo. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo. Companhia das Letras, 1989.

BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. São Paulo, Martins Fontes. 2000

BARTOLO, Francesco Di. “La Terra è dei Combattenti”. I “Programmi” di *Redistribuzione dela Terra (1915-1918)*. Revista Mediterranea N.16, ano IV, Agosto de 2009.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. CROCI, Frederico. (org). *Tempos de Fascismo. Ideologia-Intolerância-Imaginário*. São Paulo. Editora Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial, Arquivo Público do Estado de São Paulo. 2010

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2008.

COLLIER, Richard. *Duce! Ascensão e queda de Benito Mussolini*. São Paulo: Circulo do Livro.

DE FELICE, Renzo. *Explicar o Fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

\_\_\_\_\_, *Entrevista sobre o Fascismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira 1988

DE FELICE, Renzo; GENTILE, Emilio. *A Itália de Mussolini e a origem do fascismo*. São Paulo: Ícone, 1988.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edição Loyola, 2010.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal, 2009.

\_\_\_\_\_. *Os Anormais*. São Paulo: Wmf Martinsfontes, 2010.

GENTILE, Emilio, *Il mito dello Stato nuovo. Dal radicalismo nazionale al fascismo*. Roma: Laterza, 2002.

GRAMSCI, Antonio. *A Questão Meridional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GRIFFIN, Roger. FELDMAN, With Matthew (org). *Fascim: Critical Concepts in Political Science*. Nova York: Routledge. 2004.

GUERIN, Daniel. *Fascismo y Gran Capital*. Fundamentos, Madrid.

\_\_\_\_\_. *Cartas do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

HART, Basil H. Liddell. *La Prima Guerra Mondiale 1914-1918*. Milão. Bur, 2013.

HOBSBAWN, E. J. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

KONDER, Leandro. *Introdução ao Fascismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

MANN, Michael. *Fascistas*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MARIÁTEGUI, José Carlos; PERICÁS, Luis Bernardo (org.). *As Origens do Fascismo*. São Paulo: Alameda, 2010.

MÉSZÁROS, István. *O Poder da Ideologia*. São Paulo: Boitempo, 2004.

MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no Século XX. Volume I: Neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso, Imaginário Social e Conhecimento*. Revista: Em Aberto, Brasília, ano 14. n.61, jan/mar. 1994.

PARIS, Robert. *As Origens do Fascismo*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

PAXTON, Robert O. *A anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

SADER, Emir (org.). *Gramsci: poder, política e partido*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

TANNENBAUM, Edward R. *La Experiência Fascista: sociedad y cultura em Italia 1922-1945*. Madrid: Alianza Editorial, 1975.

TRNDADE, Hélió. *O Nazi-fascismo na América Latina: Mito e Realidade*. Porto Alegre: UFRGS. 2004

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto, 2010.